MANOEL AMBROSIO
(Do Instituto Historico Geographico de Minas)

# Brasil Interior

Palestras populares — folk-lore das margens do S. Francisco

JANUARIA — MINAS GERAES — 1912

VOLUME I — 1.ª EDIÇÃO

Editor da presente edição

NELSON BENJAMIN MONÇÃO

SÃO PAULO - 1934

Ao [illegible] distincto e particular Amigo
Exm. Snr. Dr. Hermenegildo de Barros
esta efemera lembrança da velha
amizade do
[illegible]
Rio — 7 de [illegible] 1935

# BRASIL INTERIOR

**Palestras populares — folk-lore das margens do S. Francisco**

MANOEL AMBROSIO
(Do Instituto Historico Geographico de Minas)

# Brasil Interior

Palestras populares - folk-lore das margens do S. Francisco

JANUARIA — MINAS GERAES — 1912

Vol. I

1. Edição

Editor da presente edição

NELSON BENJAMIN MONÇÃO

São Paulo
— 1934 —

Reservados os direitos de propriedade

*O auctor*

## *Dedicatoria*

Ao Dr. Nelson Benjamin Monção e a Exma. Snra. Professora D.ª Leondina Olympia Monção.

Todo o merito que, porventura, lograr a presente obra á luz da publicidade, vos seja consagrado, um como testemunho do muito que vos deve o seu

*Auctor*

*A seus illustrados collegas e distinctos*

*Professores:* **Nelson Benjamin Monção**
*e D.* **Leondina Olympia de Souza Monção**

*Consagra este singello trabalho, como um tributo de intimo reconhecimento*

**o auctor.**

*Ao meu mano*
*José Alves de Oliveira*

*Distincta e afectuosa amisade*
*A' minha esposa*
*D. Antonia Rodrigues de Souza Oliveira;*

*A' meus filhos, genros, netinhos e cunhados;*

*Aos meus amigos e patricios;*

*A' minha Patria — Januaria;*

*A' intellectual*
*Montes-Claros, a cuja Escola Normal devo a formação do meu espirito.*

*A' Sagrada Memoria*
*de meus queridos Paes*
*João Alves de Oliveira — D. Serafina Alves de Oliveira.*
*vossa colaboração em todos os meus trabalhos.*

---

*Eterna saudade*
*A' minha Esposa*
*D. Josephina Ambrosina Durães Ferreira*

---

*Aos meus queridos manos:*
*Apolinario Alves de Oliveira Cásqueiro*
*Benedito Alves de Oliveira*
*Manuel Salustiano de Oliveira*
*Maria Rosa Alves de Oliveira*

*A' sagrada memoria do querido Pae adoptivo,*
*Sr. Dr. Carlos José Versiani;*

*De meus sogros Marinho José Baptista e*
*Isidro José de Souza.*

# PALESTRAS POPULARES

## LENDAS

### A Mãe d'Agua

O luar clareava as praias do Rio S. Francisco por uma d'essas formosas noites, após os ultimos dias de inverno do mez de Março. O caserio do arraial da Manga resplendia em uma penumbra de luz, tão alva, como uma toalha.

O vento murmurava fresco e suave nas copas verdes das gamelleiras e quixabaes, emquanto as violas sertanejas gemiam no terreiro claro e varrido do casebre do velho Hylario, onde soavam doces éccos de primorosas cantarollas, aos dansares fatidicos do pequeno povo.

A meninada garôta, n'uma algazarra alegre, cantando e abanando tições, attrahia dos marneis visinhos os vagalumes azues:

Vagalume, lume lume,
Teu pai stá lá,
Tua mãe stá cá,
Pereira de Souza!

E de longe, de muito longe... dos serrados, das varzeas, das catandubas, das lagôas, das praias e cercanias enluaradas vinham elles, os vagalumes, girando com suas estrellas, cahir no engano d'essas chammas traiçoeiras. Sen-

tada em uma esteira de palha, estendida á porta da rua n'areia fria e prateada, dizia d. Monica a seus netinhos:

— N'outro tempo (que ja não alcancei), contavam os antigos que n'este rio de S. Francisco appareciam muitas cousas encantadas, qu'inda hoje dis'que tem, como a serpente do Rio, a mãe d'agua, o caboclo d'agua, o cavallo d'agua, o cachorro d'agua.

Dis, que tudo quanto a terra tem, a agua tambem.

Dis, qu'um dia um pescador de nome Simão — Cornêta — chamado, foi lançar suas pindas e cordas pr'alem da bocca do rio Verde Grande, logar até hoje afamado de muito peixe e enormes surubins, maiores do que um home, o mais alto d'este arraial.

Cornêta morava na Manga Velha — dos Cachorro — chamada, em uma ióta que o Rio comeu ja la muitos annos.

Elle, muito pobre, pobre muito, meus netinhos, casado e com muitos filhos. A ne'cidade obrigara-o ir longe de casa. Despedira-se da mulher e dos filhinhos que ficavam com fome.

De cima do rancho de capim de capivara tirou o remo, apanhou as linhas e as pindas, encheu a combuca de iscas de mossum, benzeu-se antes de entrar na canôa e embarcou-se depois, rio abaixo n'uma tardinha. De uma banda e outra do rio tudo socegado! Os barrancos stavam que nem viva alma!

Do lado de cá, onde o sol se hia, os mattos das vasantes deitavam sombras no mei' d'agua. Do lado de lá, todo o cordão da matta, coberto de uma luz que na verdura parecia ouro em pó deluido. E de ouro eram tambem as areias das crôas, faiscando mais bellas do que estas onde nós estemo. Os passarinhos cantavam por toda a parte. Os passarinhos são os meninos do matto; elles tambem tem pae, tem mãe, tem irmãosinhos e vovosinha, como vocês tem. Quando elles cantam, falam, conversam, choram, riem e brincam, voando nos prados, nos ninhos, nas varzeas, nas campinas, nas ramagens nas flores.

Mas porem, Simão Cornêta descia. Ao passar pelas crôas, colhereiros grandes abriam as azas, côr de rosa, e voavam

espantados, rio acima, para o sul. Bandos de Gaivotas cacarejavam, acocoradas nas praias rasas com os filhinhos, e logo que viam aproximar-se o pescador, levantavam o vôo e peneiravam nos ares por cima da sua cabeça, ora, atacando-o, ora, em um penoso xui! xui! xui!

E o pobre Simão lembrára-se dos filhinhos e olhára atraz.

Seu ranchinho e sua ia sumiam-se rente d'agua, no horizonte do pontal. La no horizonte um ponto branco se movia.

Era sua mulhersinha. Parando por instantes o remo, pensára muito e suspirára. Os colhereiros n'aquelle momento faziam rodas e pousavam, chegando por detraz d'aquellas bandas de resaca, allumiada pelos ultimos raios do sol, que tambem fazia roda e entrava nas serranias. Simão sentira um nó na garganta, mal contendo o sangue a queimar-lhe as faces. Eram as lag'mas. Chorava. Largara o remo dentro da canôa; e remechendo a combuca de roupa, achara o caximbo de barro, enchera-o de fumo, tirara fogo no artefício, e, acceso que foi o pito, soltára grossas baforadas de fumaça.

Duas horas depois, chegara elle ao logar do seu destino. Estendeu linhas e armou pindas. O tempo era bom.

Por alli encontrára outros pescadores conhecidos que deram-lhe bôas noticias, e elle, confiado, esperou a felicidade; mas, a felicidade não o quiz, não veio. Nada pegara n'aquella noite. No dia seguinte, nada! Terceiro dia e terceira noite, nada! Estava quasi a desesperar o pobre pescador. Quando a quarta aurora rompera, resolvera elle voltar á casa. Morto de fadiga, fôra para a terra e adormecera em um rancho de um velho pescador como elle, e que se achava ausente. Horas se passaram.

Chega o dono do rancho; e, conversando com sua mulher, falava baixo afim de não despertar Simão, que, de mamparra, fingia um somno profundo!

— Pobre home! S'ea Maria! Pobre home! Tenho dó d'elle; tantos dias e sem pegar um peixe só, e tem famia grande!

— E pruque não pega, meu véio, Cyriáco?

— Umfum! m'ea véia! Pruque não sabe.

— Apois, não é pescadô?

— E'; mas, não beserva das indromas do pescá. Eu tenho pena d'elle, pruque é muito bão pai; mas porem, não posso ter dó!

— E, meu véio, seo Cyriaco, pruque você não ensina elle, você que não percisa tanto?!

— O que? Eu?... pera cond'elle assobi me fazer guerra? Eu vejo e tenho visto muitos inzemp'lo no mundo; e por isso, cada um que curte seu fado.

Simão nesta hora atirou um ronco tão grosso que estremecera o velho pescador.

— Um! Maria! ronca que nem um bandeira!

— Eh! apois, tem razão. Contos dias sem drumi?

— E fazeno cruis na bocca!

— Cruis na bocca?

— Ora, ora! E eu acho bão, Maria, é que você arrufe bem a panella, apois, cond'elle s'alevantá d'alli, é azul de fome, e fome de cachorro magro.

— O dicomê stá feito.

— E chega?

— Se chega...

— Antonce, bote qu'eu ja vou chamá elle.

— Mas, meu véio, você não ensina, intonce, o pobre home, eim?

— Kumkum! E dispois, nem qu'eu ensinasse, elle não arregistia a pantomia da mãe d'agua, antes de abotoá no pente d'ouro d'ella, qu'ella bota, meia noite fóra d'ora, em riba da pedra lisa que hai no Perão de Baxo. E' preciso ter muita corage e levá uma bôa tóra de fumo forte, pramode se jogá pa traz, condo se corre d'ella a todo o dá, pruque ella não manca: vem em riba da gente.

E condo vem, ai! ai!... Eu que lhe conte... não é pra todo mundo!

Este Simão?... este?... Ei! coitado d'elle! Finado Simão! Só da rebanada d'ella, é pá! qué!

— Mais, se fora eu, ensinava.

— Ist' é você; mas porem, cá cómmigo, não! M'ea véia, não conversa muito, que conversa muito acaba cá farinha da mesa.

Lenha verde
Não se accende,
Quem muito drãme,
Pouco aprende.

Simão deu um suspirão profundo e o velho parou a conversa, gritando:

— Seu Simão? Êh! seu Simão?

Simão fingia dormir inda mais.

— Ôh! seu Simão? berrou forte.

— Inhô? respondeu Simão, levantando-se com espanto. Inhô? Vancê me chamou?

— Uê! vancê hoje pramode coisa que não vai terrená? Que horas são esta?

Simão olhou o sol que afundava-se na outra banda do rio.

— E' muito tarde, tio Cyriáco. Vou-me embora.

— O dispois que nois comê um dicomêsinho.

— Sim, tio Cyriáco; mais, não pesco hoje, não pesco mais, c'a muié mais os filinho stão m'esperano.

— E vai sem peixe?

— Vou sem peixe. Ah! Tenho stado muito infeliz n'estes quatro dia... e... so isso!

— Ja agora, sem levá alguma coisa? E' bão attentá secór ó meno hoje.

— Nhor não!

— E' bão! Pruque é de i, de mãos vasia?

— Não atemo ca sorte.

E Simão baixou a cabeça. Sentado n'areia, metteu-a entre os joelhos. O velho esteve contemplando um instante o desgraçado, teve impetos de contar o segredo da Mãe d'Agua; mas, com usura, callou-se, accrescentando apenas condoido:

— Antonce, vancê vai-s'embora?...

— Nhor sim! Vou esprementá seu conseio; porém, de lá mêmo vou tirano, apois, eu seio que não pegarei nada.

O velho passou um olhar por uns varaes de peixe gordo, e não teve coragem de offerecer um pedaço ao pobre. Suspirou, apenas.

— Eh! mais porem, pode pegá.

Depois do jantar Simão despedira-se. Tomando o remo e desatando a canôa, se fôra para o meio do rio a terrenar, e, descendo, sumiu-se no horizonte. Ao entrar do sol, o velho Cyriaco fincára matreiramente cada olho... assim!... para as margens desertas; mas, não vira nem tomada, nem chérada de Simão.

— Sim, murmurára elle com ares de satisfeito á sua mulher; o Simão sahio ventano.

— E se por acauso elle não stivesse drumino e ovisse o que meu véio, seu Cyriáco, falou?

O Cyriáco estremeceu; e, aterrado tornou a olhar.

Mas, a noite cahiu.

— Elle não saberia nunca do logá, qu'é muito differente do rumo quelle tomou. O dispois, stavá com um somno de pedras, e tão pesado como uma barra de chumbo. E' impossive tivesse uvido; nem qu'elle sonhasse!

E contou, mirando, os grandes varaes de peixe gordo.

— Deos queira, meu véio, seu Cyriáco! Mais tambem, elle stá tão despatriarchado!... distrisiado!... barriga no fundo! Só hoje...

— Ora, você é muito inzoneira; coge me fais descobri o segredo.

Estetal Cyriáco era um arranjadão de tanto pegar e vender peixe; mas porem, muito usurave. Os outros pescadores o respeitavam e d'elle tinham ciumes; falavam baixinho (aqui pra nós) que elle tinha famaliá e tinha tomado partes c'o cão. Fosse ou não fosse, Simão, que era muito mitrado, sabia agora do segredo do velho Cyriáco. Quando de todo escureceo, atravessou elle o rio, e, aproveitando a noite, beirou a outra margem a todo o remo.

A lua vinha apontando por cima dos mattos e as aguas tomavam uma cor de azul e neve. Alta noite chegára Simão

na pedra lisa do Peráo de Báxo, na ponta alta de um ióte, muito afamado nos tempos antigos, e onde o rio fazia um grande rebojo ao pé de uma ribanceira, correndo c'uma velucidade tal, que as aguas gritavam, cumo se fossem gente viva, brigando c'as pedras, cobertas de mangue branco.

Ninguem por alli passava sem risco de vida, mesmo pruque o lugar era malassombrado. O pescador era corajudo; custou muito, mais, venceu tudo. Occultou-se bem nos mangues, segurou a canôa debaixo de escura ramagem, perto de uma pedra grande que á claridade da lua espelhava, de de tão lisa que stava. E deixou-se ficar. Picou fumo, tirou fogo no arteficio, accendeu o caximbo e fumou muito para afugentar o somno, de olho vivo, sempre vigilante.

O luar stava que nem o dia. De uma banda e outra do rio era um silencio que mettia pavor. Só muito no fundo das vasantes as guaribas e os barbados roncavam; e la de vez por quando as jaósinhas cantavam muito saudosas: *traz os cavall'ahi?*

Por cima d'agua, atravessando o rio, cahia do céo uma chuva de raios da lua, n'uma torre bella e as ondas brincavam, faiscando prata e ouro. Era pelo pino da meia noite. Uma rajada de vento correu de sul a norte, e foi morrendo... morrendo... Os criangús cantavam na floresta. Simão ouvio debaixo dos pés no fundo do rio a toada de um pilão: tan! tan! tan! tan! tan! tan! Um gallo tambem cantou três vezes e um cavallo d'agua deu um guincho tão agudo, que estremeceu as pedras, sacodio as folhas do mangal e as arreias do ióte escorriam na correnteza. Nos abysmos do peráo começara então um rumor de falas de gentes e animaes, porem, tão distante, que Simão mal distinguia o que era.

Derrepente ouviu elle um canto. Ah! meus filhos! e que canto, como se não canta na terra e nem ninguem sabe cantar tão bem e tão bonito! Simão stava suspendido; que quando deu por si, sem elle saber como, vio apparecer em cima d'agua uma casa como uma pasta d'algodão, de tão alva que era. Era o palacio da mãe dagua. Seus teiádo, unidos, cuma escama de peixe, eram de ouro; de ouro as janellas e portas fechadas, as paredes de prata polida. A lua cahia em ci-

ma e um clarão allumiava as praias, a vasante e a matta. Quem estivesse de longe diria que a lua estava se banhando no rio. Cornêta, quasi aterrado, escondia-se dentro da folhagem do mangue. O palacio perto d'alli stava. Elle suspirava: tanta riqueza e elle tão pobre; tanta riqueza onde elle nunca sonhára! Conhecia desde moço aquelle ióte; é verdade que d'elle ouvira contar-se tanta historia bonita que nunca acreditára, e agora aquelle encanto, aquella belleza ás horas mortas que nunca suspeitára! Cumo fôra bom ter elle arregestido as panta formas!

Lembrára-se do velho Cyriáco, do seu segredo e murmurára la comsigo: — Por isso é que o tio Cyriáco é tão rico e tão feliz! Ah! veiáco! Elle, com certeza vio o palacio... e quem sabe se tambem a mãe d'agua? Se eu visse ella tambem! ah! se eu visse ella tambem! Ella é rica e eu sou pobre; se eu visse ella e lhe pedisse uma esmola, ella me daria o seu pente de ouro. Mal assim pensára, abrio-lhe uma porta do palacio, a que ficava rente d'agua; de la partira uma moça muito fermosa e veio nadando de mansinho... de mansinho... olhando, parando, escutando... muito sarapantada... para cima... para baixo...

Para cima o rumor fraco do vento e as estrellas do céo como uns fachos nas aguas mortas.

Para baixo, ainda o céo, e n'um cantinho do céo uma nesga preta de nuvem e nada mais. Tudo dormia: o céo, as estrellas, o alvoredo, as aguas; até o abysmo que não roncava mais.

A Mãe d'agua assentou-se na pedra lisa, pertinho de Simão, embebido n'esta hora em tanta fermosura, esquecido de tudo mais. Não cansava de mirar aquelle rosto de anjo e os olhos de estrellas vivas. Alvo, da côr de leite era o seu corpo da cintura pra riba; pra baixo, era um peixe escripto com escamas de prata; de ouro eram as barbatanas, de ouro o cabo, de ouro os seus cabellos finos, lisos, compridos, occultando os lindros peitos e descendo cacheados até á cintura. Sua bocca, pequenina; pequeninas as delicadas mãos e os braços lindramente torneados.

Quando ella se assentou na pedra lisa, Simão disse no coração:

— Ah! que mentira! E' mentira qu'isto não é mãe d'agua; é antes uma santinha do ceo. E ajoelhou-se dentro da canôa.

A folhagem tremeu. A mãe d'agua olhou para a folhagem. Um pé de vento soprou, uma torre de nuvem espiava por cima da floresta, a lua empinou no meio do campo limpo do ceo azul; mas, tudo, tudo serenou. Quando serenou, a mãe d'agua tinha os olhos accesos como dois vagalumes dentro d'uma rosa; e os foi serrando de vagarzim, como se estivesse para adormecer para sonhar. Depois, abrindo-os novamente, d'entre as escamas sacou um lindro pente de ouro, e, repartindo os seus cabellos, penteou os ricos cachos, sarapintados de diamante.

O pescador stava louco... louco... fóra de si. O palacio, a mãe d'agua, o pente cobiçado... tudo era uma realidade e tudo ao seu alcance. E então, o pente!... o pente de todos os seus sacrificios!

Bastava levantar-se, dar um salto em cima d'elle, e seria dono de toda a sua fortuna. Semelhante tentação deu-lhe na cabeça e não resistio. Levantou-se de poimt'empé, apartando os ramos dos mangues. Ella nem suspeitava. Atára os lindros cachos com uma fita de escamas douradas; e, descansando o pente na pedra, pensativa... pensativa... foi cerrando os olhos, adormecendo. Simão, assombrado, imprudente, muito imprudente, de uma coragem monstra, esgueirou-se entre os ramos, fechou os olhos e deu um bote de trigue em riba do pente.

Ah! quem Deos pruvéra! Vi'ge Nossa! Praque elle fez assim!? A mãe d'agua deu aquelle grito agudo... doloroso, e mais de uma legua, rio afóra, se ouvio aquelle estrondo.

Quando rompeu a aurora, o ióte tinha desapparecido e nunca mais se soube, nem novas, nem mandadas de Simão Cornêta.

A mãe d'agua carregou elle pra casá c'oa filha d'ella.

## O Lobishomem

— Hoje na moderniça, dizia Franklina á sua visinha Leonarda, ninguem qué dá mais credico no lubisono.

— Nharsim! Isso mêmo! respondia a outra.

— Mas porem, hai o lubisono, cumo esta luz que stá nos allumiano, tão duro como osso; e Deos le livre e a quarqué de cahi nas garra d'elle, sem stá munido de uma bôa faca qu'é so de que elle tem medo, pruque, assim mêmo, stamo prevenido... an! ai! ai!... não só é nêgo escopeteiro no pinguelo, in cumas geleiro no porrête. E no porrête antonce... é negrão!

— Sea Francolina, que qu'ancê stá dizeno?!...

— Pode o freguez jogá da forma que quizé, qu'elle stá lambido de devéra, non stá na duvida; apois, nem uma porretada pega n'elle.

— Ora, vancê ja visse?! uá!...

— E alma de fogo?

Nharsim! isso mêmo! alma de fogo, moça?

— Pr'alma de fogo, só stano descuidado.

— Que stá dizeno, sea Francolina, não me diráes? Ora veja, home!?

— Sea Lunarda, eu que lhe conte: o bixo é encantado.

— Kenkem, sea Francolina!

— O finado fallecido, meu marido, seu Kelemente Raxadô (Deos te chame n'alma, foi em vida, não em morte, não te sirve de pena), era um home de corage e quebrou o encanto de dois lubisono; um foi de um primo meu, a pedido de uma tia minha que pedio chorano a meu marido. Esta tia minha tinha seis fios home todos macho; pod'crê, é mêmo qu'ancê está veno.

— Nharsim! Tudo machim! Benza Deus! Impô!?...

— Todo o mundo e nois tambem arrequeria ella que, condo sentisse prenha de quarqué creança, fazesse logo premessa de botá o nome de Eva, pramode o menino que tivesse na barriga virá femea, sinão havéra de virá o bixo, cumo sem duv'da. Mas, porem, sea Lunarda, m'ea tia quebrou páo n'uvido; nunca deu credico, e conde sinão conde... pan! nas-

ce um menino macho, sem ella fazê a premessa, cumo s'ensinava.

— Kenken! e pan! virou o bixo logo?... Não me diraes?...

— Ja lhe conto. E vancê vê, conde a gente não s'emporta c'a premessa, assim cumo acontece c'o lubisono, acontece c'a bruxa.

— Isso mêmo! ora veja home?!

— A muié que pare incarriado seis fia femea, condo é pra tê as sete, bota logo o nome de Adão, tudo trocado, sinão a menina vem, e logo sahe bruxa. Assim que chega no sete anno vira aquella barbuletona, entra p'la fechadura da porta da muié parida e xupa o embigo das criança que morre c'o mal de sete dia, conde a parteira não é bôa mestra e esquece de botá a thesoura aberta debáxo da cama da parida, onde a criança nasce.

— Stá veno? Ora dasse! Veja que furdunsco do diacho!

— Ora bens, cumo eu ia contano de minha tia...

— Nharsim! stou lhe óvino.

— Logo que ella teve morgado, todo mundo disse logo: esse é o lubisono. O menino foi cresceno, se poz rapazim, e vio-se antonce a deferença d'elle e os outro irmão. E a gente sempre de ôio co'elle.

— Assim mêmo! ué!

— Andava pru fora toda vida muito munzuado, marimbudo e vivia p'los canto muito triste.

— Eh! pô! Veja so, s'isto não seráes... uê!...

— Eu sump'e dizia a meu véio: Kelé; meu véio, Deus não me chame por testemunha; mas porem, este menino... fum! este menino ja stá, mas, é virano o bixo.

— Quá, moça, me respondia elle: este menino o que é, é doentio; o lubisono d'elle é o prato grande — a muita terra qu'elle come. E' devoto.

— O que? Este menino não come nenhumas terra: a terra d'elle é os bacurins aeios.

Não é não; e aindas que fosse, muito que bens: era sina qu'elle trôve, e cond'a gente nasce co'ella, só o barro! Tem de cumpri.

— Eu me calei.

— EH! mêmo.

— Meu véio era muito resmelengue do teimoso, coitadim!

(Deos perdoe teus peccado, não te sirve de pena); mais eu já ouvia seo andá rosnano nas milodença.

— Ora é pô!

— Um dia minha tia chegou la em casa p'la porta a dentro n'um planto de chôro, porcurano seu Kelé. D'aterrada stava branca que nem cêra de defunto e tremia que nem varas verde. Foi antonce que contou que apanhou o fio drumino mei-dia ca bocc'aberta; espiou e descobrio um fiápo de baiêta, out'o de couro crú e outro de cabello de porco macho nos dente d'elle. Ja de pr'a menhã elle não tinha armoçado e stava se quexano de uma dô incausada na bocca do estambo, cumo dô de ventusidade. Ella, pans! deu um gomitoro e elle, vapo! bebeu! Ora, não teve que vê. Dahi um instantim... êta Nossa Senhora! sea Lunarda; oia baieta véia, bacurins, garra de couro podre, molambos e porcaria da parte de fóra!?

— Ora s'isto não seráes a tentação?

— Isto foi n'uma sexta-feira de coresma. Seu Kelé só antonce é que deu credico, assim mêmo pru sê mea tia, e premetteu a ella de quebrá o encanto do menino. O finado fallecido éra muito treiteiro e sabia de muita reza forte; de maneiras que, foi la vê o menino, rezou elle todo, mas porem, ja de nada valeu, que o encomb'do do encanto stava muito passado. Ora muito que bens! Nessa sexta-feira, não; mais, na out'a o menino inventou de drumi cedo. Meu marido, seu Kelé, stava avisado e botou espia no cabra.

— Nharsim! assim mêmo!...

— A noite era de escuro. Panhou elle antonce, um gavuzão qu'elle tinha, debruçou no hombro e sahio. Entre elle e minha tia tudo combinado. O gallo stava p'ra rachá o bicco. O menino que drumia no mei' dos out'o, n'um couro de boi, accordou, lavantou a cabeça, oiou em roda... steve... steve... steve... tempos esquecido, assumptano. Acabou de alavantá e foi pêemtepé... pêemtepé... abriu sem baruio



a porta do quintali, tirou a camisa, foi no poleiro de gallinha, rollou nú no chão pra lá, pra cá, pra lá, pra cá e correu pro xiqueiro dos porco e metteu-se no mei' d'elles. Os porco puzero a grûni e elle rollou na lama; que conde sinão conde, Sea Lunarda, sortou aquelle cachorrão preto dos óios vremeio...

— Te desconjuro! Kuk! Kuk! cruz! S'isto non... xém! xém...

— ... cúma braza de fogo vivo, cum cada duas oreia que batia qui nem matraca. Que conde meu véio quiz acodi pra quebral-o o encanto, cumo elle achou... deixa!

— E' isto não seráes pru arte do xujo, sea Francolina! Uai!

— E' cumo stô lhe dizeno. Umfum! N'é d'hoje qui nem poeira! Ja elle vio, mais, foi os grito dos bacurins e o roncado da porca do vizim e a cachorrada que batia atraz d'elle n'um baruião qui era aquelle horrô.

— Sea Lunarda, este menino so seno fio de capêta, pruque os fio do capêta é que é desta opposição.

— Pera vancê vê! Meu véio, aqui, morreu mão no porrête, botou-lhe outra tocaia n'out'os bacurins qu'elle sabia, e sem elle esperá, debruçou-lhe o porrête e rachou-lhe malimali a cabeça. Logo que fêis sangue, stava quebrado o encanto.

— Êrre damnado!

— O menino, antonce, mea sinhá, que lhe conto? ajueiouse todo e deu mil agradecimento a meu véio e pedio-le pul' amór de Deos que não contasse a ninguem, e que esperasse por elle alli mêmo que elle ia em casa buscá um agradim pra elle.

— Meu véio cahio na heba e ficou, mas porem, de mamparra, na treita.

— Nharsim! Stá se veno e alhas qu'é cum'ancê stá dizeno mêmo... na treita, c'as lodaça do menino.

— Oxente! Stá bom! Elle de ladino que era (Deos te chame n'alma, não, te sirve de pena, foi em vida, não em morte), tirou o gavuzão, embruiou c'oelle um toco de pau

que alli stava, tirou o chapeo da cabeça e pois na cabeça do toco e s'escondeu.

— Nharsim! De escondê mêmo! Oxente! Quá...

— D'ahi um pouco, m'ea sinhora, chegou o menino c'uma lazarinona do finado fallecido pai d'elle, que Deus chamou do zelão cardico, levou mollas a ribas e pan! arrivou fogo no tôco, pensano qu'era meu véio.

Quis marvado, quis tocudo!

— Stá o presente qu'eu te truve, messegeiro de tolo los diabo! qu'é pramode você non sê abiúdo, nem lutrido, nem cahi n'outra d'andá s'emportano ca vida aeia, desgraçado!

— Ih! quis macóta! macumbé!?

— Eh! mas porem, meu véio non tutubiou. Seu Kelé pulou n'elle:

— Ah! severgonho, lubisono de tolo los diabo! Antonce, est'é qu'é o presente que você me trouve, cachorrão, desavergonhado, este... aquelle!... Espera, côrno, qu'eu te faço as barba! E cahio n'elle que disse as do fim; passou-lhe um sabão, um lavaé, que nunca mais virou lubisono.

— Fum! Tu topou, tamancudo! Bem feito! pranão andá mais zanzarano e bongano.

— Poi'z'é! Moça, gentes ruim não so cae, in cumo darruba os out'o.

— S'é qu'é devéra!

— Cum nois mêmo ja se deu d'uma feita out'o causo (mais isto é segredo, pruque ficou em segredo inté hoje; e emboras que meu véio morreu, eu não quero que ninguem s'aba ispramentes os messegeiro, lingua-quente d'essa terra); mais porem, cumo eu ia contano...

— Nharsim!

— E' que nóis morava n'umas tapéra véia que nos dero pra morá. Kelé era muito trabucadô da vida; botou uma rocinha que tinha de tudo. Era cumo agora, na coresma. Nois criava uma porcada, onde havia uma porca grande... porcona por aqui assim e que era um risco. Pario uns déis leitãosim que era um mimo da nossa estimação. Dias ô dispois, pegou os bacurim a sumi de um a um, e ja stava coge pu la



metade e nois pensano qu'era bixo do matto. Ora muito que bens! Vancê vai veno.

— Nharsim. Stou pono suparação.

— Nois morava só e muito longe de gente. O vizim mais perto era de meia legua, um tal Plasto, Candinha chamado. Eu andava damnada de m'ea vida, e seu Kelé, meu véio, nas pimenta, comeno brasa prumode os leitãosim.

— Eh! stou ruparano.

— Moça, so s'ancê visse; uma coisa é vê, out'a é contá. Fazia pena. E' o mêmo qu'ancê stá veno.

— Toda noite de sexta-feira era aquella certeza.

— Ora veja, home!?

— Conde nois assustava na cama, era ja p'los ronco da porca e os grito de um bacorim no xiqueiro, xambuqueiro, é verdade, mais porem bem feito, de perposto, bem seguro. Um dia n'uma sexta-feira (foi mêmo cedo... cedo), nois tinha deit'iado n'aquelle estantim, condo o alarme se deu.

— Lá o diabo espatifou mais um, Kelé!

— Este diabo stá caçano, mais porem, eu seio ô que é; é ja eu vou la fóra. Cadêl-o o meu porrête?

— Stá hi no canto junto ca bassôra.

— Vai buscá. Dá ca-lo.

E sahio; mais porem, vortou logo, pruque a porca stava azogada e não deixou elle encostá.

— Ah! stava escarosa!

— Cum rezão; apois de minhãs contou-se um bacorim de mêno.

— Ora vancê não dasse!?

— Na sexta-feira seguinte meu véio arrumou tudo muito cêdo; quem quer que é, disse elle, hoje vem, e eu, ou escagateio o diabo no porrête, ou fuma pro diabo na faca, ou tosse pró inferno no xumbo, nam tem reré nem corda de rebeca! No se pô do sol arranjou elle, antonce, uma moita de fôia, e assim qu'escureceu, se metteu dent'o, debáxo. Gentes, não mancou!

— Nharsim!

— Conde os treis cruzêro, os treis rê magro, as treis Maria, cas treis guarda e o guardanapo de Santa Pelonha

fessou que na verdade tinha dado um tiro n'aquella noite, mais porem, não no moço, nem ni pessôa argûa; qu'elle pissuia um cachorro de estimação e o dito cujo cachorro stava cabano c'uns leitãosim qu'elle criava e foi perciso matal-o. No mais, tudo calunha que stavam imputano; era puro impute.

— Isso mêmo.

— E este cachorro? proguntou o juiz.

— O cachorro, Vó Senhoria? Aqui, méa muié, que si pôis a chorá pramod'elle, pruque estimava elle muito, enterrou elle. Santo Deos! Praque Kelé diss'assim?!

O pai do moço, os parente, a justiça, mais o povaião cahio ni nois pra mostrá o lugá. Nêsse contenente chega um sordade e diz a seu juiz:

— Vó Senhoria, alli no xiqueiro tem uma sepurtura de fresco. Kelé e eu fiquemo coge morto. Kelé me ôiou e eu ôiei Kelé, me apegano com tolo los santo da côr do céo. Tudo correu pró logá e nóis fumo cum seu juiz.

Condo la cheguemo ja stavam cavano. E cavaro... cavaro... cavaro! O causo ja stava de dias e tudo tapava os nariz co mêdo da catinga da fedentina do moço. E' aqui! é aqui! Tira o moço! Elle st'aqui, é elle mêmo, tira o moço! Cava! cava! tudo dizia. E o pai, cos parente, c'os irimão e mais gente derramava agua, chorava a Deos dará. E os insurte que nóis levemo? ah!...

— Sim, sim! mêmo! pois?

— Pragas dos ceos á terra! Nunca vi tanta praga de tremê as carne do corpo.

— Vancês se viro e não contaro! Nharsim!

— Fum! ai! ai! nóis nos vimo n'esse dia; stavam cavano, aqui conde sinão conde arrancaro o cachorro có bacurim, já tudo pôd'e, fedeno.

— E' mentira! disse o pai; o menino stá mais pra baxo. Cava mais. E desandaro a labanca. Cava, minha gente! cava qu'eu pago caro; tenho dinheiro, e quem descobri, ainda pago uma grugêta.

— Col descobri, nem cava, seu Plasto! acodio seu juiz. Antonce, eu serê moleque de canguixa, ou quarqué cangoxeiro seu, pró senhô me aballá de mea casa, tão longe, pra



vim vê se desenterrá cachorro, o senhô que me agarantio seu fio stava enterrado mêmo e que foi este pob'e home mais a muié que o matou-le, e que seu fio não virava lubisono? Capadosco!

Ai! mea senhora, praque seu juiz diss'assim?!

O Plasto, que tinha muito óid'o d'uvi se falá que o fio virava o bixo, eim? ficou damnado, suberbou nas barba do juiz, gaguejou e deu uma gallegada:

— Cum licença da palav'a, seu juiz! E' mentira de Vó'-Senhoria qu'eu nunca lhe disse que meu fio virava... Stá me chamano capadosco? Ca..pa..dosco! é elle!

Ai! Meu Deos praque o home falou simiante barburidade?! Seu juiz cahio n'elle que disse las do fim.

— Desavergunhado! O individe rapacuia, pé rapado de todo los diabo! Não seio ond'estou que não te prendo ja cum esta cambada de teos fio, teos parente, caguleteros, pornoscos, mentirôsos e atrevidos. Que desafôro! Safa de minha presença d'aqui pra fóra, negrada, tropa de nó cego, de cascabuios! Sordade, ufriciás de justiça, de promtidão! Piza pras tuas casa canaias! E pio! eim? Nem tunge, nem munge! Acabou! Gente, o Plasto murchou!... e o povão sahio tudo de cabo molle, resmungano:

— Eh! pitou! O Plasto pitou, coitado! Coge que bamos tudo pra cadeia! prum trisco!

— Nharsim! Apois cum'és que foi botá seu juiz de mentiroso?

— Pra vancê vê!... Gentes despejado, malludos, conversadôs, gentes cheia de prebas... vai jogá puia com seu juiz!?...

— Um! Nharsim! E acabou de concului?...

— Ora! ora!

## A onça — Borges

Ja ninguem se lembra mais do velho Guedes, fallecido, ha uns bons 25 annos com quasi cem de edade. Contava com gosto, como um dos mais antigos homens do seu tempo, suas velhas e xistosas lendas com o sorriso e simplicidade de credula creança com limpeza e graça taes, que não era muito possivel a qualquer tentar uma duvida que sahisse de sua bocca. Assim, em dias de bom humor, de pachorra e minuciosidades entre amadores de tradicções, costumava contar uma das suas e cuja palestra ainda que um pouco disfigurada no fundo, todavia, corporisava-se por assim dizer em suas palavras sérias, calmas, intelligentes e inflexiveis.

— O Borges, de quem fui discipulo, dizia elle, era um vaqueiro ambulante, mysteriosamente apparecendo por fazendas em occasiões de difficeis vaquejadas em que pintava proezas admiraveis. Nos sertões do norte mineiro d'elle se fala ainda com essa crença supersticiosa cheia de infancia e desalinho, marcando datas, logares, perigos immaginaveis, quasi impossiveis, salvando gerações, vivendo de todos e por toda a parte, sempre o mesmo, inestinguivel. Franzino, mulato de mediana estatura, pouco edoso, falando pouco e muito descansado, sempre vestido de perneira e gibão, cavalgando eternamente uma egua muito feia e magra e occultando a larga fronte, olhar expressivo e barba expessa e comprida sob um grande e desabado chapéo de couro — tal a figura sympathica do Borges. Quasi nunca era procurado, porque, bohemio dos campos, sua residencia certa ignorava-se.

Amante de empresas arriscadas, maximé vaqueanas, sua presença dir-se-ia infallivel onde e quando menos se esperasse. Fôra, pois, n'um d'esses apertos, dizia o Guedes, de famosa vaquejada nos sertões do [illegible]a, em uma das abastadas fazendas d'aquella região.

Vaqueiros os mais destemidos e avalentoados das redondezas de mais de doze leguas, haviam-se internado por dias em um campo quasi impraticavel, varejando-o em todas as direcções; mas, o gadame alevantado e bravio inutilisava os

A vaqueirada despejou a motejar. O vaqueiro baixou por instantes a cabeça, como se humilhado, e subito, fixamente fitando o fazendeiro, replicou no mesmo tom:

— V. Sa. me dê o garrafão e o bilhete de ordem.

— Então quer?

— Vou!

— Homem de Deos, não se illuda. O Senhor não reflectio bem, ou não quiz ouvir melhor. D'aqui ao arraial veja que são quatorze leguas. Ida e volta vint'oito! Como forasteiro que é, nem de rumo sabe o Senhor.

Não se illuda, pois. Quer escutar? Senhores vaqueiros que me ouvem, quantas leguas d'aqui no Capão Redondo?

E uma voz geral se levantou do immenso povo: quatorze!

— Já vê que em nenhuma hypothese jamais arriscaria uma apposta, ainda mesmo que valesse uma fortuna, para chegar aqui amanhã com hora marcada e no melhor dos meos cavallos, quanto mais para um jantar que está cheirando e ja de toalha á mesa.

Todo o pessoal tomou o partido de Antero, procurando dissuadir o imprudente; porem este, imperturbavel como sempre, retrucou:

— Mas V.Sa. se quizer, pode entregar-me o bilhete e o garrafão. Nada mais, deante de uma teimosia inexplicavel, impossivel. Antero, homem de rasgos, n'um impeto de admiração, indagou-o ligeiramente do nome.

— Ventura, creado de V.Sa. para o servir.

Sem mais demora o temerario e impertinente fora satisfeito.

— Pois bem, Sr. Ventura, visto querer buscar essa cachaça para o jantar, traga-me um garrafão de vinho. Aqui tem a ordem ao meu compadre [illegible]io e terá cincoenta mil réis se chegar á hora do jantar, como affirma e parece-lhe.

— Sim, Sr. V.Sa.; foi toda a resposta.

Tomou Ventura o seu animal, atravessou o pateo e a trote manquejante e desengonçado partio, tendo atado cuidadosamente ás costas o garrafão. Assim que viram-no sumir



na orla do matto proximo, retalharam de motejos aquelle pobre louco.

— Aquelle tira leite em onça.

— E mama.

— E poja, ambos e dois: elle e a egua d'elle.

— N'essa heba elle não cahe d'aquella tijella que arubú não qué mais.

— De certo; querê cumo, se a pobre egua vém cos dente de fóra que nem terra come. Não vi aquelle pobre animal comê hoje um fiapo de capim.

— Aquella não come mais capim.

— Só se fô capim de egua!

— D'egua mêmo, apois de que será mais?

— Vai dá couro ás vara no camim.

— Pobre egua, aquella nunca teve tempo de coçá nem de si ri.

— Nem corage.

— Ora, um gambá cheira outro: quem vio o dono, vio a dona; deixa la que elles quando se encontram elles se entendem; elle mesmo é que sabe se o badoque d'elle bota longe. N'esse interim, um escravo annuncia o jantar, cortando de vez a troça.

— Mas, minha gente, não me dirá donde sahio esse freguez? indagou Antero.

— E' verdade, resmungou um dos presentes; freguez theba! mas, não é nosso conhecido, nem se sabe de que banda veio.

— Estou seriamente interessado por esse individuo tão singular. Parece um varrido, não tem duvida!

Instantes depois, seguia-se o jantar. Os numerosos convivas tomavam seus logares; uns entravam, emquanto o escravo que andára a [illegible]ar outros mais distantes occupados em mistéres diversos [illegible]unciára — sim senhor a chegada de mais um vaqueiro.

— Bem! muito bem! mais um batalhador, Antonio! Quem será? Não o conheces?

— Não seio, nhor não, Yoyô Quem quer que é stá apeiano na porta cum garrafão na cacunda.

— Com um garrafão ás costas?

— Nhorsim!

— Algum vendilhão de cachaça a retalho! Que fortuna! Ah! se eu advinhasse!?

Nesse instante a lembrança do Ventura passou-lhe pelo espirito.

— Qual! pensou elle; que esperança!... Não pode ser; se o for, voltou do caminho; se voltou, não quero loucos em meu serviço. Despedi-l-o-ia immediatamente se tal acontecesse. N'essa lucta de pensamento, indagou duvidoso do escravo.

— Antonio, reparaste bem este vaqueiro?

— Ruparei, sinhô.

— Não será um dos nossos que d'aqui sahio, ha poucos instantes com um garrafão pro Capão Redondo?

— Ahi stá, Yoyô! Não seio; não me achava á hora; mais é um vaqueiro, amontado n'uma egua magra.

— Que?! E' este mesmo.

— E' elle mesmo V.Sa. Desculpe-me vir entrando sem sua licença. Eu estava receiando de que V.Sa. ja estivesse jantando; porem o tracto... tracto! Aqui tem sua encommenda; creio ter chegado a tempo.

O fazendeiro não sabia que responder. Recebendo o garrafão, examinou-o detidamente. Era o mesmo e estava lacrado de novo.

— Ventura, desculpa-me a franqueza — então o Sr. foi ao arraial do Capão Redondo, quatorze leguas?!

— Pois não fui? V.Sa. quer maior prova, duvida? Se duvida, quebre o lacre e veja se isto é vinho ou cachaça.

— Não sou capaz; mas, n'este caso o Sr. assombra-me.

— V.Sa. não se assombre de tagarellas.

— De tagarellas?

— De tagarellas. Quero dizer que um homem do seu quilate não deve admirar-se de cousa alguma d'este mundo, onde tudo é possivel.

— Nem tudo.

— No possivel, entenda bem, assim como n'este caso tão simples.



— Tão simples!?...

— E natural! Deslacre o garrafão.

— Eh! estou vendo com os meus proprios olhos! A vaqueirada trocista perdera a fala e a graça de todo, e agora pasmava-se de bocca aberta n'um frémito de admiração e respeito supersticioso.

— Só seno obra do cão.

— Isto mêmo. Este home tomou partes co'xujo. Cruz! cruz! cruz! tres vêis. Eu te desconjuro. Credico em cruz e azavésso.

— Queira Deos não seje elle o prope Luçofé! Ave-Maria, Ave-Maria! Cruis! pé de pato! Vai-te pro máo Fridurico!

— Bamo-z'a vê premêro; botemo pra sumptá: se aquillo não fô vim, será aloá que dis'que o capêta pois pros massonco, no dia de quinta-feira maió e antonce se vê logo que o catingão d'enxofre levantá já, apois, não manca!

N'esse instante o fazendeiro, abrindo sua bella bolsa de couro, passava ao Ventura cinco moedas de ouro no valor de 50$000.

— E um pingo do vinho tambem; pois não tive tempo de proval-o, disse o Ventura, rindo-se.

— Pois não! com muito gosto; mas, á mesa, que o jantar nos espera.

Deslacrou-se o garrafão.

Um cheiro suave tresandou pela sala, e o primeiro copo, a transbordar, foi entregue ao Ventura que promptamente o despejou á saúde do fazendeiro, accrescentando mais estas duas lettras:

— Já vê V.Sa. que tudo isto não é, não pode ser obra do cão; não é aloá do capêta, nem tem catinga de enxofre. E' bem bom este vinho, concluiu, estalando a lingua de gosto.

— Ah! ah! ah! entreolharam-se resmungando, dois dos maldizentes de inda a pouco.

— Inté que esse home é adivinhão.

— O mió da festa é não se falá mais no arrispitivo, pruque n'este rijume o home é um perigo.

Aquelle: — Um borra-botta; elle andá, mas, é imbodando só.

Pabulage de vaqueiro, quem não stá veno?

— Embodando e botando gunzo pros urubús, eim? interrompera o fazendeiro, cortando as garras da malidecencia; vocês não estão satisfeitos com a licção de hontem? Deus queira, não sejam vocês a levarem o seu gunzo e o da sua egua. Deixemos de chalaça.

— La agora, ist'é qu'é; confirmaram muitos inda que dubiamente; alguns, porem, prosando roncavam nos peitos:

— Quem é elle?

— Tem poucas carne nos quarto.

— Elle, mais egua d'elle.

— Isto de viage são sampathia.

— São pauta.

— Todo mundo sabe d'isto; retrucou em seguida um machacaz de vaqueiro; cada um tem seus agigo: eu por imzemplo não faço isto, mas porem, faço outras quelle n'é capais.

— Olha! reprehendeu o fazendeiro.

— E' cumo stou lhe dizeno, meu patrão! Viro cupim, viro fôia, viro tôco, viro tirira no mei da estrada limpa; e se o moleque de devéra não fô mêmo d'esses marticulado, escopeteiro, apois, credite V. Senhoria, qu'eu vou torano e deixo elle na varge, mamano na Paula. E tomo muitos dos que aqui stão pru testemunha.

Algumas vozes: — E' cacundeiro mêmo. E' o malhó cacundeiro d'este sertão; não tem outro. Até hoje stá só; é o mest'e dos mest'e dos vaqueiro.

— Um! um! um! Oh! Oh! cambada de gente bêsta! Cruz! Maria!...

Aquelle outro como é um pornosco, um canaia muito grande Patacoada só! Mentiroso! Aquillo mente que acôa cachorro!

Assim murmurava baixinho um rapaz desabusado, denominado Zé do Matto, referindo-se ao tal mestre dos mestres.

O Antero gostára muito do dito xistoso do Zé do Matto e desafogou-se n'uma estrondosa gargalhada que desapontou bem aquelle palavreado inutil, gritando em seguida:



— Senhores, vamo-nos embora; enterremos o pé devéras, ou nada faremos hoje. E a lucta recomeçou com mior esforço possivel; mas, desde logo percebeu-se um desespero geral.

Touros encurrallados e que maiores sacrificios custaram, haviam transpostos espheras e signos samões tão afamados do Urucuia, traçadas por magicas aguilhadas. Caso virgem! Tudo perdido!

— La vai uma! xasqueou o Zé do Matto ao fazendeiro, que pensativo, conservava-se silencioso.

O Tal mestre dos mestres enciúmado e comendo-se de despeito, rangiu os dentes e alguem ouvira-o resmungar:

— Aqui hai dedo de mais!...

— Descambava agora o sol para os chapadões e serranias azues, e a tarde, tarde explendida, entornava-se vagarosa e solemne, derramando uma poeira de luz e ouro sobre a floresta. Finda a campanha por esse dia, contentando-se todos com o pouco que pouderam a custo arrebanhar pelos caminhos. A's ave-marias chegavam e assim entravam no grande pateo, curraes, mangas, tudo atarracado de gado n'uma berraria deliciosa.

Todos estacaram-se maravilhados e mais ainda o mestre dos mestres dos vaqueiros, vendo no centro do curral grande os bellos touros bravos, os mesmos que prendera com suas sympathias.

— La vai outra! disse rindo-se o Zé do Matto.

— Eis aqui grande parte do meu gado! exclamou o Antero n'um assomo de enthusiasmo. E rompendo a custo a massa enorme, contornando o pateo chegára té á porta; e sem apeiar-se, indagára dos escravos e de sua familia por aquelle feito, impossivel quasi.

Responderam todos, tambem cheios de assombro, ter sido o Ventura.

— Ventura? Ventura só... ou...?

— Ventura! sem mais outro.

— Desde quando aqui chegou?

— Desde o meio dia.

— Meio dia?!...

— Meio dia!

— Onde está elle?

— Lá no rancho dos vaqueiros.

Não se deteve o fazendeiro, que n'um verdadeiro transporte de alegria, procurando o Ventura, cheio de agradecimento abraçou-o.

— Ora, não ha de quê! disse este, rindo-se.

— Ventura, exija de mim tudo o que o Senhor quizer e ver que esteja ao meu alcance.

— Nada e tudo V.Sa. simplesmente sua amizade. Eu pensava que seu gado era bravo mesmo, qual se me dizia, e não fora assim. Ah! é uma bôa manada de carneiro; foi tocar-se e tudo seguio caminho dos curraes. Ficou um restinho que nada vem a ser. Isto a gente vai buscar amanhã. No mais acontece que essa meninada ainda não sabe trabalhar.

— Ventura, não basta muinha amizade; ja eu não sei como agradecer-lhe, tão emprazeirado estou pelo que acabo de presencear em minha vida; longe d'aqui ninguem acreditará em semelhante facto. Dou-lhe o terço dos rendimentos de minha fazenda se o senhor quizer ser meu vaqueiro.

— Qual! isto nada quer dizer, desculpe-me; V.Sa. admira-se facilmente de tudo. Se eu não fosse tão occupado, com certeza acceitaria sua proposta.

E Ventura, como esquivando-se ir mais adeante, cortou a conversa:

— Olha, o cargueiro que V. Sa. mandou ao arraial vae chegando. Antero ia protestar não ter despachado cargueiro algum; mas, não se animou.

Ventura n'este momento tomava proporções de um gigante e dominava-o. Parecia de tudo saber.

Com effeito, era Antonio, o escravo que, como vimos dirigira-se secretamente ao Capão Redondo a mandado do seu senhor, a quem agora entregava uma carta, cuja obreia partira elle com a maior presteza.

Olhando a firma e reconhecendo-a real, detidamente lera o conteúdo: isto é, seu compadre Tiburcio scientificava-o ter recebido e immediatamente despachado o seu recado. Que o portador fôra um vaqueiro de nome Ventura, assim, assim, de tal forma e estatura, montando uma egua muito magra,



que d'alli partira cerca de quatro horas, mais ou menos, da tarde e o desculpasse finalmente não ter escripto por occupações e ter o portador accusado muita pressa, etc. etc e tal. Concluida a leitura, não se conteve o Antero.

— Ventura, estou plenamente satisfeito. Convido-o desde já para tomarmos juntos um copo de vinho.

— Acceito-o pela bondade de V.Sa.

Ora a noticia logo correra de bocca em bocca, concordando-se que aquelle homem não era um *caxicoló* qualquer, nem mesmo um vaqueiro vulgar. Seria antes um ente sobrenatural, talvez a alma d'algum finado vaqueiro em penitencia pelo mundo, e dahi muitas lendas e historietas do genero que surgiram entre aquella gente credula, supersticiosa.

E, alma penada, genio, ou quer que fosse, o Ventura, alvo de acclamações, sentou-se ao lado do Sr. Antero em um lauto jantar, comeu a valler e sobriamente virou o seu valente copo de vinho, correspondendo a um brinde do dono da casa.

Só um individuo não gostára de toda aquella festa: o mestre dos mestres.

— Ei! ria-se a bom rir o Zé do Matto, eu bem dizia. Ja tu topou a fôrma do teu pé, malludo, surrão de embira!?

Um collega indagára á socapa:

— Que é?

— Que é?! Você ainda progunta? Pois não vê que o tal mestre dos mestres está todo dalli enfesado?

— Ah! sim; agora é que noto. Que cara de quem comeu e não gostou! Que será?

— A pauta d'elle, homem, foi hoje quebrada!

Este murmurio correu em toda a mesa; mestre dos mestres, exasperado deu partes de doente, retirando-se. Em seu cavaco, apezar da opinião geral em contrario, o Ventura não passava de um grande feiticeiro, sabedor da mandraculas; e com certeza, agora, mais que nunca, tinha tomado partes c'ó cão; por isso é que dera conta d'aquella viagem impossivel, e arrebatára, reduzindo com rezas fortes, todos os touros que elle com trabalho amarrára, conduzindo-os por artes do capeta tão facilmente aos curraes.

Bem! Toda a noite em festas!

Amanhece.

Ventura que até então não se aventurára á menor palavra de contestação ou de enfado, pretextára uma doença qualquer; porem, falando sempre em ir tambem ao campo. Sabedor disto, o fazendeiro esforçou-se para que Ventura tomasse um descanso, pois, muito trabalhára.

— Vou, disse elle. E' necessario; existem touros em diversos logradouros e careço dos serviços de todos os companheiros.

E uma voz geral ecoou:

— Estamos ás ordens do mestre Ventura!

— Mas, eu não sou mestre. Como ia dizendo, quasi não podia ir, porque um maldito rheumatismo atacou-me esta noite...

— Oh! neste caso, atalhou Antero, deixemos o campo para amanhã, mesmo porque é necessario accommodar ainda o gado que anda por fóra das mangas.

— Não se encommode V.Sa.; o gado que o senhor vê, não sahirá d'aqui para parte alguma. Vou ao campo porque quero acabar com este serviço. Tenho um tracto certo com uma pessôa a quem não devo faltar. E virando-se para o mestre dos mestres, pedio-lhe o favor de ir buscar o seu animal, accrescentando com certa amabilidade: não lhe dá trabalho, não; ouvio? E' um favor que fico a devel-o. Toma a brida e é quanto basta. E' uma egua muito mansa, estou d'aqui quasi enxergando-a. O senhor volta já.

— Sim, senhor! respondeu contrafeito mestre dos mestres; com muito gosto!

— Ficar-lhe-ei muito agradecido.

Mestre dos mestres correu ao campo, virou-o, e revirou-o, remexeu e esquadrinhou toda a moita que vio, todo o taboleiro visinho e voltou de mãos vasias.

— Não achei!

— Não achou como?

— Não achei a egua em parte alguma.



— Homem, comeffeito! Olha lá? e apontava para o campo: la está ella! A vaqueirada olhava para o rumo apontado, sem nada divisar.

— Nenhum dos senhores está vendo-a?

E todos se calaram, entendendo que o mestre dos mestres não queria servir de creado. Muitos se offereceram para buscar a egua.

Ventura agradeceu por ter pedido ja a seu amigo, e este de bôa vontade se prestára áquella fineza. Não quizera papel feio, portanto.

— Não é porque não queira, disse elle, e sim porque não encontrei em parte alguma seu animal, apezar de tel-o procurado muito aqui nos arredores.

Em todo o causo, irei segunda vez. E foi e nada. Embirrado, tentara terceira vez com os mesmos resultados.

Eh! exclamou Zé do Matto, vendo-o chegar: voltou c'uma mão na c'ronha e outra no traquête.

N'este momento todos os vaqueiros se aballaram em busca do animal; mas, Ventura os deteve.

— Não consinto tamanho sacrificio por uma cousa de nonnada Eu cuidava que este amigo era mesmo mestre dos mestres. Agora, vou eu mesmo. Esperem-me aqui. Faça o favor dar-me esta brida?

Mestre dos mestres entregou a brida, já muito desafinado.

N'um abrir e fechar de olhos Ventura desapparecera entre uns arbustos, e á vista de todos entrára no pateo, puxando a egua, sellando-a immediatamente sem mais palavra.

Mestre dos mestres roia um ferro e arrastava um couro desgraçado; porem, cego de orgulho, não se dava ainda por vencido.

Arrastou sabenças deante dos companheiros que d'elle riam e do seu desprestigio, portanto. Dada a hora, novamente partiram. Ventura tomou o rumo de um logradouro, onde de vespera deixára preso um dos mais valentes e bravos touros da fazenda, e ao aproximar-se do logar advertio:

— E' alli e d'aqui se o vê bem.

O matto, em forma de um curto bosque, abria-se n'uma linda clareira, cujo pó revolvido, espalhava-se fresca brisa, recamando-o na folhagem como um fluido aereo, ferido pelos raios do sol.

— A maré está subindo rapaziada! Quero ver a madeira rolar! exclamou Ventura com enthusiasmo.

Na verdade um enorme touro, escuro e reluzente circumvoluia na estreita planicie, escarvando e estremecendo a terra com seus mugidos de féra. Houve um momento de indecisão para atacal-o; mestre dos mestres vio isto e não contou fiado.

— Não vá não, senhor! Não vá que ja o vi fedendo! gritou Ventura!

— Veja tatú pra que cava e o diabo cumo attenta!... ôh! defunto feio! gracejou Zé do Matto. O perigo era evidente e a vaqueirada gritou tambem aquelle louco; mas, o soberbo não quiz escutar, não esteve pelo aviso, arrojando-se a todo o gallope para o abysmo.

Mal transpõe o signo vaqueano, largamente traçado em torno do touro, este o investe de tal maneira rapido que em poucos segundos mestre dos mestres e o seu cavallo embollam-se na mesma poeira. Morre o cavallo, e o teimoso escapa-se, acodindo-o em tempo Ventura, a quem agora deve a vida. O touro conteve-se dentro do signo, não ousando atacar, nem tampouco transpor a mysteriosa barreira. Ventura fingia-se agastado.

— Ahi está. Se eu bem disse, melhor sahio. Cahio redondo! Eu não quero mais isto; este vaqueiro é muito presumpçoso e pabulagem o come de uma assentada.

E, apeiando-se junto ao signo, sacou do pé uma das esporas e atirou-a contra o touro. Este curvara-se immediatamente tão manso, como um cão aos pés do seu senhor.

Ventura, estendendo a dextra, foi direito á féra, batendo-lhe no dorso tres pancadinhas: — Socega!

Voltando-se para os companheiros, prohibio-lhes terminantemente atacar os demais touros que dalli por deante apparecessem presos. Em busca de outros logradouros, repetio elle as mesmas façanhas com igual precisão por diversos sitios, aqui atirando a ultima espora, alli uma pedra,



e acolá um páo, uma folha verde, alem o chapeo, o gibão, o chicote, a aguilhada, um ramo qualquer, conduzindo, emfim, sem o menor incidente aos curraes, esse bando selvagem e perigoso.

Finda a vaquejada ao declinar o sol do meio dia.

O mestre dos mestres já desabusado, fora o ultimo a chegar á casa pela tardinha, envergonhado, confundido, com a sella á cabeça. Arriando a carga, procurou o Ventura.

— Vancê me queira perdoá. Seio que lhe devo a vida, abáxo de Deos e venho lhe agarcecê; pelo que, eu e todos nóis temo visto e ouvido, indêsna que Vancê aqui chegou, só se pode se dizê que Vancê é o Borge de fama.

— Não tem que agradecer, respondeu Ventura, tranquillamente rindo-se e do mesmo modo accrescentou:

— Sou simplesmente — Borges —, porem, sem fama, um criado para o servir. A' estas palavras mestre dos mestres ajoelhou-se, pedindo perdão.

Zé do Matto não se conteve:

— Êrre diabo! conheceo mallungo?!

Quem puxa folle é ferreiro.
Ferreiro é quem puxa folle.
Você foi de cabo teso,
Mas, voltou de cabo molle.

Houve uma gargalhada geral.

— Eh! Só Deos pode ser o mestre dos mestres. O que te fiz foi muito de proposito para arrancar-te a soberba que daria cabo de ti, quando menos esperasses. Levanta-te que não sou santo! Como te chamas?

— Me chamo Sarapião, um creado de Vancê.

— Já o sabia. Contenta-se com isto só, e não caia mais n'outra!

— Nhorsim! Nunca mais!

Qual se vê a descoberta do Borges fora um grande acontecimento: fazendeiros, vaqueiros, camaradas, escravos e outros popuares cercaram de attenções aquelle homem famoso

noticia. Comeffeito, o cavallo, o mesmissimo em carne, osso, côr e ferro do seu dono!

A viuva não cabia em si de contente, alisava-e mirava-o, attribulada de penosas recordações, repassadas de lagrimas.

Chamando de novo o escravo, fez-lhe com severidade as mesmas recommendações do Firmino: — nenhuma ração!

Ao meio dia, porem, subindo de ponto o calor, o animal sentio-se vexado; disto avisada pelo escravo, ordenou que este o lavasse á uma aguada proxima e não tirasse de forma alguma a brida.

Assim o fez; mas, uma vez alli, morto de sêde o pobre animal não sorvera a menor gotta d'agua. Tolhia-o absolutamente a brida, e tal sua insistencia, que o escravo teve dó e affligio-se muito. Contra a ordem que tinha, imprudentemente livrou-o d'aquelle estorvo; mas, sob um grito de assombro!

Em um instante desapparecera o bello animal e a seus pés, n'um desmantêlo ruidoso, tombára n'agua o esqueleto completo do cavallo de sua senhora. Voltando de carreira á casa, fielmente referira todo o occorrido, não só á viuva, como ás demais pessôas da redondeza, que, appressadas, dirigiram-se ao local. Uma vez diante da realidade, exclamára a desditosa:

— Diabos te levem pros infernos do teu Meio Mundo, Firminão! ladrão de todos os diabos!

E de factos como estes, incriveis, extraordinarios enchia-se o sertão; por exemplo: a mudança de um bosque para logar differente, pescas de peixes em paragens absolutamente seccas, etc, etc. Por muitos annos sem outra cousa mais se falára sinão no Borges. Um dia a tiros e chuços uma onça, que zombára de todos as esperas e ardis, morria em um grande fojo, aberto cautelosamente á porteira de um curral de fazenda. E essa onça, terrivel, devastadora, fora reconhecida: — o Borges!

---

Pastoreava uns gados o famoso vaqueiro por uns desertos, onde se embrenhára com um auxiliar seu discipulo e



amigo. Cinco dias eram decorridos e elles mortos de fadiga, de fome e sêde. Exhaustos e sem tempo de tornar á casa por muito longe, apertava-os mais e mais a penuria.

Borges era forte e destemido; queria alem disto experimentar e ao mesmo tempo preparar seu discipulo, que não primava muito por aquellas qualidades.

— E's muito fraco, meu rapaz! Tenho dó de ti. Sentes muita fome, não é assim! Coragem! Aprenda ter coragem! Agora mesmo vou matar aquella novilha gorda que alli vês; terás occasião de testemunhar uma das minhas, e porque te estimo e muito, quero ensinar-te o que ignoras. Vou tornar-me em uma onça cangucú; sangrarei a novilha; beberemos depois o sangue e não faltará mais carne bôa fresca, secca e gorda. O discipulo arregalou muito os olhos.

— Não te admires, se promettes-me não ter medo, tanto melhor; provar-te-ei o que disse, e para que não duvides um instante, espere um pouco aqui. E entrou para um serrado, onde demorou-se algum tempo. O discipulo tremia, apezar da muita confiança que depositava no mestre; parecia-lhe vel-o surgir na verdade, como onça, daquelle antro.

— Toma este maço de folhas; agora, você vae ver-me, mas pura onça. Matarei, como disse a novilha e voltarei para você com a bocca muito aberta. Nada de mêdo, moço! Aperte bem este maço de folhas na mão, e quando me dirigir para você, sem deixar cahir uma só, tire do meio esta folha (e indicou-a); colloque-a na minha lingua sem demora e eu me transformarei logo. Se você não tem coragem, seja franco; do contrario, não me arriscarei a semelhante sacrificio. Entrou Borges segunda vez no serrado e não tardou que d'elle saltasse um disforme cangussú, que, investindo o gado, derribára a mencionada novilha, sangrando-a n'um volver de olhos. Saciada a sêde, escancarou as fauces o cangussú em busca do discipulo. Este, tomado de pavor, de ha muito fugira a todo o pasmo.

A onça o perseguio por toda a parte durante muitos dias e sem resultado. Caçadores que andavam por longinquas e ermas espéras de veados e antas, muitas vezes fala-

vade uma onça singular que conversava a sós nos desertos. Dizia-se que era mentira de taes caçadores.

Em breve, pelas fazendas apparecera uma terrivel mortandade de gados. Uma onça descommunal, atrevida e valente assolava essas regiões atacando curraes que os não haviam seguros em parte alguma, até que tragicamente viera cahir e acabar-se em um desses, de modo porque sabemos, sendo reconhecida n'esse dia pelo discipulo traidor que, pezaroso assistira ao triste desenlace. A onça depois de uma lucta desesperada, conseguira transpor o fojo que lhe fora preparado; mas, para morrer atravessada nos chuços, zagaias e muitos tiros certeiros de calvinas. Naquelle duro momento, conta-se, que ao dar com os olhos no ingrato discipulo que alli se achava entre os matadores, soltára um terno e prolongado gemido que nada tinha de selvagem, seguido do ultimo suspiro.

## A mulla sem cabeça

— Arrunego d'aquella que, dizem, eu não seio, não juro, qu'é, mulla de pad'e, Kuk! kuk! kuk! kuk! kuk! (guttural) Cruis! eu t'arrunego treis vêis! Cruis da bracafusada, da encrenca da tua pantaforma! Eu so seio dizê qu'era n'um dia de sexta-feira de corésma. Era bem tarde já. Eu e mamãe, nois tinha cabado de chegá em casa, ô dispois das encommendação das arma. Nois é vinha de carreira, coge mortas d'assombrada. Mamãe, coitada, esta cahio na porta da rua, de bruço, que nem genipapo maduro, em conto eu destrancava a porta. Entrou arrastada nos meus braço, tremendo cumo varas verde, cansada em tembos de deitá a arma p'la bocca. Non vê, que conde acabou-se c'oa encommendação, qu'era na rua de riba no cruzêro da Bôa Morte, cada um dos companheiros pitou seu fumo e tomou seu rumo e nois tambem tumemo o nosso. E nois é vinha puxano muito e nois moraya longe no fim da villa.



Mali fiquemo só, condo uvimo uma matinada qu'é vinha da rua de riba, e mamãe disse logo:

— Minha fia, queira Deos nois não temo hoje, córque branquifeste! E eu fiquei logo me temblano, sipono o que seria. Mêdo, que Deos dava! E puxa que puxa puxa q'ue puxa! Tira que tira! quisape, quitrape!... que a arma stava pra sahir pla bocca! E o trêm lai vem e nois demo pra corrê. Panhemo nas mão os xinello, botemo a saia pla cabeça e mettemos o arco. E o trêm atrais de nois! Pramode coisa que nos vio, e avançou c'uma tribusana, c'aquella bataria que chegava a tremê a terra. Eu não sabia o que era; mamãe, antonce, foi quem conheceu de longe.

— Minha fia, stamos perdida! E eu pensei logo qu'era difunto.

— Aquillo é a mulla sem cabeça, disse ella, parano. Não corre mais não, qu'é mais pió. Deita-te de bruço n'areia, cobre bem a cabeça e esconde as unha dos pé e das mão. Se ella vié e nos cherá, não tem nada.

— Mas, mamãe a tribusana é grande, l'evém aqui perto... e pramode qu'é duas tribusana?...

— Cala bocca, menina, deita! por Nossa Senhora!

E nois... brucutú! n'areia, na beira d'um fedegosal.

A lûa stava quilára que nem o dia! Conde nóis fumo deitano, a tribusana parou coge perto de nóis n'uma encrenca... fim! ai! ai! Era duas mullona.

Vinha tinino aquella ferrage, n'uma latomia, c'uma pantomia que fazia horrô. Eu acho que uma sentio o bafo que o vento trazia da outra, e por isso foi que uma parou, esperano. A outra, a de riba, nam manocu! Foi chegano e aqui no contenente arribou-lhe uma bandelada na outra, que foi de quarto abáxo, que chegou escanchá. E trancáro uma briga que fedeu chamusco, aquelle fedozão de enxôfe. Eu arribei bem, antonce, a ponta do lançó da encommendação pra vê. Uma bruziguiada do inferno! Coge qu'assombro, condo fui dano c'os oios na bixa.

Era patada e dentada que sahia aquellas lasca de fogo! Arreparei bem as duas porcona, as duas mullona, cada qual

có duas estrella na testa. Era fogo só! E ellas, papú brucutú! papú brucutú! Dava roncos e rinchava que parecia dois bixos ferói, dois diabo em pessôa. E batero ferrage!... batero ferrage!... brigaro horas larga, que cum poucas o gallo cantou.

Aqui, cond'o gallo cantou, apartaro a briga, e uma correu pra riba, outra pra báxo, que sumiro n'aquella mundaça.

Antonce nois lavantemo; e, pernas pra que te tem?

Cheguemo em casa pra morrê, e o trabaio malhó que deu-me pra socegá mamãe?

Conde nois stava pra deitá, batero na porta cum força.

— Quem bate?

— E' de pais.

— De páis quem?

— Eu, fulana!

— Ah! Ah! ah!

Mamãe, que, por inlivia, sabia mais ó mêno do causo, me coxixou-me em segredo, pondo os dois dedo na bocca.

— E' dona fulana. Ella é que é a mulla sem cabeça que nóis vimo.

— In cumas, mamãe? proguntei eu por aqui assim indimirada e báxinho: d. fulana!?

— Não quero vê promoves, eim? Tu fais que não vê, que de nada sabe; eu vou abri a porta e tu não te alavanta, nem pru sonho. E sahio e foi abri a porta.

Eu, pan! fiz que stava drumino e roncava... de mentira.

Mamãe destrancou a porta e conversou báxim qu'eu não uvi. So uvi mamãe dizê: não tem ninguem.

A muié entrou gemeno; stava que fazia last'ma. Oia? cada lápo d'est'amanho... no corpo todo! A outra mula era valente, e eu acho que trazia navaia e era d'outra freguezia.

Comeu a outra em vida que não mancou e coge a mata. Nam foi nada; subiu pra riba da cama e debáxo de muito segredo (aqui pra nóis), o vigáro, ô dispois do causo passado, que soube, veio in nossa casa, horas morta, e levou antonce pra casa d'elle a tal fregazona d'elle. Antonce, conde se proguntava, se dizia qu'era catharrão cum



feverão. Ella, se maldizeno, contava de semp'é á mamãe a sua sina. Coitada! tinha uma má sina. Muitas vêis quizera largá o pad'e; mas porém, á sina d'ella puxava, e ella, que só dava pr'aquillo, não tinha remeidos a dá. Hoje ninguem vê mais disto (qu'indas hai)! mais, n'outro tempo, cumo no meu, era um risco! Deos amostrava muitos inzemplos. Ainda hai a mulla sem cabeça; custa muito, mas porem, hai. Essas cousas de Deos umfum!... ninguem deve marmurá. Mamãe veio sabê, ô dispois muito tempo, qu'essas gente são iscommungado. O pad'e que se mette c'oa vida d'essas tafula, desneque alevanta da cama, o premêro Deos te sarve e o premêro pilosiná é inscummungá ella sete vêis, antes de rezá. Condo reza o breviaro, sete; antes de carçá o xinello, sete tambem, qu'é pra levá pra greja a fulaneja debáxo dus pé; antes de começá a missa sete; sete antes de tocá na pedradella; sete ante o premêro donozobisco; sete no mei' da missa; sete no alevantá do Senhô; sete antes do cale, sete ô dispois que acaba a missa. E tudo isso em sete coresma elle é obrigado a fazê. Que conde interá as sete coresma e sete sexta feira, na béspa, é hora da fulana, a tafula, virá a tal mulla; sem ella esperá (n'uma sexta feira é que começa); chega cuma doida no monturo, tira a roupa toda, põe na cerca, esfrega pra lá, pra cá; que cum poucas non tem que vê; rompe na mundaça aquella bixa!... Sete freguezia! Tem de corrê o fado sete freguezia! Quem qué pegá uma mulla d'esta, stano de tocaia, é accendê uma vella branca benta, si tem corage, pruque o causo é feio e escaroso. Vem batê em riba, non tem que vê; mas porem, é muito riscoso. Só a ferrage d'ella... umfum! ai! ai! Os óios nosso c'oas unha é candeia pra ellas. Condo se qué sabê si uma tafula stá virano, panha-se um caco de teia e cobre o rasto della n'areia, cond'ella vai pra missa, e fica-se de mamparra até que ella vorta pru onde ja passou. Retira-se ô dispois, o caco que é de se vê o rasto de um burro ferrado. Custa muito virá a mulla, ispramentes as que não se chama Anna. Estas vira de sete anno.

## O carro que canta

Maria da Cruz! Ah! Maria da Cruz!
Canta o teu carro ainda no fundo d'agua?

Ha uns bons trinta annos dizia convicto o preto velho José Theodoro (e com elle ainda o povo do arraial):

— Canta! E pruque não canta?

José Theodoro com sua cabeça adoravelmente branca, qual se n'ella trouxesse eternamente atado fino lenço de alvissima cambraia, era então um nonagenario parlador de feliz memoria e espirito vivo, forte ainda no labor da vida.

Reverenciavam-n'o, porque quando falava, quasi um seculo emergia-se da sombra, encarnando-se em suas palavras antoritarias, sizudas, de uma firmeza inaballavel e ingenuidade taes que affrontavam ao ouvinte o mais desabusado.

Velho africano de cara lanhada, oriundo das antigas senzallas da famoza senhora e dona das Pedras do Padre (Manoel Cardoso) ou Pedras de Baixo — Maria da Cruz, a inconfidente de 1736, José Theodoro era o patriarcha do povoado.

E quem o idiota para contestar isto ou aquillo que elle falasse entre sua gente? Pol-o em duvida, correria o risco de passar por um impostor de marca maior, olhado logo com máos olhos, porquanto, dizia-se que o velho era apredado até de altos personagens que em sua casa procuravam hospedagem, com o firme proposito de ouvil-o, e para isto vinham de longe. Esta fumaça e fama ennevoavam a envaedecida imaginação e amor proprio do africano a ponto tal, que era um gosto vel-o tirar do bolso da calça o seu cornimboque de chifre de bode, atarracar as ventas com duas valentes pitadas de torrado, limpar os raros bigodes com o respectivo lenço de alcobaça e repetir com insistencia:

— Nhorsim! O carro canta, sim sinhô, todo dia que chega as horas morta da noite.

E dest'arte Carlos Ottoni e outros tiveram que registrar lendas do José Theodoro com suas phantasias, que,



como as demais com que mimoseava os seus hospedes, começavam sempre por esta:

— Maria da Cruz, era tão grande, tão rica e tão pudorosa, que chegou attestá seu thesouro com o do Rês de Portugá. De uma feita ella levantou aqui um baruião de tal modo perigoso, que condo o Rês soube, mandou prendê ella cos cumpanheiro por inveja de seus teres, e tomou-lhe tudo, arrasando a casa, deitando sal em cima, acabano c'os escravo, qu'era que nem chuva, e bens cuma as terra e gado do campo; ella, na corrente, marchou pra Ia das Cobras no Ri' de Janeiro e la morreu na cadeia. Tudo isto pruque fôra muito má. Muié d'estouro e d'esparro, pábulona! Seus escravo e camaradage não tinha descanso; trabalava nos domingo e dia de guarda. Nunca houve missunaro, nem pregadô que não mardiçoasse ella, mais ella nem mimba! Pouco s'emportava, não fazia causo! Nunca os escutou. E os missunaro cós pregadô dizia:

— Dêxa-t'está, Maria da Cruz, que quem vivê verais o teu fim! Tempos é de vim que quem por aqui passá, é de proguntá: — Antonce, cadêl-a a dona Maria da Cruis? E ninguem é de arrespondê. Tu trabaia nos domingo e dia santo e não ouve os conseios; mas porem, tudo quanto é teu é de rendê cuma correia no fogo. E dito e feito. Se bem disse, mió sahio. Todo o povo marmurava e se quéxava p'uma bocca só; a escravatura morria nos açoito e no trabaio. Um dia de domingo na hora da missa um carro é vinha entrano n'esta pavoação, cantano c'uma toada muito triste, carregado de tachos grande de fornaia e outros de cosinhá angú pros negros.

Aquillo já era por luxo e mangação qu'ella fazia.

Ora, o povo qu' havera de dizê? E se fosse dizê, abri a bocca se cór o meno, tudo panhava, apois ella não era de caçoada. O pad'e vigaro da freguezia n'aquelle estantim tinha feito uma preba pramode os trabaio de domingo, que Deos dera os domingo pramode se descansá, e quem assim não purcedia, abusava, era mal assuccedido, por isso se via muitas fortuna arruinada. Maria da Cruz achava-se n'esse dia

na missa; mas porem, c'um muxôxo nem fé deu d'aquillo. Na hora em que o pad'e vigaro alavantava o Senhô, uvia-se aquelle baruião!

Que foi, que não foi, acode, acode, quetá, tei'-mão!?

O povo enterrou os pé de dentro da grêja, mas porem, ja foi tarde. Os boi arrancáro, dispararo de dentro do arraiá n'uma carreira medonha e tão medonha que não houve ôa-ôa, nem acão-acão! Derrepente se fez aquelle fécha-fécha adiente, mas porem, tudo bardado. Os boi, carro, c'os tacho tudo, c'o escravo, carreiro, c'o tudo atacou e tafuiou plo fundo do rio a dentro que nunca mais se teve notiças d'elles. Um anno ô dispois, Maria da Cruz era presa nas corrente pra la das Cobra no Ri' de Janêro que o Rês tinha mandado prendê ella.

Isto ficou servindo d'inzemplo.

Passa annos e annos; cond'é la um tempo a gente do arraiá e nois tudo ouve, horas morta, inté dias que é hoje, o carro cantano no fundo do rio e vai desceno aguas-abáxo c'o escravo tocano os boi.

## A serpente

A serepente do Rio de São Francisco, dizia um velho barranqueiro, é uma real'dade! Não é dos meos tempos; é dos antigo, os prémeiros habitante de G'. nos tempo de mest'e de Campo nas sántas missão de Frê Biatino. Este Frê Biatino era um pad'e de bôa vida, mais que ninguem sabia. Stava-se carriano pedra de uma legua e mais pramode se dificá outra egreja, pruque a que ficava nos suburque do povoado não prestava. Elle em pessôa é quem triminava o serviço que havia bastantes anno que ninguem s'astrevia a concului, pruque era sabido: mettê a cara c'a obra... pan! morria n'aquella certeza.

Os ufriciás não s'astrevia mais. Uns intisicava, outros cahia de mulestra *supra*. Um que quiz se amostrá de valente,



este endoidou e enlocou de tal modo, que correu pro rio e nunca mais appareçeu inté dias que foi hoje.

Non vê que a ingreja era na berada do rio; lavantou-se os inlicercio sem ter nada; mas, conde os paredão subiro inté certo ponto, d'esse cujo ponto antonce, se descobria um reconclo que o rio fazia e desse dito cujo, em certas hora apparecia dois bogaio tão acceso, que uma estrella é moleque pra parecê c'o elle em riba d'agua.

Infeliz do que botasse os óios pra lá! Ja era vóis que em outras éra muita gente alli tinha se sumido, em bens cuma muitos canoeiros e animás.

De tempos em tempos um ruge-ruge c'uns estrondo n'agua fervia as mareta do peráo e a terra tremia querendo s'afundá'. Se dizia que era os bixo d'agua brigano c'os peixe brabo, c'as coisas encantada qu'este rio inté hoje tem. E os tempo ia se passano e a ingreja cahia nó esquecimento, conde o santo missunaro Frê Caetano tomou conta do serviço.

Logo qu'elle metteu cara e arribou c'a obra, vio-se logo a deferença.

O maderame foi cortado em deversios logás, mandado por elle: portas de tal parte, janellas de tal outra, mad'e d'outra, cruzeiro d'outra, areia d'outra, em bens cuma, pedra d'outra, cali d'outra também e tudo mais n'essa cumfirmidade inté acabá. O missunaro era santo mêmo. Um home, na occasião que se tirava essas pedra, foi machucado no pé por uma d'ellas. Carregou, dispois, a canôa e foi o premêro que chegou no porto, onde se achava o pad'e pra sisti desembarcá as ditas pedra e mais mistriás. Stava elle tirano e foi tirano e foi conde sinão conde, disse por aqui assim o pad'e por essas palav'as, apontano pro fundo da canôa:

— Meu fio, tira aquella pedra e supara ella práquelle ladro.

— Uai! Pramodes que, seu pad'e mest'e?

— Pruque ella é do diabo, fio! Oia teu pé cumo stá machucado!? Você xingou ella, não é verdade?

— Sim sinhô.

— Apois? Não sirve pro trabaio.

Ora, isto foi um horrô pro povo e foi antonce que se vio que o pad'e era de bôa vida, estordenaro mêmo, apois não comia nada que padecesse morte. Cond'era hora do sermão, a gente via elle sahi de casa, sumi no mei' da rua, e conde se percurava elle... ei! ti'é de'hoje seu pad'e, qu'elle ja stava no pulp'to! E ninguem via prudonde elle passava. Se caçava elle no pulp'to, elle ja stava veio... frio... em casa; se caçava em casa, elle ja stava d'ahi uma legua no serviço das pedra. E sem fazê farta e sem se dá pru fé, apparecia no servicio da madeira, duas pra treis legua. Ora, um pad'e assim, que fazia d'essas passadage, não tem que vê: era inziminado. E de maneiras que, cumo eu ia dizendo, conde acabou-se a ingreja, dise elle um dia ao povo que elle não dizia aonde, nem conde, nem conde não; mas porem, que todo dia de sabb'do pra domingo o povo rezasse reunido n'aquella ingreja, apois elle sabia que por ali morava uma serepente braba que elle tinha marrado com um fio de barba d'elle; que ella ja stava cheia de penuge e não tardava a criá aza. Se chegasse a criá e sahise se cór ó meno ca cabeça de fóra,, so co urro della arrasaria sete cidade cós seus pavoado em tres dia. Qu'ella era moradeira dentro do Rio S. Francisco. Toda las vêis que o povo rezasse o ufriço de Nossa Senhora, havéra de cahi uma penna das aza d'ella.

— O'ia lá! disse elle, no dia de despedida; Adeos! inté dia de juiz! Se a serepente sahi, só dois irimão mabaço é quem é de matá ella pro tempo adiente, e um dos irimão matará o outro, e o grito da serepente é de estrondá no Rio todo de S. Francisco. E o povo chorava cumo criança bateno nos peito: misericordia, seu pad'e mest'e!



## O menino e o dourado

Este mêmo pad'e missunaro pregadô d'uma feita abrio santa missão n'um certo logá da beira do Rio e logo no premêro dia disse elle que hia amostrá um inzemplo nunca visto, um phenonco!

Antonce, uma moça tinha-se perdido e parira um fio macho; mas porém, cum'era de gente grande e rico das premêra famia do logá e não quereno que sahisse a lume o negoço, assim que a criança nasceu, ella, veno que aquillo era um escandêlo, pan! atacou-lhe o fio n'agua den' do rio. Um dorado, que alli morava deu có menino e abocou-lhe, mas não engolio. Ja fazia corenta e tantos annos e ninguem sabia do causo, conde este santo pregadô abrio a santa missão, em dita cuja missão se achava a dita moça que amarellou-se toda logo que elle dissera por aquellas palavras:

— Inzeste por aqui uma mãe desnaturada que, pru vergonha e pru mardade pario um fio macho e jogou elle no rio e calou-se a bocca, pruque era de famias rica.

Aqui se tem o bocave de se dizê que Deos não s'emporta cás coisas d'este mundo. Coitadim d'este e d'esta socapada que assim pensa, pruque ó meno este crime Elle vio e não quiz que a creança morresse. Ah! mãe intife e embosteira, tu é de pagá este peccado graduado. Teu fio stá vivo. Deos botou um grande dorado, o malhó monstro do rio no logá do teu crime, e elle trevessou o menino nos queixo e assim anda cóelle vivo pra riba, pra báxo. Alli, apontou elle do pulp'to pro rio, hai uma pedra onde descansa elle esta creança, em conto come algúa coisa; não pára nunca e nunca deixa os outro peixe encostá no menino. Bate em todos e gira d'um pontal a outro. A creança stá véia já. Já é home feito, maduro, mas porém, não cresce. Stá do mêmo tamanho cumo nasceu mas, porem, os cabello branco stão pareceno.

Agora, em nome de Deos eu convido a todos os que me ouve pramode i no rio cómigo, qu'eu quero amostrá c'uma vela benta, accesa, este dorado, qu'eu vou chamá a

elle e tomá o menino d'elle pra s'entregá a sua mãe. Vou ja amostrá e quem quizé vê, me acompanha.

O povo que ja sabia da fama do pregadô, arrancou assombrado, lastimano e chorano misericorda, cortano nas disciplina, inté qu'elle teve dó e subio pra riba do pulp'to e abrandou o castigo do céo, apois n'esta hora que o missunaro falava as estrella corria, cruzano o céo com pavô tali que chegava a terra tremê.

O povo cahio na penitença a doê, inté que acabou-se a santa missão. A moça se converteu e dis'que virou santa; mas porém, inté hoje, no dito cujo logá, horas morta, se ouve um trovão no fundo do rio: — E' o dorado brigano c'os outro peixe pramode o menino.

## O cabocolo d'agua

Cabocolo d'agua, rollão ou bixo d'agua, tem-no visto e creado a phantasia ardente do sertanejo dos valles do S. Francisco por seus pescadores e habitantes das ferteis e verdejantes regiões do norte, vagando, ora á mercê das voluptuosas aguas, perseguindo canôas e balsas, ora espreitando embarcadiços em horas silenciosas da noite enluarada, quando ancorados no fundo das reçacas ou margens de grandes ilhas.

Mora sempre nas ribanceiras mais profundas, ermas, socegadas. Seu corpo é monstruoso com as proporções de um gigante descommunal. Visto ao luar, caminhando por alvas e prateadas corôas, semelha-se a uma casa grande em movimento. Sua cabeça é disforme e tem a configuração de um rodeiro de carro de bois, quando parada á tona d'agua, ou della surgindo inesperadamente, se espia o canoeiro ou viandante descuidado para o engolir. Todos temem e respeitam suas pousadas tenebrosas, sem cantar ou falar, tossir ou espirrar, sem muita bulha, quando remam, resvallando sobre as ondas. O cabocolo ou bixo d'agua anda só; ra-



rissimos os que já viram o caboclo e não poucos os que se presumem sinceros positivamente isto affirmam. Para evitar suas ciladas, quem viaja para longe, sosinho, e tem d earrostar temerosas travessias, finca sua faca no fundo da canôa e o monstro que isto advinha, de forma alguma accomette o transeunte, limitando-se quando muito seguil-o á grande distancia.

E' caprichoso e vingativo, tomando birra com qualquer vasanteiro, não podendo agarral-o facilmente, na occasião das enchentes grandes, roe furiosamente a base dos barrancos, quebra formidaveis barreiras, abre solapões profundos, devasta ilhas e margens até derribar o rancho, beira-no chão, do desditoso; depois, satisfeito, qual grosso tronco de arvore bôia parado, ou então resvala pelo meio do rio. Se alguem, por engano, d'elle se aporxima, some-se aos poucos, ou então com grande estrepito, levantando alterosas ondas, submerge-se nas profundezas das aguas. Muitas ossadas que se reputam antediluvianas têm sido encontrados no S. Francisco e o povo sempre o mesmo na sua infancia não cessa de afirmal-os restos mortaes de algum finado bixo d'agua.

## A Zellação

Quando a estrella corre e desapparece alem, é ella, é ella... a zellação — a *serpente* mãe do ouro vivo, encantado.

Para quebrar esse encanto, o feliz que a encontrar, se souber, cortará o seu dedo e com coragem deixará cahir sobre ella um sangue virgem, ou conduzirá aquellas paragens um filho pagão de edade de sete annos.

. . . . . .

Formosas as tardes do sertão, quando o sol despede-se n'um saudoso *adeos!* á natureza!

Numerosas selvas, illuminadas n'uma poeira alaranjada e scintillante, alinham-se nos valles d'uma visão celeste ra-

diosamente bella, eternamente verde. Que profundos ceos e dentadas serranias, que phantasticos, gigantescos e aereos edificios d'essas nuvens, emergindo-se do seio dos horizontes claros, calmos, extensos, magestosos, infinitos!

Das regiões do ether, d'essas curvas descambadas de selvas e montanhas, rollam bravias ondas de luz, de purpura e de esmeraldas.

Tem alma o prado, o carrascal murmura; e, ramalhando o arvoredo, estasiados acordam os eccos d'essas mansões sonhando.

A campina, o marnel, a catanduba, o alpestre, brandas aguas cantando em catadupas, espiritos contemplativos dos estuarios, grandeza e immensidade divinisam transfigurando eternas solidões de rumores vagos, de sentidos idylios, de balsamicos ares, de perfumosas auras, de floridas brenhas, de harmoniosas entranhas.

E porque tudo isso expressivo e santo n'esses remansos de paz, de exilios e de amores, creou Deuos esses cantores solemnes, povoando de maravilhas sempiternas esse vasto templo, cujo zimborio beija o azul do mais formoso dos ceos.

Como que o mundo tem um coração que palpita.

No visu d'esses paineis adoraveis de magnificencias indescriptiveis, d'esses lavores inefaveis, indefinitos, colorados de auroras e de crepusculos, de sombras e de luz, de flôres e de invernos, de outomnos e de verões, viva e emocionante surge a grande voz da natureza.

Mysteriósa, estronda e repousa em seus segredos.

Tudo o que sente fala; o inanimado assombra, vestindo uma roupagem nova de deslumbrante aspecto.

Soberana desce a noite dos ceos, emquanto as trevas assoberbam-se dos valles.

Que de crenças risonhas e seductoras emballadas ao ardente fogo de uma poesia tão doce, quanto inspirada e peregrina!

Virgens filhas das antigas tabas, não mais as lendas de suavissimos aromas aos explendores das constellações dos



luares côr de leite e de neve, deluidos em torrentes de luz por esses frontaes agrestes, onde para sempre dorme o teu curupira!

Ao canto das caliangús — eternas arias da solidão — essas memorias evocam cristalinas nenias, branqueando alem.

Luminosas e fugaces coruscam estrellas — grossas lagrimas de fogo millenarias, escorrendo das faces do firmamento; e, riscando a negra placidez das noites, vão de morro em morro, por valles e serranias sacodindo terra, scindindo as cristas das motanhas azues.

Tempos de *anhangá!* Caapora e jurupary — fumarentas visões de invios ermos, lendarias eras viram-nos outr'ora errantes, fugitivos e apavorados sob grossos troncos das florestas.

Porém, seculos desdobraram-se para o remate de tantas maravilhas.

Bravias almas se foram e já não batem corações desfeitos.

Profundo o silencio na mataria virgem onde nas cuspides agrestes branquelam ossadas ao clarão dos luares e os ceos porejam lagrimas ardentes.

E quando uma dessas bagas coruscantes tombam d'além, ouve-se ainda um fremito ingenuo que a civilisação ainda não poude extinguir:

— E' ella... é ella... a zellação, *serpente* mãe do ouro encantado, a cobra de cristas de fogo a sumir, mudando, afundando-se nas solidões das montanhas.

## Audiencia do capêta

Vôr-lhe contá um causo succedido.

O causo é o seguinte e o seguinte é este:

Vivia n'outros tempo no sertão um casal, cujo casal vivia tão bem, que nem Deos c'os anjo. Causava inveja a todo o mundo de arruparado que andava. Vai, sinão condo, pareceo em casa uma rataria, que era rato pru castigo, rato pru ribas do tempo, que não houveras mãos a medi.

muié. A principe eu era gordo, mais todas las vêis que elle chegava me achava tocano nas espinha. Na derradeira viage eu fiquei e pareci tão magro, qu'assim qu'elle foi me vendo-me, rompeo logo c'oella, deu-lhe muitos tabefe e chicotada e cum páo soccou-lhe muitas porretada, quebrou-le um braço, rachou-le a cabeça, arrumou a trôxa e ganhou os páo na mudança, largou-le pr'uma veis.

— Qui debedabo! Berabo! muito bens! muito bens! brabo! brabo! Ora viva! Ist'é qu'é diligença e sabê fazê as coisa. Terá um grande plemo conde acabá có serviço.

Aqui o gallo cantou: cacariocô!

— Escuta! disse o maiorá. Quis gallo é esse que cantou?

— E' o gallo pedrez.

— Cacariocô!

— Quis gallo é aquelle?

— E' o gallo china.

— Cacariocô!

— Este?

— E' o gallo musgo.

— Cacariocô!

— Esse outro?

— E' o gallo preto das canella amarella e a crista de serra.

— Está cabada a odiença. Alavanta a cumilidade! Houve antonce um tendepá de conversa e cada um foi sahino: vão! vão! vão! vão!... cumo tinha chegado. Nisso o home que stava debáxo da gamelleira tinha óvido tudo.

— Accão! seu méco! Ah! é assim, eim? Stá bom!...

E arrumou outra vêis a troxa e cortou pra casa, onde chegou de menhãs hora d'almoço brabo.

A muié, logo que o vio ficou muito indimirada e foi logo arrecebê elle c'oa mão na tipóia; mais porém, adiente d'ella correu o gatim miano muito, mas piadoso do que das outra vêis.

O Home apanhou elle, alisou elle e botou, ô dispois, no chão; mais porém, o gatim inrestou c'o elle, miano... miano... euroscano po las perna d'elle.



— Muié, ocê ja deu dicomê a nosso gatim? proguntou elle c'a cara muito enfarruscada e percurano já um páo.

— Não! home. Ja le tenho dito muitas vêis que elle se some, logo que você sahe.

— Se some! eim? Apois, eu te torno amostrá e é já.

A muié veno o perigo, correu chorano; e elle apanhano um bom porrête, desandou com ança, mas porem, na cabeça do gatim, que deu aquelle estouro que fedeu enxof-e pru treis dias.

O dispois, foi elle, antonce, contá a muié o causo succedido da gamelleira da encrusiada.

D'aquella data em diente foi elle vivê bem com sua muié, cumo d'antes era.

## O bicho-homem

No fundo das mattas virgens e encostas das escarpadas serras de S. João das Missões de Januaria, segundo lendas antigas, morava o bicho-homem. Rezavam ellas que em tempos primitivos, dezenas de indios caçadores e melladores d'aquella aldeia foram por elle devoradas.

Diziam-no um gigante tão alto, que sua cabeça tocava ás frondes das mais altas arvores, tendo um olho só, um pé só, pé enorme, redondo denominado por isto de — pé de garrafa.

Affirmavam que em eras não mui remotas, um dia pela estrada real appareceram as pégadas extraordinarias jamais vistas, de uma creatura humana.

Mais de vinte cavalleiros infructiferamente seguiram-nas por muitos dias.

A idéa e o perigo de encontrar-se o bicho-homem os dissuadiram da empreza. Não poucos attestavam tel-o visto, pintando-o com cores vivas e tão vias, que nunca mais na aldeia essas se apagaram da imaginação aborigene.

De tempos a tempos succedia que lenhadores, caçadores e melladores, amedrontados e escarreirados das brenhas e carrascaes aos gritos do bicho-homem, alarmavam a aldeia.

Esses gritos eram horrorosos; e se um dia por desgraça, sahisse o bicho dos seus esconderijos das montanhas, bastaria um só para arrazar o mundo.

Sua existencia estava povoada por signaes de seos dedos monstruosos e aguçadas unhas, lanhando as terras vermelhas e pedras das paredes dos altos montes, os escalavrados côr de sangue das ladeiras ingremes e mais que tudo os pedaços de sua longa cabelleira que de passagem deixava-os pendurados nas ramagens. E aos bocados apanhando-os juravam e juravam tanto por essa existencia, taes a certeza e a convicção d'essa verdade, que as gerações modernas nunca mais a esqueceram.

Um dia, em 1893, em demanda do arraial do Jacaré, ribeirinho povoado do S. Francisco, fronteiro ao grande morro do Itacaramby, chegára de carreira uma tapuia das cercanias, conduzindo tres filhinhos.

Alli entrára desvairada, gritando, pedindo soccorro, bradando misericordia. Cercaram-a, indagando a causa.

Era o bicho-home que gritava na floresta, tendo descido as montanhas; que lá vinha errando e o mundo estava pr'acabar.

Que bem diziam os seus antepassados!...

Ella e muita gente sua tinha ouvido os seus horrores.

Por essas catingas, apontava ella, estirando a dextra, em busca da beira do rio, muito povo, muito povo correndo!

Causava lastima ver-se o estado triste, desesperador, dessa pobre creatura em desalinho, roupas em tiras, olhos esbogalhados, apontando sempre quasi louca em rumo as montanhas interiores.

— Ah! o bicho-homem! Ouvi gritar! E' horroroso! é horroroso, Virgem Mãe do céo!

O povo olhava attonito para o fundo escuro das selvas, onde, a um canto ao norte, se alteiava o dorso gigante do Itacaramby.



Estaria, porventura, o monstro ao detraz do fabuloso e visinho monte?

Existia a lenda.

De facto, seria verdadeira a historia do bicho-homem?

Seria mentira d'essa cabocla e devéras andariam outros correndo, amedrontados como ella?

— Uai! uai! uai! uai! ai! ai!... ô! ô! ô! ô!... ai! ai! ai! ai! ai! ai! uai... ai ai ai ai! ô! ô! ô ô!.....

bradára d'esse instante forte por mais de tres leguas em torno um grito formidavel, de ferro, realmente pavoroso de lastima, alto, profundo, immenso, aterrador e pungente, valle em fóra — o apito de vaia, descomunal, vagabundo, peralta, desmantellado, gracista, mettido a sebo e pedante, do vapor «Rodrigo Silva» de passagem por aquelle porto.

## Caapora

Um caboclinho encantado, habitando as selvas; e, como o bicho-homem, tendo o pé redondo — de garrafa — cocho, com um olho unico no meio da testa, cavalgando sempre um porco selvagem, por silenciosas e remotas brenhas.

Tem commercio com caçadores famosos que dão-lhe presentes de fumo, cachaça e baiêta em troca da quantidade de porcos que desejar matar, n'essas manadas ou varas por elle conduzidas.

Uma vez estabelecido o convenio, o feliz caçador tem caça á vontade e usa descricionariamente d'esse previlegio. Os que o não possuem, encontrando o caapora e sua manada, perdem o seu tempo, palavra e chumbo; porquanto, os porcos que cahem vasados e espatifados pelas balas, se levantam incolumes, resuscitados, ao contacto do focinho do porco que aquelle cavalga.

Isto acontecendo, pode o caçador imprudente e inexperto retirar-se. E' de balde! A caçada está perdida!

# PALESTRAS POPULARES

## NARRATIVAS

### O Tres Bundas

Em certo dia do mez de Setembro do anno de 1835 o o povo do Salgado (Porto) convergia de diversas ruas para a direita hoje «Matta Machado», apinhando-se nas calçadas, agrupando-se nas esquinas e beccos para ver um numeroso sequito, em cuja frente marchava um negrão agigantado, roliço e de singular musculatura. Com um andar magestoso imponente e grave, mais parecia um general a frente de um exercito, do que um commum cidadão. Teso, qual um esteio, sem prestar attenção para a direita ou para a esquerda, alheio a todo o movimento em torno de si, avançava de olhos fitos na immensidão da rua á fóra seguramente com alguma idéa fixa. De sua cinta, grossa como um pilão e amarrada qual um colchão, a descoberto por um escarneo, num desafio, pendia um comprido e afiado punhal do Rio de Contas, cruzando largo currião de couro, estirado de grossos cartuchos. Sobraçava curto clavinote de cavallaria — o bodinho — esmeradamente polido.

Sem casaco, dentre a camisa alvissima, de algodão e desabotoada mostrava o largo e cabelludo peito. Tinha um olhar de gavião, intelligente, scintillante e rapido, nariz aquilino, fronte esparsa, escondida sob as amplas abas do chapéo de couro, cabellos corredios, cabo verde, voz clara mui-

to forte, gesto decisivo, um todo de valente e de jagunço, pouca barba e moço ainda com seus vinte e cinco annos. Corpo pesado, mergulhando no pó da rua uns pés monstruosos, mettidos em alpercatas reviradas, vigorosamente do chão levantava, deixando atraz de si, uma camada de poeira a cahir sobre a multidão que o acompanhava. O povo, sempre phantasista e amigo de novidades, ao novo Hercules cognominára de — Tres bundas —, que por todos esses requisitos era levado a presença do delegado Souza, velho portuguez, residente na extremidade da villa, á rua antiga das «Laranjeiras», onde chegára o gigante. O salão do Senhor delegado encheo-se de curiosos. Escoltados por batepáos, o Tres-bundas havia sido intimado de ordem da autoridade para o seu passaporte. Não se encommodára nem mesmo fizera caso da intimação, respondendo somente que logo mais iria apresental-o; porém, os recadeiros, desempenhando o *seu papel,* insistiram; e elle, hospede do logar, pois contava apenas quatro horas de estada, nenhum outro remedio restara-lhe, sinão ceder.

— Como os senhores querem que eu veja mais depressa do que desejava a cara do senhor delegado, bamos lá. Estou muito cansado de viagem, é bem verdade, mas porem, não tem nada. Sigamos!

Ora n'aquelle tempo, intimar-se d'aquelle modo a um individuo era um perigo; dar-lhe voz de prisão, uma sentença lavrada, um alarma; mettel-o na cadeia, uma ameaça em regra, a represalia, a morte emfim, como remate para o padecente, porque quasi sempre o desforço pelas armas era a mais segura e infallivel cartada. Tal a lei social da epocha. E disso bem avisado o Tres-bundas.

— O Senhor é que é o Tres-bundas afamado que ha tres dias aqui chegou sem apresentar-se á minha autoridade? rompeu com imponencia e poderio o delegado, olhando com desconfiança o petrecho bellico do Bundas.

— Eu não tenho esse nome, senhor delegado! Chamo-me Francisco e aqui cheguei ha poucas horas, apenas.

— Francisco ou não Francisco, Tres-bundas ou quatro bundas, chame o diabo, não quero saber. Estás bem sortido!



— Sim, senhor! Sou eu mesmo, o Tres-bundas, como o senhor diz, como quizer.

— Não quero conversas, nem desaforos na minha sala. Qu'é do seu passaporte?

O assoalho gemeu sob os passos do gigante, avançando rapido para o delegado que se conservava á distancia um pouco aterrado.

— Senhor delegado, eis aqui o meu passaporte! trovejou o interpellado, apresentando o clavinote com a esquerda, apoiando resolutamente a dextra sobre o cabo do seu terrivel punhal.

— Prendam este atrevido! Mettam-no na cadeia. Isto não passa de um jagunço, de assassino, de um malcreado; bradou o delegado fulo de ira, mas, no fundo, portuguezmente segurando as calças.

— Manda prender-me? Sou criminoso?

— Mando! e porque não? Ainda ousa perguntar-me! Nem mais uma palavra, sinão o mandarei passar pelo pelourinho.

— Pode prender-me, mas...

— Mas, o que?... Ademe, senhor! Psiu!...

— Mas, bem preso, bem seguro; porque, se eu sahir da cadeia, eu o mato!

— Pois, não tem duvida. O senhor ficará bem seguro, conforme sua recommendação. Prendam-no!

— Estou entregue; mas, ninguem me toque. Onde é a cadeia? Bamos ver la essa droga.

Bate-páos e o povo levam o preso, evacuando a sala.

— Official de justiça? bradou o delegado; vá ao Santo Antonio, no Amparo, em casa do sargento-mór Serrão, traze-me a *Negrinha* para esse miseravel; emquanto você volta, algeme-o e bem algemado. Serviço bem feito! eim? Bem feito! eim? Sinão, serás demittido.

— Sim, senhor, V. Sa; vou já.

O official correu á cadeia; depois de cumpridas as ordens da autoridade, seguiu para o Amparo, e da fazenda de Santo Antonio com o auxilio de quatro escravos, trouxera a tal Negrinha, pesada e grossa corrente de ferro, o terror dos escravos e criminosos de empenho.

Como vimos, o Tres-bundas curtia as agruras da cadeia, onde dera entrada ás onze horas da manhã.

Dispensado do pelourinho por medo de uma lucta certa, sem comer, nem beber, la se estorcia nas algemas, tendo os pés ao tronco. Com requintada crueldade da pragmatica official cahio-lhe em cima a monstruosa Negrinha, ficando o padecente quasi impossibilitado de mover-se em meio de dores atrozes que supportava, sem um gemido, sem uma queixa. Dobra-se a guarda. Vigilancia absoluta, terriveis ordens no caso de uma evasão ou a menor resistencia. Preso á vista, mas, incommunicavel. Desarmado, não havia perigo algum de que receiar-se. Todo o dia, toda a noite nenhum incidente notavel; ao amanhecer, porem, a prisão, que fora especial, estava sem effeito. Carcere limpo! Algemas, Negrinha, tronco e suas precauções, tudo por terra! Do Tres-bundas, nem poeira! Divulgada a evasão do preso, sobremodo aterrou-se o delegado que, com empenho, mandou procural-o, e d'esta vez a diligencia levava ordens terminantes de o matar.

Organisada uma patrulha forte e de confiança, buscou-se o Tres-bundas por toda a parte da villa. Desencontradas as opiniões! e a mais corrente concluia: que em máos lenções achava-se o senhor delegado, mórmente após a formidavel proeza do evadido. Na verdade, o delegado tremia de assombro. Portuguez da velha tempera, commodista, nem por isso primava pela coragem, centuplicando o perigo de sua vida, um pouco exagerando-o com cores negras.

— Não! não é possivel; dizia elle. Isto não pode, não deve ficar assim, ou eu não serei mais delegado. Este miseravel apparece de um instante para outro por detraz de qualquer pedra, de qualquer páo, de qualquer porta, mesmo da minha casa, da rua, do becco, da esquina e sem ser visto... eim?... E era uma vez o delegado, o pobre Souza! Sei que não estarei garantido, emquanto esse diabo de Tres-bundas do inferno não estiver em meu poder.

Ah! Só sei que morro desta vez. Carradas de razões cobriam o delegado. O Tres-bundas, evadindo-se não se occultára. Armando-se de novo, divertia-se bebendo e jogando dahi á uma legua no arraial do Amparo. Sabido que foi o seu



paradeiro, Souza preparou um pessoal escolhido para a captura, confiando a direção dessa empreitada a seus validos José Felippe, Santa Ritta, Antonio Ferreira e outros batepáos com o respectivo meirinho á frente. Esse apparato official ou policial chega ao Amparo e cerca uma casa onde achava-se o tal criminoso, como se dizia, ao entrar do sol.

Uma vez em presença do gigante que de nada suspeitava, o meirinho, tomado de panico, bem como toda aquella patrulha, nenhuma formalidade cumprira.

Como ainda hoje são das bôas normas da justiça bugre e sertaneja, a leitura do mandado de prisão encerrou-se n'uma violenta descarga sobre o Tres-bundas e seus comparsas do fogo, alguns dos quaes ficaram feridos, escapolindo quasi todos no meio do alarido infernal que aquelle acto provocára. O Tres-bundas, sabendo que tudo aquillo resumia-se na sua pessôa, agil como um tigre, arranca com um pontapé a porta de um quarto ao seu alcance. Um arcabuz, que de novo comprára, estava encostado a um canto extremo da sala, e elle, sem tempo de apanhal-o, agora deffendia-se a custo do chuveiro de ballas com a fragil trincheira da porta, com ella manejando e apparando certeiros golpes de morte.

— Não tem nada, negrada! Vocês hoje vão saber como se ataca um homem á traição, molecada!

E urrava como féra o Tres-bundas.

Cahe pra cá, negrada!

— Entrega, negro, tição de jurema! gritavam os atacantes.

— Morre um homem, mas, não se entrega! Esfarrapo já esta porqueira.

Cerrou-se o tiroteio. O Bundas vio quasi tudo perdido.

A defesa tornou-se arriscada e não havia meios de evadir-se; conhecendo a intenção malevola de seus inimigos, tentou morrer como heróe. Dobram-se as descargas e nada se consegue. O mêdo barateava a valentia dos beleguins policiaes. Destaca-se Santa Ritta, salta o quintal de achas da casa e corajosamente penetra no interior desta, desfechando á queima-roupa um formidavel tiro de bacamorte

no Tres-bundas no momento em que este, arremessando, qual Sansão, a porta sobre seus inimigos, derribava a muitos d'esses que ousavam approximar-se-lhe; e alcançado de dois saltos sua arma predilecta, metteu-a no rosto para o primeiro tiro. Não tivera tempo para isto, rollando no chão, atravessado por uma balla certeira que esbagaçara-lhe o craneo. Assim acabara aquelle extráordinario homem.

## Paz e sacrilegio

Gato e cachorro — em permamente discordia, curtia amargurados dias certo casal, que longos annos, emquanto pobre, lográra a mais ditosa harmonia conjugal.

O trabalho honrado proporcionava-lhe pela perseverança alguns tons de fortuna, cujos fructos confortaveis, mas abusados, degeneraram-se com o correr dos tempos.

Viera o luxo e com elle a dissipação, a molleza, a pose de rico, a peste da finura, da fidalguia, da soberba, do orgulho — a lepra da vaidade.

Não tardou para o esposo a degeneração de costumes pelo resfriamento de sacros deveres, abrindo-se a pouco e pouco uma valvula para a luxuria — sepultura e ponto final para o periodo dos sentimentos nobres.

Nascera desse ruim parto a *chacara*.

Chacara é uma expressão sertaneja, expressão pomposa e classica da epocha, o requinte do mundanismo, o valhacanto da immoralidade aposentada, trincheira da morte, latrina ou xiqueiro devastador da honra para onde se convergem o orgulho da carne, a coragem desabrida e vertiginosa do vicio e o enterro da vergonha, desta mascara negra intitulada — fraqueza humana — sempre invocada, quando para tal fim.

Monturo, ou esterquilinio contemporaneo de todas as épochas e logares, cultos ou incultos, affronta perenne á sociedade, á familia, no fecundo seio da humanidade assim



permanece, traiçoeira e impune, quanto obstinada e ruim, imperiosa, reproba e degradante, escarnecendo a Deos e a innocencia. E' um sorvedouro em cujas bordas ingremes e vertiginosas não penetram as scintillações do céo e a flor da esperança se enregelha á mingua de um doce raio de aurora. Manta sebosa e podre do espirito rebelde e transviado, que della faz sua couraça invencivel, inexpugnavel, incapaz de enxugar duas lagrimas sinceras, essa trapeira do odio, da impiedade, da inveja, da entriga e da deshonestidade, desconhece a compaixão.

E' o ninho maldito, dissimulado, desprezivel, onde são alvejados de exterminio os dons mais sagrados do infortunio conjugal. Insensivel como a pedra, ella respira um terrivel egoismo; ninguem puro. Todas as honestidades do mundo são gretadas de maculas e a humanidade em geral com o manifesto desprezo de Deos é contemplada como um charco immundo.

Tal a chacara, o posto avançado da immoralidade e da desordem, tolerada a despeito de todos os correctivos sociaes. Soffria assim o jugo de uma dessas scenas escabrosas o casal a que nos referiamos.

A mulher constantemente revolvia-se n'um verdadeiro inferno de máos tratos do marido, o renegado da devassidão. O ciume, unido ao receio de tornar aos antigos e possiveis dias de pobreza, ou da miseria sem arrimo, levára a desditosa esposa a rasoaveis extremos contra os desatinos do marido infiel; mas, toda a ternura se nullificára ás margens do lodaçal intransponivel. N'essa conjunctura entra-lhe um dia pela casa uma visinha, sua amiga, que condoida d'aquella desdita aconselhára:

— Ora, Durcelina, é necessario acabar com isto; até quando soffrer? Não foste creada para as condicções em que a vejo, toda espancada, desprezada, aguentando o que cachorro não quer. Se você acceitasse meu conselho, melhoraria tudo isto, pelos exemplos que tenho visto e que são muitos. E' um sacrificio; porem, tu verás se o que eu disser e se tu cumprires, seja ou não uma verdade.

— Calusinha, se você acha que minha vida possa tão depressa melhorar assim, farei tudo o que achares de bom; mas, desde ja duvido muito; não creio. E' impossivel a reforma de meu marido. Ja não o supporto. Exgotou-se-me a paciencia. Meus soffrimentos, meus desgostos são de tal ordem, que a morte para tua amiga, seria um allivio. Sim, quero morrer, hei de morrer.

— Morrerá como todos nós, porem, não assim demasiado.

— Que queres? Ver-me acabada d'esta sorte e hoje cortada a chicote!?... é demais! Nunca fui tão desgraçada!

— Na verdade; mas, ha um remedio que lhe ensinarei, infallivel, infallivel!

— Vejamos; não conheces Victorino, esse miseravel!

— Deixa passar esses quatro dias; findos os quaes, irá confessar-se e logo que receber a hostia, prende-a debaixo da lingua; quando o padre retirar-se, esconde-a em uma caixinha de vidro bem limpa que de antemão seja preparada. Aceia bem o teu oratorio e n'elle guarde e adore todos os dias o Santissimo Sacramento. Tudo se transformará, te afianço. A martyr ouvira, com effeito, aquelles conselhos e não tardou muito fossem os mesmos postos em pratica. Opera-se em parte o desejado milagre.

Cessam os absurdos. Repentinamente o Victorino torna-se mais humano para com a mulher, que esperançosa, sorria de contente. As promessas de sua amiga realisavam-se a pouco e pouco, e animada por ella, suspirava pela completa idealisação de seus sonhos: a queda da bastilha da crapula — a chacara, onde, todavia, um facto bem notavel se passava, se bem que ainda de pé.

A murubixaba do transviado, vaidosa, arranjada e muito cheia de si, enfastiava-se do amante, ao mesmo tempo que procurava um meio de desvencilhar-se d'elle, exigindo-lhe certa vez um sacrificio.

Sempre satisfeita nos seus menores caprichos, avançou um pretexto para os primeiros ensaios.

O Vitorino era um d'esses figurões de sympathia bem pronunciada, ciumento, obstinado, peccador incorrigivel, em



cuja fronte, atacada de perfume e de algumas sombras de correias, ponteavam duas pequenas verrugas, em nada deformando-lhe o rosto, porem.

Achára a tal serigaita que aquillo era um enorme defeito e que elle, o amante, poderia ser o mais formoso dos homens sem aquellas *asqueirosas verrugas*. O vaidoso escuta o canto da megéra, empunha a navalha, e, barbeando-se decepa as verrugas. Com rapidez incrivel o desgraçado geme em pouco tempo com um terrivel cancro, que alastrando-se, róe o tal formoso rosto, prostrando irremediavelmente perdido o delinquente.

Progride a feia e profunda chaga, resistindo a todos os medicamentos conhecidos, exhallando insupportavel máo cheiro. A marafona ennojou-se logo d'aquella podridão; quiz, de combinação com um segundo amante, desembaraçar-se do primeiro, inventando doenças graves, fingindo ataques e exigindo, portanto, ir medicar-se longe dalli. E ataques e mais ataques todos os dias, até que em uma dessas miseraveis astucias definitivamente repentino fallecera, sendo-lhe recusada sepultura sagrada por seos crimes de escandalo.

Apavora-se o Victorino com aquella morte inesperada; agora, comido de remorsos, resolve abandonar a espelunca e tardiamente corre á casa da esposa que o recebe lacrimosa ao ver aquelle estrago. Tambem a pobre senhora de ha tempos andava consternada. Cosummado o sacrilego conselho da sua amiga, como vimos, sobre o SS. Sacramento, cumprira ella á risca as prescripções recommendadas, quando um dia ao abrir a porta que dava para o sanctuario, por essa escapára um clarão rapido, tão distincto, que não era possivel confundir-se com a luz do dia. A principio não prestára muita attenção. Seria quando muito uma illusão; mas, o facto repetira-se por diversas vezes, após um exame minuncioso em toda a casa, desde o telhado. Não havia engano; o clarão partia do nicho. D'ahi o sobresalto da falta commettida. Fôra chamada a tal visinha e amiga que, interpellada, nada poude resolver. O *zum zum* deste mysterio fôra parar aos ouvidos do Sr. Cura. Este, tomando as precauções que o caso requeria, dirige-se á casa d'aquella

senhora, que, confessando-se novamente, tudo expondo com a maior limpeza, justificará sua ignorancia e bôa fé na pratica d'aquelle sacrilegio.

Perdoou-a o bom Cura, notando-lhe porem, o risco que correra; providenciando, d'alli retirara para a egreja a sagrada particula. Dois dias depois deste facto, então volvia de uma vez ao seu verdadeiro lar o seu esposo, porem, para acabar miseravelmente, um mez após.

## Paulo do Santo Antonio

O Paulo do Santo Antonio!... creoulo ainda moço, alto, magro, muito vivo, muito espigado, canellas finas e compridas, conversador e incorrigivel tocador de viola.

Lavrador e casado trabalhava sol a sol toda a semana, mas, em vindo o sabbado, não havia fadigas de enxadas ou de machado; Paulo encordoava o pinho; e, contra a vontade da mulhersinha, la se escapolia para o arraial visinho, o Brejo do Amparo, onde amanhecia nos batuques e na pinga, perdendo quasi de sempre a segunda-feira, abatido das resaccas.

De uma feita sahira o Paulo arranhado em uma rusga da rua da Taboca, n'um *fecha-fecha* de porrêtes de que milagrosamente se escafedera pela ligeireza de suas canellas voadoras.

Para logo aborrecera-se do arraial; e como não soffria estar parado, irriquieto *impiticara-se* com a monotonia do rancho, da roça, dos ralhos da mulher, do chôro das crianças.

Embizerrava com tudo isto, não se conformando com aquella vida, — vida de cachorro morrinhento — dizia elle.

Precisava de expansão, mudar de rumo, portanto; mas mudar de rumo era tactear na incerteza.

O jogo era duro; e, necessario ensaial-o.



Pensou, pensou muito: e, achando sahida, escolhera o campo: a Cidade! Custava o sacrificio de duas leguas: um de ida, outro de retorno e tudo na mesma noite.

Entrado em tentação, a tentação vencera-o.

E decididamente a caminho por uma clarissima noite de luar. D'essa primeira viagem gostára muito.

E como quem gosta, torna, com a alma cheia de doces illusões, nessas noites deslumbrantes de luz, de casas, de ruas, de borborinhos, de comparsas, sucias e pingas á farta, naufragara-se em mar de rosas.

E' verdade que aguentava a xurumella da mulher:

— Seu Paulo pr'aqui, seu Paulo pr'alli, *qu'eta* seu Paulo! socega, *tei mão* seu Paulo!

E seu Paulo não attendia.

— Tu stá tomano *se bêsta* cummigo? dizia ella; eu ainda te largo pramode tua cachaça.

Um home tão sáudio que era, e agora chega andá istrisiado, e só de cachaça, siou!

Toda sumana é só *pererê-pererê* pra cidade c'a violla no peito e abri o boé da *non sê quizera* da... Fum! Dexástá!

— Dexástá o que? Ei-ei-ei! Stá bom! Dexemo de prebas! Ja tu começa, cós teos proverbo!..

Hai quem sipurte isto? Eu é de andá toda vida amarrado ni tua saia?

— Não anda, mais anda na rabada de Variado, mais Ventania, Come-feio, Antonio Gallinha, Julo Miséra, Zé Zagaia e Gangolim, esses canaia tudo, corja de nêg'os braburús.

— Ora vancê non dasse?! Quem é que pode có essa ladainha de todos los dias? Vou pruque quero. N'é de t'ea conta!...

— E' bem de mea conta. Nunca vi homes casado, pai de fio...

— Ei stá bom! Tu não me quijilla!

E amuado entre dentes:

— Mió que tu fosse pintiá essa passoca que está toda isgandanhada!...

Depois com força:

— Cala bocca! Cala esta bocca, dexemo de parroxêdo, dejxemo de sastifa. Uai! uai! uá! uá! Ist'inté que é um desaforo! uá!...

Ora que é um phenonco esta muié entupi esta lapa, siôu! Quis preba!

— Que é? E' isso! Nam tem que miguelá os zóio assim pra mim não. E' isso mêmo.

Voceis tudo é um gambá que cheira outro. Tu não larga cachaça não? Apois eu te largo. Te corto as escuma non stá na duvida. Tu anda muito odacio! Dzaforo!

— Odacio anda você e dahi, dahi! Dahi não te rependa da rebordosa.

— Quis rebordosa? Rebordosa é o bispote que você é de xambecá. Ó dispois, dispois! tu não sahe c'a mão na dô. Dexastá qu'un dia tu é de achá quem te levante a espinhela.

— Ora, tu não me attenta.

Conde a gente anda engerocado cuma, eu, não aguenta *cerca-lorenço, nem dirê-tu, nem dirê-eu.* Cala esta bocca!

— E quem é você pra me fazê calá a bocca, capadosco, caguletero, c'o essa tropa de cascabuio de pracata.

— Veja o cão cumo t'atiçá!

— Qué cocê qué tomém, qu'é cocê stá intendeino?

— Me respeita! Veja lá cum quem tu stá falano!

— Falano... que! Gente! Quem é você?

— Quem é você tomém? quê que você é?

— Móléca!

— Moléque é um cuma tú! Oia!.. Va muito á m... (estirando a lingua).

— Pra você! malcreada!

Pra você! (estirando segunda vez a lingua).

— Não seio onde stou que não te arrumo um diabo?!

— Arruma! arruma! Mexe có o pé dahi, meu nêgo! S'eu não te travancá uma navaia, não me chame gente.

Sê bêsta!... Vem pra cá! Vem!... Tu qué tumá pagode cum migo c'um trinxete cego? Vem! T'infinco a navaia!

— Fum!!... fungou o Paulo.

Eu não te enxergo! Eu não te enxergo!



— Eh! Tem razão. Cachaceiro oia pro céo? Porco oia? Em conto tu bebê, tu passa má cummigo. Eu te juro! Nem um c'um, nem outro c'outro.

— Apois eu não ia bebê mais não; mais agora é qu'eu bebo, agora é qu'eu vou bebê! Eu t'amostro!

— Mostra que? funil! Bebe, dorna! Bebe dorna! Bebe inté morrê de cachaça, diabo!

— Tu stá damnada hoje, e eu nem mimba! Nam stou pra me estamaguá. Iss'é qu'é. Temos agora a muié mais o marido botano mattos a báxo!...

Eh! pois não!

E Paulo, riscando paxorrentamente as unhas nas cordas da violla, repetio com ella um estribilhosinho com que mimoseava de vez em quando a pobre esposa, aborrecendo-a a cuspir grosso para um lado:

Carrap! Dum!
Cachaça
Inda mata
Um!

E continuava:

1.º

E você, condo começa
A falá da vida aeia,
Prinspia na lûa nova
Pra cabá na lûa cheia.

2.º

Mea muié
e meu cavallo
Lançando n'um poço fundo...
Eu tirano meu cavallo...
Muié não farta no mundo.

3.º

Cala bocca, méa muié!
Dêxa de muita baderna;
Agora mêmo é c'ô vou,
Pois muié não me governa.

E de violla afinada, zás! — pés largos no caminho comprido — a encontrar com os companheiros da pinga.

Assim que sahia, a mulher ficava comendo fogo e lambendo brasas a bradar:

— Diabo! Mod' coisa que and'arado mod' cachaça!...

Vai, non sê que diga! Corre fado co'essa tropa de bruburús esmollambudo, quinta-feira de beb'dos.

E dahi tu não fica descarqueado.

Tu só qué andá co'essa suça de recilinga, trapudos, isignifite!

«Muié não te governa»... hum! hum! hum! hum!... pode fazê pouco causo; sempre te conheci co'essa violla e essas lodaça! Eh! quem tem o matte, dá o zape. Déxastá, diabo, que cá te espero.

Arre! que ando que não posso mais. Ando meu doente, e pru ribas, inda guentá cachaça d'este home... vancê não dasse?!...

Tu vai pra cidade; ese tu cahi no pote, eu... nem mimba!

Emquanto isso, o Paulo estava longe e entrava no seu paraizo de noites enluaradas; era o seu delirio, entre amigos gastar o cobrinho nas tascas, ruando abaixo e acima, parlando, bebendo, tocando. Assim passava essas temporadas de luz branca e poesia.

No escuro, não! Era outro homem. Tinha medo, não apparecia; mas, apenas o manto azul do céo enchia-se da gloriosa luz, o Paulo era aquella garapa.

E pintava o *sette*.

A mulhersinha não mancava, ralhando umas vezes, pedindo, supplicando outras.

Qual o que! Paulo era de pedra: surdo, teimoso, encaprichado pelo vicio.



Não attendia, não queria ouvir conversas e peiorava.

---

Um dia... ah! dia memoravel! o Paulo, como de costume, arrancara-se cedo do Santo Antonio depois de uma turra malcreada.

Longe do berreiro domestico, o bohemio respirava mais livremente.

Chegando ao alto que domina a cidade, ao fundo, e vendo a brancura resplandecente das aguas, atravez do rumor longinquo do anoitecer, sentou-se ao barranco da estrada, afinou a violla, e levantando-se depois, em poucos minutos triumphalmente entrára, desandando apaixonados toques.

A violla, conversava, gemia.

Em breve achou-se no meio de excellente companhia de bebedores.

Depois de um rega-bofe, campou o bando pelas ruas a passeiar, parollar e beber.

Bem tarde já, quasi uma hora da madrugada!

Alguns dos companheiros, sentindo-se de cabeça ruim, tiveram a prudencia de se escafederem, atormentados de somno, outros de cansaço ou de qualquer cousa, e afinal, o Paulo ficára só; porque, quando embriagava-se, era insupportavel e seu pinho pendia o feitiço de arrastar os outros pela insolencia de desmedida valentia cachaceira.

E das insolencias do Paulo todos se temiam, escapolindo aos poucos até os mais intimos; de sorte que, de todo desamparado e completamente bebado, achou-se o folião alli pelas alturas, onde hoje é o caes da cidade.

Naquelle tempo não existia esse absurdo montão de pedras e caliça sem sciencia, architectura, nem esthetica nos barrancos do S. Francisco.

Nesse logar estava então plantada uma immoral comedoria annual, cognominada — caes de páo.

Nas madeiras ou travamentos do caes de páo o Paulo, não podendo mais aguentar-se, sentára e foi o bastante.

A maldita embriaguez dominava-o completamente; e, uma vez sentado, deitou-se tambem e instantes depois roncava a bom roncar.

Vadios, por troça, ou algum larapio por necessidade, dando com elle neste miseravel estado, sem mais demora despem-no, levando toda a roupa e tambem a preciosa violla.

Rompe o dia e começa a vida activa da cidade.

Passam transeuntes.

Uns se esquivam, outros murmuram, estes avisam á policia, aquelles se estacionam, rindo do espectaculoso escandalo.

Apparece o sol ao nascente, subindo as cumiadas fronteiras das montanhas do S. Felippe.

A brisa fresca e um raio de luz matutina em cheio batem na fronte do ebrio que desperta com espanto.

Tudo perdido.

Havia ainda um recurso de salvamento: correr para o rio, metter-se nagua até que apparecesse uma alma compassiva.

Não se lembrara disso, porem; e pensára na fuga e forçoso fugir a todo o panno, correr para a casa, uma legua distante!

Já uma vozeria de garotos em torno de si a vaiar:

— Olha um homem nú! Olha um doido!

E Paulo não contou fiado.

Levantando-se de carreira debaixo de um alarido infernal, atravessa o largo da igrejinha e ganha a esquina da kilometrica rua — Matta Machado.

Atraz de si vinha o mundo abaixo:

— Fiau! fiau! Olha o doido! la vai o doido!

Paulo voava sem achar uma porta amiga.

De lado a lado da rua uma pancadaria de ensurdecer: portas e janellas batidas com estrondo: e vozerios — oh! doido! oh! doido!

Trillos de apitos soavam.

Policia ao encalço do Paulo: pega! pega!

E esses apitos feriam os ouvidos do infeliz.



O panico de uma prisão certa dera-lhe azas e elle abrio o *chambré* com vontade.

E o *pega-pega* la vinha a lamber-lhe as plantas mal impressas no arenoso caminho.

Uma columna de poeira cahia-lhe dos calcanhares velozes, electricos — remedio unico.

Dobrando a esquina do Ricardo Lagoeiro, hoje da Escola Normal, outra rua então inda mais comprida e mais populosa sumia-se na bruma da distancia; mas, não havia tempo a pensar nisto, nem a perder.

A salvação unica era aquella; e por isto avançara linheiro na vertiginosa carreira, sob a mesma tempestade de gritos, de trillos, de estrondos de portas, n'uma confusão esmagadora.

Ninguem se atrevera detel-o nesse trajecto, de uma verdadeira via de amargura mais de tres kilometros do arranco.

Uns clamavam: — coitado do doido!

Outros indagavam: — quem é?

Uma cachorrada tambem corria, ladrando, quasi a lamber-lhe as plantas.

Uma sucia de desoccupados enchia o transito por onde elle passava — Mazeppa de pés no chão, de olhos esbogalhados, de ventas aberta, affrontado espavorido, vento a tinir nos ouvidos, illusão desfeita, intragavel realidade...

Negocio feio!

O desatinado não podia evitar encontros, olhares, caras comicas, aterradas, gente correndo de todos os lados e para todos os pontos; uns para vel-o passar, outros evitando-o.

E o coitado, em desfilada, na infindavel rua que desembocava para os mattos e estrada real que iam ter ao Santo Antonio.

Estava a safar-se.

Uma vez fóra da cidade, poderia esconder-se na catinga; mas, o medo da soldadesca, cujos kepis reluzentes pareciam voar atraz, como n'uma visão phantastica, dissuadira-o disso, não conseguindo parar, nem torcer, nem tomar alento sinão em casa.

A mulher de Paulo, a essa hora, rodeada dos filhos, esperava-o afflicta, não vendo-o chegar até a meia noite.

Pensando, e com razão, em mil contratempos, especialmente os da cadeia, permanecia de olho vivo na estrada.

Passára a noite em claro; e, atordoada da vigilia, sondava as verduras além dos matagaes, rumo a cidade, quando ao vermelho do caminho se desenhara uma figura a correr.

Ella, escancarando a bocca, murmurou:

— Mais que é aquillo?... que marmota é aquella? Eim? Moçô que é o xujo? Aquillo?... aquillo é o... Cruis!! cruis!! Cruis!! te desconjuro! Aquillo é o ca...pê...t...

Mas a distancia era enorme e o sol batia-lhe de chapa no rosto.

Fazendo sombra com a mão, novamente examinou.

— Stou em eitas. La vem alli uma gente correndo. Meu Deus, seraes seu Paulo?

E numa especie de espanto e de consternação;

— Ih!... e é! ora se é?! O coração stá m'e contano. Vi'ge Nossa Senhora! E' seu Paulo mêmo!

Cumo é vém alli todo estabaforido! Que aconteceu meu Deos?! Hoje é dia.

Eu bem stava duvinhano!...

Alguns visinhos e collegas de trabalho n'aquelle momento alli chegavam.

Vinham convidar o Paulo para um serviço de muito interesse.

O desventurado não contava com isto; e portanto, vendo gente á porta de sua casa, cuidou seriam soldados a sua procura, e torcera para um atalho que ia dar a uns brejos.

Reconheceram-no.

— E' Paulo! é Paulo!

— Que horrô!... exclamou a mulher.

— Paulo! Paulo! ôh seu Paulo? gritava ella.

Que Paulo, qual nada!

Paulo mergulhara-se num canavial, onde fora encontra-lo a esposa todo escondido, envergonhado, debaixo de um folhiço secco e podre, rasgado de espinho, atarracado num tejúco e enlameado dos pés a cabeça.



Só então, a muito custo lavára para se vestir e vir para a casa, isto com difficuldade, varrida da idéa a visão dos soldados.

Ah! nunca mais violla.

Paulo levou uma bôa temporada sem querer sahir de casa sinão para o trabalho.

Cidade?!...

Ah! isso nunca mais, e nem dindinha!

## D. Juan

*De um e outro lado da esquina.*

D. Joan!!...

— Cê já vio typo mais desgraçado, mas escaroso de se vê, mais porco, mais xujo, mais fedorento...

—... mais senvergonho....

—... e misarave, que o sol cobre n'este mundo?

— Toda famia que se presa, deve arrumar-le a porta na cara, pruque isto é a pestia viva, bulino... em pessôa.

— E eu lhe digo outra: se elle, que é muito odácio, cahi cá no meu monte, faço c'o elle pió, do que fizero esta noite.

— Ué! hai arguma coisa, antão, qu'eu não sába?

— Oxem! Se hai! Antonce, cê não sabe?!

— De que? Pod' crê que não seio.

— Oxente! Não stá veno elle c'oa cara toda empollada e c'os bigode rapado?

— Um! e quis bigode mal feito!? Não tinha ruparado; mais, elle nunca fêis bigode...

Eh! mais, ahi é que stá o xiste.

— Oxente, oxente! xiste cumo? Vai veno que ahi tem areia.

— Areia, eim?... O negro d'esta vêis dansou na corda bamba. Apois, não foi elle que cahio na heba de s'embrafustá cá muié do Escofano?

— Stá doido!... Cá muié do Escofano?

— Pod' zê.

— Ah! ladrão! Muié ducada, bonita, branca... Quis safado!

— E logo quem? Ih!... O negro stá atrivido de brinquedo?

Eh! elle stava pensano que todo tempo são um...

— Da Xiquinha Taboca, da Luiza Siéba, da Joanna Capanga, da Fostina do Angú, da Sabina Paôco, da Pinto Pellado, da Sem-Sal e Sem Gordura! Diacho!... de tantas que não me alembro e que elle pôis na disga!?

— Da Ogena Cigana, home, da Zabé da Thatonha, da Sinharinha, d'Antonha Fogo, da Maroca Mumbuca, da Ritinha Roxo, da Saia-Frôxa...

— Stá bom! stá bom! Já chega! Basta! Desta vêis elle pizou no gró e a porca sahio mal capada. Uai! muito tempo qu'elle andava azocrinano os uvidos da muié cás modinha sebosa d'elle, e pan! um dia deu no vinte. Entende? A muié, pan! botou nos uvido do marido. Vá veno tatú pra que cava!... Concertaro as coisa, de maneiras que, o bixo entendeu que o negocio stava fixe mêmo, essa noite, cedo ainda, sartou elle o muro qu'é mystico e esperou n'agua furtada...

— Inhôr não! Não ataiano seu perposto honrado que adiente vai, a lazêra da porquêra d'essa sezana do causo succedido se deu-se d'outro modo: dis'que o Escofano, de mão frojada, ja de mamparra c'a muié, inventou uma viage; e passano p'la porta do cabra, se despedio-se d'elle. Elle antonse, pruveitano da casião, entrou p'la porta a dentro e se foi se tê no quarto de drumi. Intamos que, conde apanharo elle na ratoeira, fecharo a porta da rua e accendero candieiro de gais que quilariou a casa toda.

— Ah! a modes qu'é isso mêmo. E' eu que stava intrepetado... E' que me contaro...

— Poi'zé! N'esses intropete, a muié entrou no quarto, trancou pru dent'o e cendeu o candieiro forte de gais. O bixo estava á flóres, estirado, de pé espaiádo... no camão lorde, que conde sinão conde, o Escofano butuou n'elle! Que qué o senhor aqui? N'um proviso abrio-se a porta d'um quarto e quat'o carabina cahiro escancarada no peito do moleque.



Era dois irimão do Escofano e mais dois cabra bão, cavereiros!...

— Se dá um grito, se fizé a menó acção, stá torado, negro!

— Mãe de Deos do Rosaro! Stou perdido! gritou o sem-vergonho, cahino da cama no chão, fazeno todos os effeito.

— Seu Escofano, não me mate. Sou um desgraçado.

— Tu é um desgraçado?

— Acabemo c'o esse diabo, c'o esse infame. Escofano! Retira-te d'ahi, ou sangra logo o diabo.

— Sangra! dissero os- quat'o. A coisa stava feia.

— Escôia, misarave, cagulétero, cum qual dessas duas arma tu qué morrê, disse o Escofano, apresentano um punhal e um resorve de Braulinho, este já enfiado na bocca do cabra.

— Ai! stou morto, meu Deos! Mãe de Deos! Ai! sea dona F. me vala pela mór de Deos!

Escofano, ajueiou a muié; não mate este misarave, este infeliz, sem sorte! Não te bote a perdê c'um vasia tão ordinára, meu marido!

Retira-te! não me peça! Quero hoje desabusá este cachorro; se elle n'unca encontrou um home, apois elle topa c'um e é já.

— Escôia, bandido! E deixa de mixolena! E deu-lhe c'o pé.

— Escofano, não te emporcaia c'o este fedorento. Isto é tão xujo, que não presta pra morrê. Pela mór de Deos!

E Escofano retirou o resorve da bocca do bixo.

— Sim, não o mato, mas, este negro nicissita de uma licção. Vê estes amigo, desgraçado? Nenhum te tocará; stão aqui pra garanti o qu'eu fizé.

— Castra este côrno! alembrou um.

— Bem alembrado. Bamos a isso!... Corta essa farrambage. D. Juan tremia c'umo um covaldo e se despejou n'uma lodaça c'umas lamura n'uma lazêra, se valendo-se da muié do Escofano. Na verdade que o mocado era escaroso de se levá.

## O Corrêinha

Terrivel criminoso dos contrafortes das montanhas azues do Espinhaço! Sem conta as mortes e depredações por fazendas, estradas e povoados! Noticias de suas façanhas varavam o sertão, sombrias e sinistras, iguaes as de um Lucas da Feira. Typo de desordens, ao serviço de quem mais desse por mesquinhas vinganças e tantas que abundam por este valle de lagrimas, esse demonio tinha protectores. Traiçoeiro como o jaguar mosqueado, astuto e máo como o cascavel, seus botes eram infalliveis para desafinar qualquer rusga, uma demanda, um pleito eleitoral, uma injustiça, emfim. Só o seu nome constituia uma ameaça. Ai! do infeliz, uma vez atormentado por uma jura, um reflexo ao longe do olhar do Corrêinha! Para os covis d'essa féra, tôrvos... tôrvos sempre os horizontes! Sobrelinhavam-se as florestas, desdobravam-se os ignotos caminhos, e, rareando a athmosphera, affloravam-se sob o azul dos céos as tranquillas cumiadas das serranias n'um deslumbrante painel e em todos esses visos d'uma solemne e mysteriosa magestade, emergia-se a sombra sinistra a luciferanea catadura do bandido palmeador dos desertos, revolvendo a imaginação popular com suas proezas.

Uma d'essas enchera de consternação um dos famosos e povoados sanctuarios do sertão, onde o monstro surrateiramente penetrara, semeando a morte.

Pouco tempo havia que no arraial D. estabelecera-se um negociante, trazendo de longe em sua companhia uma senhora com quem convivia clandestinamente, segundo as *bôas linguas*. Em certa occasião chegára á esta casa commercial um positivo a tractar de negocios importantes. Ausente o negociante, recebera-o a mulher com o agasalho conveniente da hospedagem. Era noite. Após o jantar, conversando ligeiramente em cousas triviaes, o forasteiro accusou, por fim, estar bastante fatigado, necessitando de repouso, porquanto, desejava partir cedo, visto, não ter encontrado o dono da casa e não poder esperal-o mais. Não havendo creados de sobra, ou porque estivessem occupados os dois unicos que exis-



tiam áquella hora, foi a senhora preparar a cama em um dos quartos da sala de visita; e no momento em que se achava toda distrahida n'esse trabalho, repentinamente cahira sem dar um grito, varada por um punhal. A hospedagem estava recompensada. O miseravel estendeu a victima na cama, limpou em suas vestes a arma homicida, apagou a vela que allumiava o quarto, fechou as portas do corredor para a sala e a da rua, trancando-as e retirou-se.

Ao sahir do povoado, bebeu muita cachaça em uma taberna, palestrou pouco e deitou viagem.

A' uma altura do caminho, porém, pareceu reflectir um pouco e immediatamente retrocedendo, dirigio-se ao santuario, onde com chaves falsas penetrou, demorando-se cerca de duas horas. Pela manhã do dia seguinte, um cavalleiro que se aproximava do arraial encontrára um individuo descansando em plena estrada. Era o assassino. Onze horas e tanto quasi meio dia! Este, assim que vio assomar o cavalleiro, levantou-se, concertando a cinta, apalpando-a bem. Esperou-o; e sem perder tempo, fêl-o parar.

— Indas que mal progunte ao patrão, donde vem V.Sa. e para onde vae?

— Pergunta bem. Venho de perto da cidade V. e dirijo-me ao arraial proximo; sou romeiro, vou ao cumprimento de um voto.

— Romeiro! (resmungou); e a graça do patrão?

— Geraldo de Britto, um seu creado.

— Creado de sua pessôa. Não servindo de encomb'do o patrão conhece e pode dar-me noticias de um negociante d'aqui do arraial de nome Santos Carváio?

— Ah! se conheço?! como as palmas de minhas mãos.

— Em que ponto o Sr. deixou elle, pois disseram-me que não tarda a chegar aqui?

— A chegar por aqui!? Coitado! Aquelle é um infeliz. Não é mesmo um negociante novo d'aqui do arraial?

— Sim senhor!

— Sabes onde é a cidade V?

— Sim senhor; conheço ella.

## O Corrêinha

Terrivel criminoso dos contrafortes das montanhas azues do Espinhaço! Sem conta as mortes e depredações por fazendas, estradas e povoados! Noticias de suas façanhas varavam o sertão, sombrias e sinistras, iguaes as de um Lucas da Feira. Typo de desordens, ao serviço de quem mais desse por mesquinhas vinganças e tantas que abundam por este valle de lagrimas, esse demonio tinha protectores. Traiçoeiro como o jaguar mosqueado, astuto e máo como o cascavel, seus botes eram infalliveis para desafinar qualquer rusga, uma demanda, um pleito eleitoral, uma injustiça, emfim. Só o seu nome constituia uma ameaça. Ai! do infeliz, uma vez atormentado por uma jura, um reflexo ao longe do olhar do Corrêinha! Para os covis d'essa féra, tôrvos... tôrvos sempre os horizontes! Sobrelinhavam-se as florestas, desdobravam-se os ignotos caminhos, e, rareando a athmosphera, affloravam-se sob o azul dos céos as tranquillas cumiadas das serranias n'um deslumbrante painel e em todos esses visos d'uma solemne e mysteriosa magestade, emergia-se a sombra sinistra a luciferanea catadura do bandido palmeador dos desertos, revolvendo a imaginação popular com suas proezas.

Uma d'essas enchera de consternação um dos famosos e povoados sanctuarios do sertão, onde o monstro surrateiramente penetrara, semeando a morte.

Pouco tempo havia que no arraial D. estabelecera-se um negociante, trazendo de longe em sua companhia uma senhora com quem convivia clandestinamente, segundo as *bôas linguas*. Em certa occasião chegára á esta casa commercial um positivo a tractar de negocios importantes. Ausente o negociante, recebera-o a mulher com o agasalho conveniente da hospedagem. Era noite. Após o jantar, conversando ligeiramente em cousas triviaes, o forasteiro accusou, por fim, estar bastante fatigado, necessitando de repouso, porquanto, desejava partir cedo, visto, não ter encontrado o dono da casa e não poder esperal-o mais. Não havendo creados de sobra, ou porque estivessem occupados os dois unicos que exis-



tiam áquella hora, foi a senhora preparar a cama em um dos quartos da sala de visita; e no momento em que se achava toda distrahida n'esse trabalho, repentinamente cahira sem dar um grito, varada por um punhal. A hospedagem estava recompensada. O miseravel estendeu a victima na cama, limpou em suas vestes a arma homicida, apagou a vela que allumiava o quarto, fechou as portas do corredor para a sala e a da rua, trancando-as e retirou-se.

Ao sahir do povoado, bebeu muita cachaça em uma taberna, palestrou pouco e deitou viagem.

A' uma altura do caminho, porém, pareceu reflectir um pouco e immediatamente retrocedendo, dirigio-se ao santuario, onde com chaves falsas penetrou, demorando-se cerca de duas horas. Pela manhã do dia seguinte, um cavalleiro que se aproximava do arraial encontrára um individuo descansando em plena estrada. Era o assassino. Onze horas e tanto quasi meio dia! Este, assim que vio assomar o cavalleiro, levantou-se, concertando a cinta, apalpando-a bem. Esperou-o; e sem perder tempo, fêl-o parar.

— Indas que mal progunte ao patrão, donde vem V.Sa. e para onde vae?

— Pergunta bem. Venho de perto da cidade V. e dirijo-me ao arraial proximo; sou romeiro, vou ao cumprimento de um voto.

— Romeiro! (resmungou); e a graça do patrão?

— Geraldo de Britto, um seu creado.

— Creado de sua pessôa. Não servindo de encomb'do o patrão conhece e pode dar-me noticias de um negociante d'aqui do arraial de nome Santos Carváio?

— Ah! se conheço?! como as palmas de minhas mãos.

— Em que ponto o Sr. deixou elle, pois disseram-me que não tarda a chegar aqui?

— A chegar por aqui!? Coitado! Aquelle é um infeliz. Não é mesmo um negociante novo d'aqui do arraial?

— Sim senhor!

— Sabes onde é a cidade V?

— Sim senhor; conheço ella.

— Pois perdeu la antes de hontem em uma banca de jogo tudo quanto possuia, até um carregamento novo que fizéra. Tudo abaixo até os burricos. Está desgraçado. Elle por estas bandas... salvo se a felicidade bafejal-o muito. Agora só S. Paulo que é a terra dos quebrados. Este mundo está perdido. Está pra se acabar.

— Ora pois, eu sinto muito isto, desejava encontrar-me tanto com elle...

— Eh! E' o que lhe estou dizendo com certeza.

— Stá bom; o patrão queira desculpar-me.

— Então até á vista! Deos o acompanhe. D'aqui a uns instantes escontrará minha tropa. Fale á minha gente que puche bem, para chegar cedo. E adeus!

— Eh! Adeus!

Separados os dois.

— Um! exclamou o romeiro ja um pouco longe. Safa! Nunca em meus dias vi uma creatura tão horrorosa! Diabo! que cara patibular!: falou-me todo se concertando como para um assalto! Coitado! Cahiria perdido e sem esperar. Estava prevenido. Estrada povoada de ladrões e salteadores perigosos!... Porém, que aspecto o d'aquelle sujeito! que olhar desconfiado, inquiéto, de tigre! Que typo asqueiroso, sujo, porcalhão, com umas nodoas de sangue na camisa, alli n'um dos braços, como se estivesse n'alguma briga, ou luctasse com alguma féra! Queira Deus não seja algum assassino!

— Forte miseria a minha! Isto foi a cachaça muita que eu bebi. Bebi demais! Murmurára o assassino. Onde estava eu? Um romeiro! um romeiro!... um achado! Ora, ora!... mas, onde estou com a cabeça? Hoje estou idiota, muito idiota! Se este romeiro não for o Britto? Porém, segundo me disseram, este não se parece com o que recommendaram-se. Deu-me assim uns ares... e quem sabe? Bem que deu-me na retintiva...; mas agora? De certo que perdi meu tempo; Este?... este?... este é o Britto e já vai longe. E deitou a correr gritando: patrão! ôh! patrão?!...

E desistio da empreza. De patrão nem a poeira do seu burro! Patrão em poucas horas entrava no arraial, encontrando a desordem em sua casa e uma geral consternação no povo.



Santos Carvalho, escapando milagrosamente da morte, soubera mais tarde que o barbaro assassinato em sua casa fôra praticado pelo terrivel Corrêinha, a mandado de sua mulher, ganhando aquelle miseravel um par de bixas, uma vacca e uma espingarda pela eliminação dos dois. E de crime em crime, de sorpreza em sorpreza, homisiado nas fronteiras dos dois Estados — Bahia e Minas — perambulava este facinora, monstro impune e temido, depredando fazendas, vivendo fartamente d'essas rapinas sulcadas de muito sangue, até que um dia cahira em uma cilada de um outro não menos celebre criminoso o — Vicente Pitá — que assalariado tambem por um fazendeiro, dos prejudicados de então, prostrára-o traiçoeiramente de emboscada com um formidavel tiro de clavinote a beira da estrada dos campos gorutubanos, junto ás margens do rio deste nome, e por alli mesmo sepultado. Mas, o que, alem destas tristes recordações do facinora, mais gravou-se no espirito dos sertanejos d'aquellas regiões e disto falam até hoje, sem jamais uma explicação possivel, qual terrivel mysterio, é que depois de sepultado, o cadaver do Corrêinha achou-se exhumado ao pé da sepultura escancarada, como se de proposito d'ella expulso. Que foi retirado, não houvera duvida; mas impossivel encontrar-se em derredor um rosto violador de homem ou d'alguma féra. Sepultura cuidadosamente limpa. A esse tempo o cadaver cobria-se de negro. Uma cafila enorme de vorazes urubús, formando alos lacerando, desputando aquelles restos mortaes!... Horrorizados, os sertanejos tentaram sepultal-o novamente; mas, impossivel. Tudo estragado, arrebatado pelas garras rapineiras.

Naquelles destroços humanos em uma parte bastante dilacerada de um dos antebraços restantes, reconheceram elles diversas particulas de hostias, certamente consagradas, aquellas que o sacrilego roubára no sanctuario de que falámos. Segundo o uso do sertão, o cadaver que fora sepultado de bruços para appressar a captura do assassino, do mesmo modo fora encontrado em cima d'aquella terra frescamente remexida.

---

## Rogerio e Raymundo Piston

Dois refinados tratantes!

Viviam ambos de musica, atormentando a humanidade; dois relaxados e inseparaveis estroinas.

Exploradores escovados, o clarinetista caturra aperfeiçoava o que o pistonista começava, ambos velhacos, um mulato, outro creoulo, iguaes na intelligencia, talentosos e aguçadissimos em trêtas, perdularios cavadores de comes e bebes, de folias, pagodeiras, bailes e serenatas.

Estes foliões, assim que farejavam qualquer cousa no ar, arranjavam uma orquestra, industriavam o pessoal tocante e ferravam o bode; deste modo varavam a vida, gozando, á tripa fôrra, do bom e do melhor, como rapazes da época, encasquilhados com roupagens caras, vistosas e perfumadas a patchouli, chamados e reclamados em toda a parte, sempre de ferro, resistentes aos folguedos, promtos á toda a hora para o que desse e viesse.

Porem, como o homem é a imagem de seus passos e nada estavel sobre a terra, chegára a crise das alegrias, pitanças, prazeres e passa tempos com seus gelos insuportaveis e os dois pelintras foram saboreando as saudades desses digestivos do passado, distanciando-se muito os fecundos tempos das vaccas gordas. Cansado de badernas, o povo suspendeu a postura para as trivialidades da vida, aturdido talvez de tanto barulho.

Nada mais tendo que esperar, os dois typos infumaveis, bigodeados pelos azares da fortuna, foram entrando a pouco e pouco na certa pelo páo de dois bicos da necessidade.

Procuraram logo conjurar a magua taça da adversidade com uma banca de jogo de azar; porquanto, a musica ou notas musicaes, andavam sustinidamente tisicas e os instrumentos encatarroados.

Ora, corja desta ordem... para o cisco!

Mas jogo é o diabo e a ganancia do avanço uma febre escaldante.



Os safardanas batiam azas de galo de janeiro, temperando uma pose de gatunos. A lepra do jogo para logo devassou vergonhas, algibeiras e consciencias, acabando-se tudo numa liquidação forçada de caracteres e comparsas alem de algumas sensaborias policiaes.

Dahi a diserção e baixa por incapazes; mas, escaceando o milho, que fazer? Remexeram a panelinha de feitiço e como nada mais sortisse, um dia escafederam-se, deixando a chave á fechadura.

Dinheiro! dinheiro... ah! nem um caroço!

Viajavam de pé por immensos sertões goianos quasi mendigando o pão quotidiano pelas pousadas, roendo mandiocas cruas, ou fructas silvestres, quando achavam-nas.

Negocio apertado e a situação cada vez mais desesperadora.

Raimundo conjugou um alvitre:

— Retrocedamos, Rogerio!

Retroceder!? Isto agora seria o maior dos desparates. Homem você tem lembranças.... Ora, retroceder com as tripas em miserias, não vês, seria deixarmos os ossos na estrada?

— Mas, não me dirás, onde parar isto sem dinheiro?

— Não deixa de ser um cravo; em todo o caso, andar a gente com idéas funebres na estrada, não convém.

— Tem razão; visto isto... tocar para a frente.

— Sim, senhor! Isto sim! Para a frente toda a vida!

— E viajavam.

Soalheiras fortissimas caiam nos dilatados horisontes do planalto central; aqui a selva densa, crepitante, interminavel, sol de rachar em mez de agosto, areia quente, terra vermelha e branca; alem a estrada eternamente escancarada para a preguiça e o desalento dos que passaram vida regalada... de Lopes; noites ao relento, cruzes na boca, pança pregadas ao espinhaço, saborosas lembranças de passadas eras; todavia, caraduras, raspando os mocotós na poeira, pés inchados e... avançando sempre.

— Malditas aventuras! Rogerio?! e eu que tenho uma idéa magnifica!?

— Ora, vamos ver que tal!...

— Pelo que vejo ao longe estamos a chegar em alguma fazenda...

— E'H! sim! e depois?

— Ora teremos de chegar.... não importa...

— Vamos, acaba!

— Espere, senhor! Você não me deixa refletir. Arranjar um sacco equivalente aos nossos projetos, não é assim de pé pra mão.

— Vem! Sim! Eh! eh!

— Vale uma fortuna, afianço!

E os dois esbodegados pararam, conversando longamente, concertando planos. Ao entardecer desse dia, com effeito, abrigavam-se á uma fazenda cujo dono os recebera bem, sendo Rogerio ali o primeiro a chegar. Mulato conversador e pernostico, temperado de mil e tantas desgraças da vida, bem apessoado, facil lhe foi captar com essas qualidades, certa confiança do fazendeiro que o achára interessante.

Emquanto estabeleciam-se as primeiras relações da hospedagem, chega Raymundo por sua vez, revirando com força as alparcatas na poeira, sobraçando uma velha mala de viagem.

— Raimundo! gritou rasgadamente Rogerio, assim vira-o cancelas a dentro: tu te demoraste muito rapaz! Duas horas que aqui estou!...

— Eh! yôiô, seu Coroné! Foi perciso. Esta mala sempre pesa.

— Diabo deste negro! Diligente, mas, um carro para viagens. O fazendeiro, ouvindo falar-se em Coronel, pedio desculpas de não ter tratado até ali convenientemente um hospede de tão elevada qualificação social.

O Rogerio exultou, desmanchando-se em amabilidades e abnegações e o fazendeiro, para atenuar o seu desapontamento, cahio em outro assunto, indagando do Rogerio á parte:

— Coronel, este rapaz é seu camarada?...

— Nosso escravo, meu caro Senhor Albino! atalhou de modo categorico o Rogerio.

O Albino encarou mais detidamente o Raimundo.



— Quis figurão! moço, musculoso! Quis bela estampa de creoulo, quis bela peça!

— Bela peça!... exclamou, sorrindo o Rogerio; não é das piores, tambem não é das primeiras dos nossos escravos.

O Albino arregalou muito os olhos.

— Peiores?

— Pela estima simplesmente; sabe ler e escrever, sabe um pouco de musica, diverte bem a gente sempre e muito em horas de enfado.

Uma escrava interrompe a conversa.

Hora de jantar.

— Meu Coronel, vamos fazer penitencias e desculpe-me, não o esperava.

Rogerio, radiante de alegria, desatou devéras a lingua. Paralou, bebeu, mentiu, contou caxambêtas mirabolantes, pintou o sete, emfim, sobre assuntos diversos.

Durante o jantar que foi lauto, aventurára ainda o fazendeiro:

— Meu Coronel, não servindo-lhe de agravo, vende V.Sa. este rapaz? Em quanto, estima-o? Abra o preço; agrada-me a figura.

— Vender o rapaz?! Oh! meu amigo! Não! não! Custar-me-ia bem caro isto; o senhor não imagina!... Por mim e pelas finezas de que tenho sido alvo em sua honrada casa...

— Muito obrigado, coronel! Honra toda minha...

— Pois bem, não haveria dificuldade; mas...

— Mas, que tem o coronel vender-me o escravo?

— Isto não é um escravo; é quasi um filho; criou-o minha mulher que o trouxe de dote. Vê la!... mulher moça ainda, inexperiente e demais muito nervosa, histerica, muito ciumenta! Estima despropositadamente esse rapaz. Ora chegar á casa sem elle, o meu amigo compreende...

— Ora deixe-se la disso. Nervos de mulher...

— Eim? que está dizendo? E' o diabo vivo, bolindo; é o inferno em chamas. Deos o livre a mim tambem.

— Então, recusa? continuou rindo-se o fazendeiro.

— Conversaremos depois.

O coronel Rogerio era um comprador de diamantes que se dirigia á Capital de Goiaz e dali para Matto Grosso, fazendo parte de um sindicato americano. Com estas e outras patranhas, cinicamente sizudas, entrada a noite, a prosa continuou depois do jantar até muito tarde.

Raimundo, metido pelas senzalas, po[illegible]se ficára.

Amanhece.

Rogerio partira já, tendo recebido um conto de réis e um excelente burro pelo seu escravo, recomendando-o, todavia, á estima do novo senhor que, por per fas aut nefas deveria tel-o a bom recado.

Poderia fugir.

E sem mais detença raspara-se.

Raimundo, assim que lhe fora comunicada sua nova condição, berrou, contestou, cahiu no bollo, entrou na surra, tossio deveras na taca e foi arrastado ao eito.

*Dura lex;* mas, dura trêta tambem!

Era do contracto e só lhe restava a fuga.

Fugiu.

Enviaram-lhe um Capitão do mato; alcançado, eil-o de novo no bolo, na surra de novenna, na prisão, na pêga, encorrentado, vigiado noite e dia, dia e hora.

O negocio estava serio.

Durante essas aperturas do cativeiro, Rogerio, retrocedendo para Minas, patuscava pelas cidades, esbodegando o cobre em pouco tempo, emquanto seu amigo, sobrecarregado de trabalhos, dôres e fadigas, muito tarde e a custo podera provar que não era cativo, pagando sosinho e bem caro o conto do vigario que elle mesmo e o esperto coronel haviam pregado ao tolo fazendeiro, tomando ainda pela belleza dessa façanha muitas duzias de bolo antes de partir.

Um mimo pela sua liberdade.



## Rei do Rosario

O Manoel Bogodó fôra eleito Rei de Nossa Senhora do Rosario.

Logo que disto tivera sciencia, enfurecera-se porque o festejo era de negros; e elle, mulato, doente da branquidade, manteiga de sebo, homem da alta sociedade, estava no caso de fazer uma festa, porem, condigna, do imperio; pois que, festas de negros não passavam de um abuso de confiança, um desaforo intragavel, um insulto directo e falta de consideração á sua pessôa qualificada, e que, portanto, haviam perdido o tempo os que se lembraram do seu nome para semelhante bandalheira. Não prestaria o menor assumpto á tal porcaria de eleição. De taes honras absolutamente não precisava; seria um immenso favor não se lhe tocar nesse sentido; que sua cabeça jamais cingiria uma corôa da santa negra.

Pessôas piedosas tentaram por diversas vezes dissuadil-o do seu proposito e das blasfemias, mas foi peior.

O orgulhoso Bogodó, ferido no amor proprio mal entendido, tornou-se inexoravel; não ouvia conselhos, rompendo com Deus e o mundo, desesperado, furioso, despeitado!

Aproximam-se os dias.

Notificado pelos representantes da respectiva irmandade, mal poude conter a ira, invectivando os santos, maldizendo a religião, saccando terriveis improperios contra os que tiveram a audacia de usar do seu nome. E terminára, dizendo que absolutamente não trataria da festa.

— Quem encommendou o sermão, que o pague. Eu não o desejo, nem o quero, porque não quero.

Tal a derradeira resolução. Manoel era negociante, senhor de alguns arranjos de fortuna. Arrotava dinheiro. Certos individuos, emquanto pobres, ostentam umas tantas veleidades de exageradas filantropias de pasmar. Seriam os Cresos da caridade, refinados santos, se a mentira não tivesse duas capas: — uma que cobre, outra que descobre. Suas pequeninas ações em tudo se manifestam. Deus não precisa da experiencia do homem; transforma muitas vezes essa velha

enfermidade, esse coração enfermo, para purificar ou patentear o seu lado positivo.

Não engana, não se engana.

Sem citarmos exemplos por ahi alem aos milhares, dois factores sociaes forçam a porta á essa farandula hipocrita: — um pouco mais de luz intellectual e uma certa dose de bem estar.

Ah! não tem que ver! E' aquella garapa: a negação systematica de divinos preceitos que totalmente ficam á margem da consciencia.

Invadem e insultam quanto podem tudo o que é sagrado.

A ostentação, a duvida calculada, a soberba os assignalam, propalam supremacias sobre virtudes communs.

São elles os que fizeram o mundo; portanto, os senhores absolutos de todas as honestidades. O céo só delles: os bonitos, os ricos, sabios, illustrados. O enfermo, a baixeza, a desventura para os demais; a massa ignára e despresivel. Elles, os verdadeiros, os sublimes; o resto, os mentirosos, os monstros. Cartilha inteiramente oposta ja se vê. Por essas e outras contas bentas resava o nosso Rei do Rosario.

Findo o anno compromissal, o Bogodó não cedeu.

Prepara viagem para retirar-se do Salgado á toda a pressa possivel em uma barca, cujo carregamento manda amontoar na praia por uma parte do pessoal do serviço barqueano, emquanto a outra derramava-se pelos mattos em busca do madeiramento para o toldo e outras particularidades. A viagem estava marcada para vespera da grande festa; porem, ainda nesse dia nada de serviço concluido.

O Bogodó andava damnado da vida, embuxado, indo de casa até á praia, dando ordens á barqueirama.

O Cacimbeiro lava o porão cheio de fetido limo, todo acocorado ao fundo da barca.

Pouca gente trabalhava áquela hora, apesar do aperto.

Raros feixes de varas e capim e algumas mercadorias amontoadas ali.

Esquivava-se ao serviço, era certo; notando-se então a ausencia do piloto.

E o Bogodó trovejou:



— Seu cacimbeiro, cadê-lo o piloto?!

O cacimbeiro cuspio grosso a um lado para dentro do rio:

— Sê la delle? E mêmo hoje dumingo!... hoje!... essa viage!... ancê... Eh! fum! eh! non sê não! Os menino antonce, eh dixe que non ton quereno!... Piloto mêmo... ai ai! sê lá!? Pelos promove que hai... eh! só se sabeno isbilichá isso.

— Não querem viajar; bem estou vendo. Não querem porque? Que tem o piloto? Eh! são as taes festas. Ja sei. Estão com saudades da sucia e da cachaça que são o resumo de tudo isto, marombeiros!

Vocês todos são a mesma cousa, porem eu não estou aqui atôa nem p'ra brincadeiras, fiquem sabendo. Hei de viajar amanhã cêdo, eim? ouvio? custe embora o que custar. Estão ganhando o meu dinheiro, não escuto conversas; metto tudo na cadeia.

— So se fô!... Cadeia!... Deus me perdoi, Pra cá! sê besta, sieba! resmungou surdo de odio, o cacimbeiro; e depois bem alto:

— Eh! patrão! mas, dix' que esses treis dia é dia santo. Ja hoje, dia do Espirito Santo, é bespa da Senhora do Rosáro; ô dispois, de São Benedito... E' mais mió... sê não! Vancê...?

Bogodó não resistiu e queimou logo:

— Canalhas de todos os diabos! Dia santo! Que diabo é dia santo? Dia santo é para os preguiçosos, vagabundos como vocês e que o dinheiro que ganham é pouco para fazer viva-povo. E' pro branquifeste. Delle fazem bangulora e por isso é que andam arrastando o couro da miseria, cambada de porcos! Nesse instante o sino da igrejinha matriz bimbalhava alegremente e dezenas de foguetes sobiam alem numa barulhada alviçareira. Bogodó olhou para aquele lado sem querer, porem, com um rancor terrivel.

— Corja, não tem que fazer! Em que se occupar não procuram. Dia de festa! Todo o dia é dia de festa. Todo o dia é dia santo; e quando não os ha, inventam. Comelanças de padre, e nada mais! Invenção e mentira. Eu só reco-

nheço o domingo e no mais pêtas! Ja não estou mais por tantas asneiras. São uns comedores da humanidade. Em riba de tudo o mais ainda engazapam uma sucia de negros com patranhas de religião e atacam os homens de bem com esses engodos taes das taes irmandades! Que me importam irmandades, nem cousa alguma de semelhante troça! Toquem foguetes, façam o que entenderem; meu dinheiro é que não bifam, nem crôa de santa de negros nunca em minha cabeça, lazêras, non sei quizeras! E virando-se parando-se para o cacimbeiro.

— Quero minha barca limpa hoje, cacimbeiro! E logo que estiver bem lavada, vá carregando alguma cousa para a tolda. Ajude aos outros. Viajo amanhã como sem falta.

— Sim senhô! e murmurou depois sem ter ouvido:

— Cê acha! Vem pra cá! Siéba! Bogodó! Sê besta! Que é sella cum cangaia funda! Fum! T'má sopa, nêgo locó.

Bogodó não escutára esses desaforos; tomára de novo o caminho de casa, sentindo-se encommodado com uma fortissima dor de cabeça e de tal modo que não enchergava dois palmos deante de si, sendo necessario dar o braço a um transeunte para transpor o barranco e chegar a custo até sua residencia.

Poucos instantes depois quatro barqueiros ali entravam tambem, conduzindo o cadaver do cacimbeiro que repentinamente morrera.

A familia do obstinado Bogodó tomára providencias para o enterro, porque o desventurado passava mal, peiorando de instante para instante no meio de tormentosas dores.

Queixara elle ao facultativo, que sentira um grande estalo na cabeça e de modo estranho que de vez porquanto repetia, varando-lhe os olhos agulhadas agudissimas.

Sem socego e estorcendo-se em singulares agonias ao amanhecer do dia seguinte, apesar de todos os esforços e recursos da sciencia, deixava de existir o Bogodó.

Nunca se vira cadaver tão disforme pelo rosto.

Tinha os olhos fóra das orbitas, pendentes de uma baba aquosa, caindo para os lados.



## O Arengueiro

Gravissimo o facto que se dera em casa do Magalhães, cujas funestas consequencias tragava-as em silencio o pobre pai de familia. Como de ordinario acontece, infelizmente aquillo que julgava-se um segredo, presenciára-o um seu compadre; esse individuo com capas de homem de bem, não passava de um refinado impostor, intrigante e mexeriqueiro.

Vendo o mal em casa do amigo, farejou-o a fundo; mas, a desconfiança da sua lingua creou quarentenas e as labaredas intimas do vicio da vida alheia lavravão aquele espirito pequenino que não lograra mais socego em casa. Dirigira-se por vezes ao amigo, saudara-o outras tantas, porem, suas respostas sempre firmes, categoricas, denunciavam completa inocencia. Dava rodeios, inventava e multiplicava factos, fazia-se de entendido e desentendido, ensaiava abrir a bocca no ponto capital, chegava mesmo quasi a feril-o; recuava. A fama de honrado, de sizudo, de pezo, de bem, afivelava a mascara hipocrita. Faltava-lhe coragem de ser franco e com medo da maldita pecha, se estorcia, suando. Nessas tentativas sua fadiga crescia, visivel sem cansaço e a pouco e pouco cedia ás esporadas da tentação, rompendo por fim. Se não rompesse, dizia o sacco rôto, esse sepulcro caiado, seria um *covarde*, indigno da amisade de um homem tão distincto, qual o Sr. Magalhães. Resolvido, como poucos, arrastou-se de ventas abertas para cima do perigo.

— Bom dia, meu compadre!

— Bom dia, compadre!

— Oh! Como vão as cousas, nada de novo?

— O senhor sabe melhor do que eu. Certamente, vão, como vão. De novo nada — que eu saiba.

— Fum! E' isso mesmo, mesmo assim. Este mundo é mundão; nois é que nos bamo e elle é quem fica.

— Na verdade; porem, que fazermos?

— Na verdade, que o Senhor diz muito bem: que fazer nóis? Mas porem, hai coisas que incafinfa a gente, meu compadre. Meu compadre, dão-se coisa neste mundo...

nheço o domingo e no mais pêtas! Ja não estou mais por tantas asneiras. São uns comedores da humanidade. Em riba de tudo o mais ainda engazapam uma sucia de negros com patranhas de religião e atacam os homens de bem com esses engodos taes das taes irmandades! Que me importam irmandades, nem cousa alguma de semelhante troça! Toquem foguetes, façam o que entenderem; meu dinheiro é que não bifam, nem crôa de santa de negros nunca em minha cabeça, lazêras, non sei quizeras! E virando-se parando-se para o cacimbeiro.

— Quero minha barca limpa hoje, cacimbeiro! E logo que estiver bem lavada, vá carregando alguma cousa para a tolda. Ajude aos outros. Viajo amanhã como sem falta.

— Sim senhô! e murmurou depois sem ter ouvido:

— Cê acha! Vem pra cá! Siéba! Bogodó! Sê besta! Que é sella cum cangaia funda! Fum! T'má sopa, nêgo locó.

Bogodó não escutára esses desaforos; tomára de novo o caminho de casa, sentindo-se encommodado com uma fortissima dor de cabeça e de tal modo que não enchergava dois palmos deante de si, sendo necessario dar o braço a um transeunte para transpor o barranco e chegar a custo até sua residencia.

Poucos instantes depois quatro barqueiros ali entravam tambem, conduzindo o cadaver do cacimbeiro que repentinamente morrera.

A familia do obstinado Bogodó tomára providencias para o enterro, porque o desventurado passava mal, peiorando de instante para instante no meio de tormentosas dores.

Queixara elle ao facultativo, que sentira um grande estalo na cabeça e de modo estranho que de vez porquanto repetia, varando-lhe os olhos agulhadas agudissimas.

Sem socego e estorcendo-se em singulares agonias ao amanhecer do dia seguinte, apesar de todos os esforços e recursos da sciencia, deixava de existir o Bogodó.

Nunca se vira cadaver tão disforme pelo rosto.

Tinha os olhos fóra das orbitas, pendentes de uma baba aquosa, caindo para os lados.



## O Arengueiro

Gravissimo o facto que se dera em casa do Magalhães, cujas funestas consequencias tragava-as em silencio o pobre pai de familia. Como de ordinario acontece, infelizmente aquillo que julgava-se um segredo, presenciára-o um seu compadre; esse individuo com capas de homem de bem, não passava de um refinado impostor, intrigante e mexeriqueiro.

Vendo o mal em casa do amigo, farejou-o a fundo; mas, a desconfiança da sua lingua creou quarentenas e as labaredas intimas do vicio da vida alheia lavravão aquele espirito pequenino que não lograra mais socego em casa. Dirigira-se por vezes ao amigo, saudara-o outras tantas, porem, suas respostas sempre firmes, categoricas, denunciavam completa inocencia. Dava rodeios, inventava e multiplicava factos, fazia-se de entendido e desentendido, ensaiava abrir a bocca no ponto capital, chegava mesmo quasi a feril-o; recuava. A fama de honrado, de sizudo, de pezo, de bem, afivelava a mascara hipocrita. Faltava-lhe coragem de ser franco e com medo da maldita pecha, se estorcia, suando. Nessas tentativas sua fadiga crescia, visivel sem cansaço e a pouco e pouco cedia ás esporadas da tentação, rompendo por fim. Se não rompesse, dizia o sacco rôto, esse sepulcro caiado, seria um *covarde*, indigno da amisade de um homem tão distincto, qual o Sr. Magalhães. Resolvido, como poucos, arrastou-se de ventas abertas para cima do perigo.

— Bom dia, meu compadre!

— Bom dia, compadre!

— Oh! Como vão as cousas, nada de novo?

— O senhor sabe melhor do que eu. Certamente, vão, como vão. De novo nada — que eu saiba.

— Fum! E' isso mesmo, mesmo assim. Este mundo é mundão; nois é que nos bamo e elle é quem fica.

— Na verdade; porem, que fazermos?

— Na verdade, que o Senhor diz muito bem: que fazer nóis? Mas porem, hai coisas que incafinfa a gente, meu compadre. Meu compadre, dão-se coisa neste mundo...

— Ora, compadre, a nós que nos importa? E' por esse mundo; desde que não seja em nossa terra...

— Não é em nossa terra? pruvera! porque é em nossa terra mesmo que as coisas vão se dando...

— Ora, deixe lá, homem? Prestar assumpto a tudo quanto vemos de bom ou de ruim que vai pelas ruas, é não ter-se juizo. E nas ruas, então? Eu.... desde que não seja pela nossa!...

— Em nossa rua, é!... Nem o senhor pensa nem de leve o que ha em nossa rua. Oh! dão-se coisas!...

— Tch! Cê qu'emporta, meu compadre! E' do mundo; vamos vivendo. Não sendo em nossas casas...

— Estas nossas casas... E' um inferno! quando imagino... Eu, como sou desempambado!...

— E' uma insistencia que nada vale; porque hade a gente se matar? Tudo na vida é bem assim. Nem sempre o que se deseja é o que se vê. Que seja ainda em nossas casas; inda assim, não devemos nos incommodar muito; Não indo nisso nossas familias, eim?

— O que, meu compadre? nossas familias?... Fum! A gente engole buxa de intupir. Ah! meu compadre, o senhor é porque é um homem que sempre foi muito apercatado. O senhor sabe...

— Ora que tem? Muitas vezes é com nossas familias; mas não é com as pessoas nossas. Não ha nada. Falo desabusado!

— Eh! la isso é verdade!

— Sim, é e foi assim este mundo, compadre! Bem tolo e basbaque quem se mata.

— Comefeito, é! Inté mais logo!...

— Ind'é cedo!...

— Não! cedo mais... venho!

— Sempre ás ordens. E é como disse...

— Tem rezão! Stá déreito! Stá no seu déreito.



## O carga de sebo

O sessenta! Fome e carestia, tempos crueis! A crise geral assolava as populações das margens do S. Francisco. Generos de primeira necessidade, escassos! A morte dizimava os emigrantes e não raro os proprios filhos destas zonas. Nessas ocasiões, a penuria, qual o ladrão que espreita e ataca á mão armada, estende suas mysteriosas e negras correrias pelas camadas infelizes do povo; cada qual, temendo e evitando o medonho flagello, busca refugio de toda especie para suster a vida, enganando o estomago, desde as fructas e raizes silvestres de pequí, tucum e mucunãn, até ao extremo da somitega esmola que é a ultima a chegar, sempre tardiamente, quando o exodo das victimas ha ultrapassado as raias do infortunio, amedrontando até a falsa philantropia de uns conversadores de esquinas e tribunas, muitos desses — prestidigitadores aves de rapina da occasião.

Por vezes a solicitude dos governos procede com o criterio necessario, mas, lastimosos exemplos de roubos neutralisam o obolo governamental para tantos desgraçados, servindo apenas para engrossar o bolso de muitos ladrões de casaca e gravata lavada que por ahi alem afivelam e ostentam á casa inconciliavel a mascara negra de uma ignominia sabida. Tal a crise com o seu cortejo de males sem conta inenarraveis. Por isto mesmo e com razão preferem muitos supportar corajosamente as avançadas mortiferas do contagio a submetter-se á uma parte peior: a dos que não tem pejo nem honestidade de olhar sem cobiça para o alheio, ainda ouvindo o grito de uma infelicidade. Ha miseraveis de tal ordem que não duvidam incendiar uma choupana para arrebatar um ovo. Nessas epocas calamitosas são escorraçadas as consciencias limpas, porque semelhantes beneficios teriam seguras aplicações, mitigando com proveito á tantas dores. Confiassem por exemplo os governos aos institutos de caridade, devidamente reconhecidos, essas providencias de suas generosas economias tão malbaratadas, e esses compririam o sagrado dever, consectaneo com as leis do evangelho; po-

rem, tal não acontece. Os que morrem de angústias nas vascas da fôme e da miseria, mais depressa sucumbem assassinados, cobertos de ultrages, por esses infames honrados, vendo a caridade se tornar em peccado mortal, a fortuna assaltada pelos que se acham fartos. Sobejas provas temos nas do flagello das enchentes penultimas do S. Francisco. Os soccorros desta ordem foram devidamente agasalhados, sem o menor escrupulo, sob todas as modalidades do escandalo.

Bem triste! mas, bem verdade! E em quanto essas épocas nos revelam no fundo esses lastimosos quadros, escolhamos entre os varios da fome, em que a poeira do tempo jamais poude apagar á luz da tradição.

Para mais de duzentas pessoas tinguijavam uma lagôa em busca de peixe. Tinguijar é lançar á agua feixes de raizes silvestres e venenosas de sipó — timbó e tenguí arvore muito abundante e nativa nas margens do grande rio. E' toxico activo para o peixe que se embebeda logo e sobe á tona estagnada, onde avidamente é apanhado. Homens, mulheres, creanças e populares coalhavam as margens da lagôa numa labuta penivel, recolhendo diariamente o peixe, escamando, estripando, retalhando, amontoando enormes pilhas, ás pressas, salgando-as para neutralisar a acção corrosiva das raizes, estendendo, apoz a operação, a preciosa colheita em compridos varaes de mangue ao sol.

De longe, de muito longe do fundo dos geraes de S. Felippe, acodia gente para comprar, ou trocar por outros generos, cargas de peixe e assim de muitas outras partes ribeirinhas, cada qual o que podia, isto vê-se; quem não dispunha de cousa alguma, ajudava no trabalho, ganhando assim o pão quotidiano.

Muitos esmolavam. Premia a fome cada vez mais.

Farinha, nem um caroço. Toucinho, nunca te vio. Nessas circumstancias apparece entre os emigrantes, numa das margens do lado do S. Felippe, um individuo, trazendo para troca ou venda uma carga de sebo, genero então de primeira a suprir o toucinho. Horas de tinguijar.

Pescadores seminús com mêdo de piranhas vorazes, amarravam dos pés ás cintas ramos verdes de densa folhagem e



munidos de fisgas, batins, arpões, chuços e flechas, iam lagôa a dentro, rasa pela secca, batendo-a em todas as direcções, lançando os feixes de raizes machucadas. Formigava o povo entretido com a pesca, trabalhando uns, distrahindo ou divertindo-se outros com a vozeria de infinito e insistente numero de passaros e aves aquaticas, pernaltas, coalhando as frondes das arvores circumstantes. O da carga de cebo amarrou o cavalo á arvore e muito curioso achava aquelle immenso labutar. O peixe grande, bem como o meúdo, presos pela pouca profundidade e extensão das aguas, barulhava com estrondo a fervilhar, desorientado, embriagando-se do veneno e perseguido de perto pelos seus naturaes, inimigos — o homem e a ave — Cansados, tontos, boiavam, morrendo á tona, alvejada por esses belos cadaveres, estendidos como roupagens em couradouros. Sol ardentissimo! Pestilenta maresia aquelle pantano extagnado. O homem da carga de sebo, vendo que áquella hora de trabalhos, nada poderia conseguir sinão depois da pesca; mudou de rumo. Desatou o cavallo e dirigio-se á outra margem onde a aglomeração do povo tambem era densa. No momento em que ia sumir-se no matto, gritou-o um pescador:

— Ôh! siô! que leva nesta carga?

O outro que ia um pouco longe respondeu:

— Cebo!

Ora, — cebo — em certos casos na giria popular e sertaneja é uma feia, dura e descabida palavra. Um grosseiro insulto!

— Cebo p'ra tua mãe, cachorro! malcreado!

— P'ra tua, desavergonhado!

— Esper'ahi qu'eu te dou e ja a resposta, um conhecimento, seu moleque atrevido! T'ensino neste instante a respondê um homem, severgonho! E avançou de carreira, lagôa a fora, empunhando uma faca.

O pobre forasteiro, não tendo tempo, nem onde refugiar-se, esperou firme o attacante, pondo-se em defensiva, espantado de tamanha brutalidade.

O pescador vinha feio e agrediu sem aceitar explicações.

Lucta funesta! Aos gritos de acudam! acudam! todo aquelle povo precipitara-se, cercando os dois contendores. Era tarde. Um momento apenas para apurar-se a verdade e nada mais. Irreconciliados expiram os dois, sendo ali sepultados os seus corpos. E facto singular! No dia seguinte no local do crime em cima das sepulturas duas garças bravias, numa lucta desesperada, appareceram, descendo das selvas, prendendo a attenção geral daquella rude gente que, curiosa e muitas vezes condoida, tentára separal-as. Essa briga ia do clarear da aurora ao entrar do sol. Inuteis todos os esforços! Quando se aproximavam, voavam ellas, pousando nas ramagens visinhas. Retiravam-se, e eil-as de novo, recomeçando o mysterioso duelo.

Durou tanto e por tantos dias, que o povo, com superstição ou sem ella, abandonou completamente aquelle sitio.

## O Gorutubano

Geraldo — o gorutubano — é um desses tipos populares, sempre e sempre maltrapilho, muito sujo, envergando o mais que pode o seu copo de pinga, taciturno e de máos bofes, quando não bebe; quando bebe, conversador aborrecido, amolante, enjuado, a cospir na cara de quem pacientemente atura, ouvindo-o. Tem uma bondade em seus disparates cachaceiros: não mente. E como diz o proloquio popular — cachaça é o saca-trapo da verdade — ouvimos do beberrão em meia carga, uma das suas:

— Embora eu esteje beb'do, patrão, vô lhe contá uma historia; mas, eu não quero que ninguem saba disto, pruque são capaes de mandá me matá, e vancê é que fica curpado. Óia lá... Sou fio de Gorutuba. Minha famia era agregada duma fazenda, onde meu pae tinha inteira confiança no patrão; intanos que sempre era o incarregado de todo movimento de tropa de café, toicim, fumo, couro, sola e mantimento e dispunha de tudo, dano muito bôas conta e



tudo mais prefeitamentes. Conde nós stava de viage, que era coge um fenonco, dirigia no eito a escravatura que era muito grande. Patrão rico, tataú metido nessas coisas que vancê intende da polica do partido qu'eu não seio. Famia numerosa, famião! Tinha treis fia fêma casada; uma sorteira, uma viuva, outra moça, tudo morano na mema casa, casona grande, insobradada. Outros fios home, todos ricos que nem o pai, morava in redó do pai, assim coge no terreiro. Aquela gente era zuretada, grugúda, não contava fiado; ni corqué embelêco, embrêxo, ou incorqué parram-pampam o que dizia não mandava dizê, gente — estordenaro que não comia desaforo. Não são cumo certos fulanejo que hai por aqui, xambuqueiras, cafageste; — gente que conde cafangava e dava um grito, o patro da fazenda endurecia, ficava duro de cabeça de gente, tudo no Cangaço e pró que desse e viesse. Nos tempo d'inleição é que se via a força do carvão de pedra. Antonce, o dito cujo patrão era do partido do cascudo, mas porem, um genro da polica dos labaraes. Eu molecote duro já, ajudava meu pai; e nessas casião não largava o serviço do patrão, que prumode a tal polica indiquirira muitos inimigos, tamém gentes que podia, gente de dinheiro. Conde m'entendi pru gente, j'arcancei uma encrencasinha entre meu patrão e o genro, e que no tempo em diente veio a purduzi uma suparação da fia có marido, cujo marido foi corrido de casa e desterrado pra bem longe prefeitamentes. Uns dizia que o motivo ou quá, era do moço sê d'outro partido e nunca companhára o véio; mas, porem, outros dava rezão delle sê pobre e tudo mais. Ou por isso ou por aquilo, o certo é que a muié, contra sua vontade e pru farsos testemunho do pai, foi tomada do marido, cumo sem duvida.

Intriga muita, intriga de matá! A casa da fazenda andava coge sempre vigiada. Tales em fins é de cetra. Mentira muita era o páo que urrava. Todo dia, um dirê tu, um dirê eu. Gente remosa que vivia nesta infincança. Eu que lhe conte. Tô los santo dia, notiça da vinda do moço pra tacá a fazenda cós cumpanheiro da polica delle. Dessas entrósa e desgosto o véio do patrão veio a cahi no cerepite, prefeitamentes. Bem podia ter-se mudado tudo c'oessa morte; mas porém,

co pai. Um camarada, ô dispois que cessaro os peditoro do povo, que fazia pena, gritou de cá de longe do sobrado este recado.

Ah! meu Deus! Eu não gosto de me alembrá disto não!

O home deu aquele gemidão tão forte, que chegou a terra tremê, abalou o pátio c'o sobrado e foi vortano pru onde vêio. Nóis tudo corremo de medo desse phenonco. Iam sumino no canaviá, conde nóis uvimo uma coisa horrive que nem um estrondo de bacamarte; apariceu, ô dispois um fésse duma catinga ruim que coge nos matou. E acabou-se e nunca mais vortô.

## A Briga

Maria Carlotina estava indignadissima até á ponta dos cabellos da cabeça, desesperada da vida. A morubixaba do Zé Luiz morava agora na mesma rua, á pouca distancia de sua casa. Mudára-se de fresco. Ella não comia, não dormia, sempre vigilante, porque elle negava tudo, dizendo que era victima de calumnias. Ambos moços, em pleno vigor da primavera. Todavia, elle, embora um pouco mais prudente, jogava com uma carta de menos; isto é, em falso: mentia, sentindo-se culpado de uma acção que lhe doía dentro d'alma, quando as escaramuças da vida conjugal chegavam até certo ponto de desparates.

Ella, bem disposta, bem formada, nervosa, altiva e ferida no seu justo orgulho de esposa vilipendiada, não estava pela cartilha do marido. Em duas palavras: embarafustavam-se logo na mais encarniçada refrega de odios, de ameaças, de pugilatos e por vezes tão renhidos que o Zé Luiz, por unico remedio mais acertado que via, era ceder, e cedia logo sem resmungar. Emquanto duraram os-me disseram e leva e traz dos embusteiros, tudo andava bem; não havia uma certeza plena e até arrependia-se ella de seus modos desabridos; todavia, chegára o tempo em que contaram e até inostraram-



lhe a mais dura das realidades. Quiz ver com os proprios olhos e de alcatéa agir, sem ser necessario sahir de casa. O Zé Luiz andava tão absorto, e assim vezeiro nas suas carreiras de vagabundo que, até então dissimuladas por habeis velhacárias, perdera os escrupulos, esquecendo-se de que poderia ser apanhado em flagrante; e destrahidamente Zás! um dia, pleno dia, em casa da cuja estivera largo tempo. E como as cousas criminosas cegam o espirito que á ellas se entregam, Maria Carlotina, sem ser presentida tudo vira; e, despeitada com a verdade, insistiu da janela até que elle de lá sahisse. Com effeito com a boca na botija o Zé despertára no crime. Quizera ocultar-se, observando já e sem remedio a brusca retirada da esposa que o espiava.

— Temos terço neste momento, pensou elle, avançando para casa.

Desejando ser agradavel e desculpar-se do seu pé de alferesmór, entrava assobiando qualquer cousa, mas muito desafinado.

— Maria, minha filha, tire o almoço; trago bastante fome, disse elle aflautamente. Ella não respondera, dirigindo-se á cosinha. A panella de peixe secco fervia quentemente. Era costume servir-se alli mesmo o repasto. Lavou com esmero os pratos, e enxugando, guardou-os, envoltos em uma toalha no fundo do armario. Tomou da vassoura, varreu bem limpo o meio da saleta sem ladrilho, e empunhando um grosso cavador de aroeira, abrio um boraco do tamanho e diametro de um prato, retirando toda a terra. Foi ao saco de farinha de mandioca, encheu uma cuia e despejou o conteúdo no boraco, abrindo com a mão uma cova no meio da alva farinha. Desceo das trempes de torrão a panela, reflectio um pouco: cava segundo e terceiro boraco, forra-os de farinha escaldada. No primeiro despeja todo o peixe e parte do caldo; no segundo, feijão, arroz no terceiro; do restante do caldo prepara cheiroso molho em um caco de tijella. Almoço prompto! A cosinha tresandava deliciosamente. Zé, que se ficára na sala com mêdo, estava como gato no matto, chumbado, velhaco, nas pontas dos pés, inquieto, olhando, ora para os lados da

cosinha, ora debruçando-se com impasciencia á janella para a rua.

— José? — gritou a esposa, venha comer.

José deu um pulo de contente e correu á cosinha.

Maria chorava silenciosa ao pé do fogão.

— Esta mulher está damnada hoje! Diabo, eu sou cachorro? clamou elle irado na maior indignação.

— Faz-te de bêsta, côrno, desgraçado! Que é que você qué? Entonce, você não é cachorro mesmo não, miserave? Os home de bem é que come na mesa; mas você mais a tua frepela o que são? Qué você mió?

Vai comê donde você sahio.

José avançou; porem, Maria, apanhando um tição ardente, trovejou fogo e pancadas com violencia taes, que o marmanjo fugio de carreira porta-fóra, sacodindo faiscas de brasas da barba, da cabeça, da roupa, tendo apenas tempo de apanhar o chapéo que ficára á mesa na sala de fóra.

---

## O Cacimbão

Grande novidade entre os roceiros da Vereda Funda! O Thomé da Cunha, excellente lavrador, contractára o casamento de sua filha Justa com o Joaquim Cacimbão, da Covoanca. Dia marcado e convites tambem, desde vinte dias antes. Era a desobriga do vigario por ali.

Como as cousas que causam tormentos são aquellas porque muito se esperam, extinguio-se o prazo, e com effeito, em breve circularam noticias da auspiciosa desobriga já em demanda da Vereda, onde haveria missa.

Naquelles dias em nada mais se falou, nem cuidou. A rapaziada luzidia ajaezavam os ruços esquipadores, os gordos alazões, os bellos pampas e ruço-pombos, ensaiava-os em jocosas piruêtas nas estradas e varzeas para o dia do *branquifeste*. As moças não ficavam atraz, arranjando, o mais que podiam, os vistosos vestidos de chita, os chapeos de montaria com os respectivos roupões, quem os possuia, ou



sem eles, com seus chales de côres. Por duas leguas em derredor da Verêda tudo alerta. Preparativos de festa e festa de arrojo. Chega o dia. Gente muita a correr alacremente para a casa do noivado, assim rompera o dia; porque o enlace, por aviso do padre, seria por ocasião da missa das oito horas para nove de almoço *brabo*. O grande pateo, cuidadosamente varrido, enchia-se de cavalleiros e do pessoal visinho. Dois violeiros de encomenda, o CATAÚNÉ e XICO BURACO, á sombra do baruzeiro da porta repinicavam os predilectos instrumentos: duas grandes e compridas violas de Queluz, circumdados ja de um pessoal dansante. Eram os preludios. Desde a vespera que a casa cheirava escovadamente á festa, enfeitada de palhas de coqueiro, flores silvestres, flores do quintalejo. Grande latada tambem de folhas, ramos e capim, no grande terreiro, acommodava os convidados, sentados em provisorios giráos de varas, á moda bancos, dispostos em torno de um outro giráo enorme, estenso, largo, servindo de mesa, coberto de couro e forrado bem forrado de alvissimas toalhas. No interior, la pelos fundos em casinhas amplas e tambem provisorias, grossas trempes encimadas de monstruosos alguidares, atestavam a mortandade abundante das gallinhas, dos perús, patos, leitões e duas gordas matalotagens escolhidas. O casamento era de gosto.

O Thomé não cabia em si de contente. A noiva com suas comadres de S. João e de S. Pedro e outras companheiras, assanhadas, no asseio dos aposentos, altar da missa e o quarto nupcial, impacientavam-se á espera do noivo que tardava com os seus. Desde as quatro horas da manhã que chegava gente; uns á cavallo, conduzindo mulheres e filhos, ou de pé acompanhando-os, outros de pé, calças brancas ou de cores engomadas e arregaçadas até os joelhos, alpercatas sacodindo ligeiras o pó da estrada, sapatos e sapatões ao hombro enfiados em cacetes de tres-folhas, tatú e mocambo, jaquetões e capangas couro de gato á tiracolo, a lazarina e picapáo de um lado e a garrucha e a faca de compô á cinta, chapeo de couro de veado, de onça com botões dourados, etc. etc; e assim apressurados, comendo as curtas leguas, devorando as visões da festa, alli desciam convidados de todos os cantos.

Já os padrinhos se achavam: o Lourenço Rico e senhora, o Paulo da Conquista com a Rufina do O', ajudavam nos ultimos aprestos. Sobe o sol; são oito horas. Chega o Vigario, um bom velho patusco, brincalhão, respeitado e querido.

Uma foguetança saúda seu vigario.

— Tudo prompto! Cadêl-o o noivo? indagava impaciente o Thome. Seu vigaro, tenha mais paciencia que meu futuro genro não tarda.

— Não tem duvida, meu amigo; embora eu tenha um contracto de ir mais alem, isto não é cerca. Esperarei mais uma hora.

Não fora preciso, porque uma salva de tiros de pistolas e foguetes na encruzilhada proxima era o aviso. Dobram-se. as alegrias e muitos dos convidados, cavalgando novamente, foram ao encontro do noivo.

O Cacimbão era um homem de habitos singulares, nem se sabia mesmo como contractara casamento, tão insociavel, sombrio, desconfiado, taciturno, casmurro, incapaz de estar conversando tres minutos entre duas pessôas, que não se retirasse logo. Dizia-se de S. Paulo e nada mais. Qualificavam-no por isto de: criminoso foragido. Não obstante este e outros juizos, reconhecia-se nelle o trabalhador de mão cheia, possuindo grandes roçados, um gadinho, outros haveres e algum recurso pecuniario. Vivia em companhia de uma velha que cuidava de sua casa, isto de pouco tempo, antes do contracto que viera arrancal-o do isolamento de selvagem. Dahi a novidade; não se acreditava em tal cousa; porém, que remedio?

Cacimbão, caboclo alto, espadaúdo e bem empernado de cara, escarranchava-se o machacaz num queimadão arreiado no rigor da moda, gordo e a pinotear com garbo pelo pateo, nitrindo sob as redeas do seu engravatado senhor, escarvando o solo, após tres leguas de viagem em poucas horas.

Foguetes e salva em penca; saudações, gritos, risadas, um borborinho de prazer de cordialidades. O padre foi o primeiro ao encontro do noivo, abraçando-o.

— E' assim, seu taful, seu maganão; sempre se espera pela peior figura! Como que você sabendo que tudo seria cedo, obrigou o velho a esperar tanto? Ja estou com as tripas em



fritadas! Uma gargalhada geral acolheo o gracejo do Sr. padre.

— Nhôr sim! Vancê é quem é de descurpá, trovejou o Cacimbão. Apois, nóis fumo ligeiro; treis legua! oxente! oxente!

— Tres leguas, eim? Está direito. Você e tua noiva hão de pagar-me e bem caro: um bom prato de doce e não deixo por menos! Nova e gostosa gargalhada.

— Vocês estão achando muita graça; pois agora, vamos ouvir a santa missa e imediatamente farei o casamento.

— Oh! muito que bens! muito bão! Bamo! exclamaram todos á uma voz. E o padre correu a revestir-se. Celebrou-se a missa, religiosamente ouvida pelos presentes. Seguio-se o casamento. Apresentam-se os noivos, começam as perguntas ou palavras sacramentaes.

— Você como se chama?

— Joaquim Anorato da Cunha.

— E você?

— Justa da Cunha.

— Como é isto? São parentes? Não pode ser este casamento, sem dispensa.

— Ué! Nhornhão! Não são parente. Vancê stá intrepetado; interviram as testemunhas.

— Meninos, eu sou mais velho. Se este é Cunha e esta uma Justa, pra que tanta Cunha? Ja se vio que desparate?

— Oxé! pabulou o Lourenço Rico, sabichão do logar. Apois, Cunha não presta pra nada? Oxé! Cunha forte é muito bão.

Os tabareos gostaram muito, rindo-se do espirito do Lourenço.

— Ex ore tuo te judico, disse o vigario.

— Eh! seu vigaro diz'assim é pensano qu'a gente não beserva logo.

— E que disse eu?

— Vancê disse que conto mais santinho, mais cara de Juda.

E o vigario rio-se muito.

— Han! Ja tu topou c'a fôrma de teu pé, vigaro, rosnou á parte o Paulo da Conquista, o inspector de quarteirão da Vereda Funda. Stá pensano que ist'aqui é cumo condo a gente morre e que ocê canta *oia o negro espicha?* Ocê stá enganado c'o Lourenço Rico. Isto é um cabra remoso d'entendido.

A sociedade, que a principio raspára um susto, compreendeu a pilheria, rio-se toda.

— Deixa estar; quando eu acabar, vocês tem que se haver comigo.

Um leitão assado! A cerimonia continuou, depois, coroada de ronqueiras, foguetorio e salvas. Seguiram-se os comprimentos do estilo dos noivos, aos paes da noiva. A esse tempo os serventes, com toalhas de rendas a tiracolo, empanturravam a mesa com iguarias fumegantes, trazendo-os em grandes pratos de barro e travessas de louça de Macáo.

E atacou-se em regra e deveras o grande almoço.

— Não haja cerimonia; rasga carne, minha gente! gritava prazenteiro o Thomé. Cahia a tarde. Despede-se com saudades o velho cura, indo cada qual tomar-lhe a benção, seguida sempre de chistosas pilherias.

Em sua ausencia estoura o folguedo. Como a noite não tardaria, o Thomé da Cunha tratou logo de preparar o chá ou o pitoresco: cachaça fervida com assucar mascavado, a gengibre e botelhas de cachaça, de cabecinha, genebra cangirões de aloá. As violas do Cataúné e do Boraco gemiam debaixo do baruzeiro. Acendeu-se logo uma enorme fogueira, a cujo clarão ia dansar-se o fandango. A grande roda estava formada. Fandango é o segundo baile, a dansa predilecta da roça. Oito homens de cada lado. O chão duro, forrado de tabatinga, estrondava sob o sapateado de ranchos em promiscuidades nos lundús e batuques. Vozes peregrinas trinavam na floresta. Noite fechada. Parte dos ranchos com um dos violeiros acodiram ao fandango que começava por palmas, castanholas e cantigas:



Vim m'embora de m'ea terra,
Pruque matei um cabôco.
Se não me derem cachaça,
Vou m'embora e mato out'o.

— *Estribilho* —

Coitadim do tropêro, coitado!
Deita enxuto, lavanta moiado,
Toca burro cum todo cóidado,
Compra á vista, não compra fiado.

Patrão, que engana tropêro,
Merece morrê quémado.
C'oitadim do tropêro! coitado!
— Côro — Fandangô!

Palmas e sapateados. Trocam-se os pares e cantam:

Vim m'embora de m'ea terra,
Não foi pru matá ninguem;
Foi pr'um dilitro que fiz
De amá e querê bem.
Meu dinheiro é so quat'o vintem,
Mas, não é pra gastá cum ninguem.
Pruveita, Mariasinha!
Em conto Xica não vem.
Chove, chuva! chovisca, meu bem!

— Côro — Fandangô!

Palmas, sapateados, etc.

Capivara deu uma risada
E jacaré não gostou.
A cotia sahio rino
Foi do «Martim — pescadô.
Capivara é bixo liso;
Mais cascudo é jacaré

Capivara veste saia,
Assim mêmo os home qué.

Coitadim do tropêro, coitado! etc.

A dansa do tropeiro era considerada uma das principaes e do bom tom, assistida, por isto, pela melhor gente de qualificação; isto é, padrinhos, noivos, e mais pessôas da familia.

Thomé da Cunha, durante o alegrão destribuira o pitoresco.

Quem não provava do pitoresco, não era de bôa gente.

Bebida de primeira! primeirissima. Entre os convidados la se achava o velho Simão, conceituado na redondeza.

Ora, só este recusára o pitoresco, o que foi muito notado.

Thomé instou:

— Seu Simão, vancê não qué?

— Não Senhor!

— Cumo? Apois, quem não toma do pitoresco é *kelementes* e quem toma é *folião*.

O Senhor qué passá pru kelementes?

— Desculpe, meu amigo, seu Thomé! serei kelementes. Não tomo espirito de qualidade alguma.

— Com effeito! prosou o Lourenço Rico, apois, tomo eu. Dá cal-o! Serei folião. Gosto muito das eguaria.

E despejaram o coité do pitoresco, noivo, padrinhos, madrinha, o pai e parentes, excepto a noiva, nessa hora, muito entretida com a dansa que nunca tinha visto.

Ia a noite adiantada, quando Cacimbão, cruzando as mãos á nuca, abrio desmesuradamente a bocca para o céo: ôi! ôi! ôi! ai! ai! espreguiçando-se.

Os padrinhos entreolharam-se e, levantando-se cortezmente, coxixaram a Thomé qualquer coisa e este sumira-se para o interior, de onde, sem demora trouxeram os serventes uma bôa gamela de banhos.

O noivo estava com vontade de descansar. Algumas coitesadas do pitoresco... de certo... Cabeça fraca! Convidaram-no de parte, o que de bom grado accedeo. A noiva, junto ás suas madrinhas, não dera pela ausencia e só depois



de avisada, retirara-se para o quarto nupcial, acompanhada de suas antigas amigas de infancia, até á porta que se fechou logo. Ferram-se as dansas novamente com calor; e quando estavam no maior do gosto, dahi a espaços, ouviram-se gritos de socorros: acode! acode!

Arrancou-se todo o povo da festa e logo o pai, padrinhos e mais pessôas, sem perda de tempo levaram a porta do quarto abaixo.

Mal fora essa cahindo, o Cacimbão em camisa e ceroula num volver de olhos e sem esperar, mergulhou no meio do povo, derribou algumas pessôas e azulou-se na mundaça. A noiva, ainda vestida, conservava-se sentada, soluçando a um canto do leito. Indagaram-lhe o motivo. Cacimbão, assim que a noiva entrára, cautelosamente trancára a porta, colocando-se a seu lado.

— Oxé! Pruque você não queria vim? roncou elle no peito. Ella não respondeu.

— Arresponda!... Aam! você não qué arrespondê, é pruque stava óiano dansa de home. Han! menina! Ninguem me engana! Cê? han!... fum! ai! ai!

E cumo ôcê não óiava as outra dansa de muié?.... ôxé! Não qué falá c'o migo? Eu serê bixo feróis? Serê... han! menina! óia pra mim. Ella continuava muda. Elle insistio:

— Fala! Stá ingirisada?... Pruque qu'ocê não fala? Óia, menina, ôcê stá amuada? han! han! óia! stou pá dá infernizim. Sempre o silencio.

— Stá má c'omigo?... Arrispitivo?... Apois, pra gente amuada eu tenho isto: Cacimbão fez um brusco movimento para o lado dos travesseiros e desembainhou uma terrivel faca, cuja lamina brilha forte á luz da candeia de barro. Brinquedo de máo gosto! A pobre noiva dera aquelle grito de soccorro. Elle, que tal não esperava, espantara-se e tão afflicto e envergonhado, vendo a porta cair, que colocara-se perto della. Aberta que foi, nada mais esperou, sapecando-se de carreira pelos mattos.

Restabelecida a ordem pela verdade conhecida, rufaram-se os tambores, proseguindo-se a dansa até ao amanhecer.

Cacimbão fôra encontrado em sua casa, muito cedo, ten-

do percorrido tres leguas em carreira vertiginosa e por fóra da estrada real.

Morrera, sem jamais procurar a esposa. Não houve rogos nem empenhos.

## Os cães

O Luiz da Cotendiba naquelle momento aportava-se ao arraial N. com uma canôa carregada de carne secca, excellente carne do sol, preparada com certo esmero na fazenda proxima, ao lado opposto do rio.

Amarrando a canôa, conduzio toda a carga, deixando por discuido na ultima alguns ossos e uma farelada abundante.

E porque o cheiro delicioso subisse o barranco nas asas do vento, ou por outra causa qualquer, certo é que descera á praia uma cachorrada faminta e, zás! dentro da canôa que logo ficou cheia, e onde sem demora rebentou uma briga infernal. Negocio apertadissimo! O *Leão, o Meu, Quebra-ferro, Rompe-rasga, Macaco, Cerveja, Estrafega, Liga, Bicco d'aço, Tigre, Mussum, Bahia, Bisugo* e outros, toda essa troça alli entrára quasi de uma vez, cada qual querendo ser melhor aquinhoado. E como dizem que *diligencia é mãe da bôaventura,* Leão encontrára um grande e excelente osso gordo, cheio de carnes, bastante perfumoso; e, atravessando-o nos queixos, dispuzera-se a fugir. Meu, muito magro, esfaimado e invejoso, vio no osso um achado, uma avançada que bem podia ser delle só.

Desaforo do Leão! E arregaçou os dentes. Leão encrespou o sobrolho, e a bocca cheia rosnou grosso; mas, a passagem estava iantercepta da pela multidão. Quebra-ferro farejou tambem a correspondencia; e como na partilha dos farelos achava-se um tanto prejudicado, olhou de revez e irriçou-se com intenção formal de quebrar a cara ao Leão.

Rompe-rasga bem vontade tinha de entrar de corpo e alma na conflagração prestes a estourar; mas, no momento em que se punha de promptidão, engasga-se com um fragmento



de osso pela pressa e confiança com que o engolio, e agora tossia e escarrava no fundo da canôa. Em todo o caso rosnava, ameaçando. Macaco, Estrafega e Cerveja, liquidados uns pugilos de cebo e gordura, bebiam os ares e invejosos com agua na bocca, fizeram parêde. Liga ligou-se á Bico d'aço e resolveram o assalto, rondando diveras, iracundo, raivosos valentes, lambendo focinhos, olhos faiscantes, batendo dentes, gesticulando bravatas, corruscantes, furibundos. Em breve, Mussum, Bahia, Bisugo e outros, toda essa farandula de gulodice, de voracidade, de despeito, de deslealdade, rancor, fraude e traição, esqueletica e varada de fome e ciumes, num rodopio veloz, desesperado, num bolo temeroso de estrangular, de matar, de exterminar, de morrer, de se acabar, volvia, revolvia, estourava, estribuchava — tormenta canibalesca. Filavam-se uns aos outros no inferno da lucta, ferindo, rasgando-se mutuamente, cachorramente.

Apreciando a selvatica contenda, na praia estirado a rolar, o idiota Alexandre Bebebé, ria-se a doer a barriga. Este, quando viu que a cousa engrossára no serio, puxara da faca; e, matreiramente aproximando-se sem ser presentido dos contendores, cortára a corda á canôa, empelindo-a depois com vigor para o meio do rio.

O porto de desembarque neste ponto era profundissimo e as aguas corriam velozes. A canôa ao largo se deslisou rapida, mas suave. De repente, acalma-se o barulho. A cachorrada, reconhecendo tarde o perigo, estacára; e cada qual tratava agora de salvar-se. O Bisugo, cachorro toco, correra á prôa; e, estendendo as patas e o focinho, medira a extensão das aguas. Pela velocidade destas os barrancos, arraial com suas casarias, o porto e a praia pareciam-lhe fugindo para sempre. Deante de tamanha fatalidade que nunca lhe acontecera, começara a grunhir. Os outros acompanharam. Medo ou panico. E como principio de cantiga é assovio, Bico d'aço e Bahia abriram o queixo a uivar. Imediatamente a melodia fatal empolgou os tripulantes, propagando-se naquelle côro infernal de lastimas ao meio dagua: uô! uô! uam! uam! uam! E indiferente a canôa la se ia, descendo. Da praia em soberbas gargalhadas gritava para além do rio, o idióta!

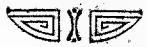
— Êta, negrada! Stá pá dá cangolê! Cahe n'agua, molecada! Este facto provocára a attenção de uma garotagem, acodindo ao barranco, atirando pedras e vaiando os cães. Entre esses cães la estava um de nome Sahe-por-menos que desesperadamente ladrava e uivava ao mesmo tempo. Entre os que corriam para vêr e divertir-se com aquelle gracejo, aparecera a Joaquina Imperial, uma preta velha, muito resmelengue, muito anthipathica, orgulhosa, feia e fanhosa. Reconhecendo o seu cão, bradou furiosamente impustora.

— Cambada de canaias severgonhos! Quem foi o misarave que butou meu cachorro, rio abaxo naquela canôa? Ah! seu subéra! Esses demonio não tem que fazê. Disgracia, vão caçá qui fazê, tropa de nó cego! Vae veno quisto n'é de gente da terra. E' obra de gente ruim e só seno, e é! E gritou com força para o meio d'agua fanhosamente:

— Sahe pru-meno! Sahe-pru-meno! Cá, moleque! Sahe pra fóra, Sahe-pru-meno! E parece que o Sahe-por-menos ouvio e reconheceu a voz da sua dona, atirando-se ao abysmo e com elle diversos companheiros. Da praia a rolar na areia ás gargalhadas, a cada um que se atirava, o Bebebé bradava: Ah! ahi! cahe nagua, molecada!

---

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



# PALESTRAS POPULARES

## II Volume

## O curador

**Personagens**

*Manoel da Quina* — feiticeiro.

*Ephigenia, Anna Caxinga, Theobalda, Estevam, Joanna Tóra* e outras mulheres.

*Zé-pretinho* — fiscal e soldados.

**Em casa de Ephigenia — Anna Caxinga, Ephigenia e Estevão**

*Anna Caxinga* — Séa Figena, m'ea rimã, ocê não vai hoje á cura?

*Ephigenia* — Cura de que, Anna Caxinga?

*A. Caxinga* — Uê, moça! Oxente! Antonce, ocê inora que hoje é dia de cura do Mané da Quina?

*Ephigenia* — Arrunego do diabo! Só vocês tem estambo pra guentá tanta porcaria desse diabo.

*A. Caxinga* — Moça, cala boca! Dis' qu'elle é bão; qu'inté duvinha e sabe tudo conto se diz delle.

*Ephigenia* — Ah! d'ahi!... Não seio pra que vocês véve no mundo! And'agora acreditano em tanta bobage, que fais last'ma!

*A. Caxinga* — Não, moça! não é bobage não! Elle fais curas muito bôa.

*Ephigenia* — Quis cura? Apois, um diabo xucro, um bruto daquelle sabe la curá ninguem, Anna?

*A. Caxinga* — Ken! kem! moça! E' pruque você não vio ainda. E' muito bão curadô. Eu seio de mim que vou,

pruque, mea rimã, ando muito ruim de sorte, e acho que me botaro *cousa feita,* pruque não posso passá destes molambo; e é *cousa feita.* Já me encasquetei de tal formas que só seno!

*Éphigenia* — Não ostia o que você stá dizeno; mais você anda esmolambada não é feitiço, não é nada; é o pió dos feitiço; que é a tua porcaria, tua preguiça que é desconforme. Você tem desprezo de trabaiá, você tão moça, tão rebuça, rapariga tão cheia de vida... e agora, junta mais Tubarda, Joana Tóra e outras que não tem que fazê, bebe cachaça e toca o forrobodó: toma remeido do Mané da Quina! ora tome quina, tome quina!... Quinado fica vocês tudo! Diabo da Sedoma!...

*A. Caxinga* — S'ea Figenia, vancê acha que n'é não?

*Ephigenia* — Vocês morre, e é este senvergonho que dá cabo de vocês tudo.

*Estevão* — E' a primeira veis que topo c'uma mulher de juizo. Cala bocca, s'ea Figenia; não é de hoje qu'eu ando vendo este furrubá grosso por aqui; não é de se tardá muito aparicê as barriga impanzinada, as enxaqueta é tudo d'este misarave.

*Ephigenia* — Na verdade, seu Estevão! Eu nunca vi gente mais besta, mais tola do que esta gentinha de ponta de rua...

*Estevão* — que é sempre que estes veiácos percisa.

*Ephigenia* — Sim senhô! Nhôr sim! Ora tudo mundo sabe que foi este individe que c'as suas raiz ia matano sisturdia a pob'e muié do Dunizo que stava prenha, e ele dizeno qu'era feitiço.

*Estevão* — Ist'é o que a senhora sabe; e o que eu seio? Ja elle não me gosta, pruque dei-lhe, ha poucos dia, uma carreira que coge xujou ferrado com o fiscal que andô có elle aos detém pra cadeia. Foi na rua de riba; eu não vou atrais do fiscal agora, é pruque stô sofreno muito d'esse maldito reumate que me não deixa, e elle mora longe. Ah! elle, sim! me enche as medida com esses mentiroso; apois, esse ia fumano no páo; mas, o diabo foi feliz... Avisaro, minha senhora, e andaro pedino... Ist'é um cavalleiro d'induscas!



*Ephigenia* — Sim, é isto; agora, esta vem me proguntá s'eu não vou á cura?... O senhô já se vio que lócura?

*A. Caxinga* — (suspirando) Umfum!...

*Ephigenia* — Umfum? Eu vou, Anna, mas, é te prová qu'elle é um grandissimo messegeiro. Imbosteiro é qu'elle é! E tu?... Tu o que percisa é de curá da tua preguiça qu'é muita. Ond'é a casa da cura?

*A. Caxinga* — E' na casa de Tubarda.

*Ephigenia* — Vocês tudo sabe que eu não sou casada; apois bem, Anna; dei-me esses molambo de saia, este teu chale, teus sapato...

*A. Caxinga* — (Obedecendo e entregando os seus molambos, trocando-os pelos vestidos de Ephigenia) — Agora, bamos vê.

*Ephigenia* — Agora, toma e veste minha roupa e me acompanhe. Uma cousa só eu peço: ninguem se ria.

*A. Caxinga* — E os outro que não sabe?

*Ephigenia* — Saba ou não saba, nem que saba; não tem que ri. Avise você.

*A. Caxinga* — Poi' Sim!

*Estevão* — Eu vou também, porque ja stô veno o forrobodó gostoso do que vai acontecê.

*Ephigenia* — Não, seu Estevo! não vai não! Assim elle desconfia. Vancê é pelia do cão, bota tudo a perdê e elle ja não lhe gosta; deixa-me so co' essa sebassa.

*Estevão* — Ora, que tem?...

*Ephigenia* — Não! Basta nóis duas. Não vai lá, não!

*Estevão* — Que mal fais isto, senhora?

*Ephigenia* — Que mal fais?...

*Estevão* — Stá bom, minha senhora; não irei...

*Ephigenia* — Eh! não vem, não!

**Em casa da Theobalda**

*Manoel da Quina — cercado de mulheres!* — Diz' que o sabê é parte e morre cum seu dono. A gente, ou bem lido ou bem corrido; e ent'os entendido tambem hai distinção. Hai por inzemplo: o dotô e o doto; o dôto é o que lisou banco; e o dotô é cuma eu; já é dotado pru Deus. Ja nasce. Uns

nasce c'as letria, out'os c'a caxola — o caco. Eu não faço cumo esses dotô da Bahia; um anté que já me pedio uma lição; ora veja la vancês; mas, eu não ensinei a elle. Ora pois, isso não impreve. Aqui mêmo tem um dotô que não é das premêra informação e eu ensinei a elle, e elle approvou cousa que nunca tinha uvido na medecina; pur izemplo: a cura da lepra qu'eu não ensino a todo mundo; mas porem, esta eu insinei. E' remeido descoberto só pru mim. E' simpre; e não tem mais do que o home ou a pessôa (que Deus a liv'e e guarda) seja atacado (e aqui pra nóis, que ninguem descubra... é segredo!...) e nam tem cumo a lavage da camisa, sem lavá, da muié parida de tres dia. E' dá pra bebê em jejum, não se discote. E' um risco!

E pru destramanco das muié? A Chicolastra da Sussuapara que lhes conte (que mió nos conte Deos); cançou c'o reméido novo — o brancolim e eu, antonce, pru tê ela me pago, risquei no chão c'a ponta do papa-côco, esbaguncei a fruvioca do caco véio que nam mancou; o remedio meu arrancou tudo, quanta geremátia que a mulestra tinha, apois ella estava em eitas que fazia dó. O sujão, aquelle que é de devéras, fais sempre aquelle xerivá; mas porem é pramodes cobrá mais caro do doente ou da doente. Eu, não; sou cavaeiro da pais e pur isso o que dou elles approva; in bens cumo este:

3 cuié de sumo de losna,
3 cuié de sumo d'arruda,
3 cuié de sumo de pueijo,
3 cuié de sumo de quitoco,
1 quarto de cachaça forte,
3 narigada de chif'e torrado,

3 quarto de tudo isso, menos c'a podassa, fais-se uma garrafada e ajunta tudo isso e mais 3 dedo de vergaio de gaieiro torrado, bebe uma chicara de minhã e outra de noite. O resguardo é carne de novia nova, sem pari, garapa de assucra, banana de S. Tomé; agora das grande, nem vê, num druma roncano.

I'sso é mêmo que Deus pô a vertude. Nam tem terra! Eu seio de reméidos que... quá!... so se veno!



Não falano descortezmente, eu sofro das caseira que me traz todo destrabanado; mas porem c'o essa ingrizia posso tafuiá inté nos inferno; doencia n'é gente. Oia o João Papa Vaz!... Andava todo bambariado, lazarano de dô, coitado! Gente, não chegou tumá 3 dozia. E foi feitiço brabo que puzero nelle. Elle teve o bucave de dizê qu'eu não sabia nada; mais elle andou pra batê o gró apois o capeba carregou-le a mão com vontade e elle cogi descapivarou, coge bate o vinte e sete.

E' pá, casco! E pra inzipra e a gipira? Eu tenho um liv'o de medicina véia que não manca, apois nam sou beosco. E a constipação preta? E o barço? Estes nam tem cumo um didá de sá, um didá de enxofre, unha d'anta e o casco do tatú canastra (9 nolo) pró suadô. Fais o suadô, e ô dispois toma-se o reméido que é um caroço do pinhão, uma fava da jandiroba e um punhadim da simente da mostarda. Fais um dijunte disso tudo, pisa, fais-se um pórgante e dá. Assim eu curei s'ô trodia o Manoelão Joaquim Pataca, meu visim que todos conheoe, da mulestra ruim, do peito — chamada (Deus salve logá, la nele, não em mim), eu curei c'o suadô dos treis machado e aborrachada da pimenta malagueta verde c'a madura, c'o cramelano e melcuro. Um dotô, med'co sujão da Bahia, d'esses legit'mo, desenganou tambem o compad'e Felippe Carrixa da Barra dos Macaco, da pestividade da inchação do coração. Stava que nem um pilão, e eu curei elle. Cavei um boraco no terreiro, e o dito cujo meu compad'e enterrei nú inté o pescoço. Soquei um mocado do borá brabo, c'os favo, c'os fio, có samborá, cá cera; mexi tudo cum mocado de mé de purgá e acoxei-lhe uma dozia. Não foi nada. Panhou sol e sereno, e noutro dia ás mêmas horas, arranquei-lhe elle do boraco, todo borrado; mas porem, bão e fino que nem linha. Inchação ficou lá. Sarou e nam teve mais que andá zanzolano. Esses tempo eu curei ôtro da inzipra no intriô somentes c'um castro qu'eu botei de doze pimenta malagueta. E assim ôtas pequenas curas que os mais eu não ensino a ninguem. S'isturdia mêmo uma menina stava toano c'uma dô nos uvido, condo me chamaro. O reméido stava no monturo, atrais da casa: que era o rescardo do osso de

meleira, fóra d'ora. E pra quentura na cabeça dos miólo? E' só passá a banha do sucruihú, dado assim de arrupia cabelle,,,, stá sarado! Minha mulér, sea Tiadora mêmo foi atacada e morreu d'ela. Eu recorri as mobia toda da medicina de casa, e a mulér foi-se embora. Ja tinha de morrê; ja era sina. Agora, é pruque ella não cumprio a indieta do resguardo; apois se ella cumpre, apois, stava sarada. Eu tambem não titubiei; sahi assim plo oitão da casa... e pan!... no São Pedro da mulestra, que xinguei-lhe roguei-lhe pragas dos ceos á terra.

**Em casa de Theobalda**

*Ephigenia e Anna Caxinga.*

*Ephigenia e A. Caxinga entrando* (movimento geral de sorpreza e riso entre as mulheres. Ephigenia com um gesto impõe silencio, emquanto A. Caxinga avisa secretamente o que se vai fazer). — Dê bôas noite pra vancês!

*Vozes* — Bas noite!

*Manoel da Quina — (assustado)* — Quem é?...

*Theobalda* — Não tenha susto, compade Ti Mané! Pode arrecebê (virando-se para a recemchegada) — Bas noite, dona, pod'entrá.

*Ephigenia* — Sou eu, meu tio, que vim aqui pramode vancê me fazê um'esmola. Sou uma pob'e infeliz que meu marido me largou-me, e hai muito tempo vivo n'ess'estado penoso que vancê vê; dexou-me carregada dos fiinho e eu não posso sipurtá tant'amargura.

*M. da Quina — (comovido)* — Apois istá. Vejam só. Venha mais pra perto, minha fia! Cumo te chama?

*Ephigenia* — Eu me chamo Badú.

*M. da Quina* — E teu marido?

*Ephigenia* — Niquileto.

*M. da Quina* — Condo você se casou-se c'o elle, era moça, viuva ou sorteira?

*Ephigenia* — Eu era viuva.

*M. da Quina* — E não beservou logo? Pruque foi se casá cúma vazia tão ruim, méa fia?



*Ephigenia* — Eh!... Eu bem não queria; mas porem, elle começou a falá umas coisa... e eu fiquei muito surupembada!

*M. da Quina* — Ahi vai o que vocês tudo qué; mas, não tem nada. Onde anda teu marido?

*Ephigenia* — Na Carinhanha, meu tio! Lá se metteu elle c'uma tafula e nunca mais se alembrou, nem de mim, nem dos fio.

*M. da Quina* — Vor lhe curá, e é de graça.

*Ephigenia* — Ah! meu tio, é esmola que só Deus lhe pagará.

*M. da Quina* — E a nóis todos. Amem. Bota a lingua de fóra.

*Ephigenia* — Escancarando a bocca mostra a lingua.

*M. da Quina — (examinando-a atentamente)* — Eh! Stá cheia inté nos ôio, minha fia! E' o feitiço brabo. Tu stá muito carregada. Aqui nestas berada tem muitos cumbos e cumbas. Aquelle João Baptista e aquella Xipriana véia são dois cumbaqueiro-mó; mas, déxastá elles qu'eu amostro elles.

Eu é de fazê elles andá zanzarano, catano agúia vige' pu las estrada. São muito messegeiro; elles não gosta de mim. Te puzero um feitiço tal, que só eu! Hai gentes que tem inveja de você e stá virano a cabeça (virano, não; ja virou) a cabeça de teu marido c'a frepella; mas, eu espatifo isto. Me traga uma tigela c'o cachaça, Badú.

*Badú — (Entregando a tigella)* — Aqui stá.

*M. da Quina* — Da cá. Vor perperá uma ingrezia, qu'é pá te amostrá in cumo é de representá, tali quali, elle stá c'oella agora.

*M. da Quina — (mergulhando na tigella de cachaça um rosario muito sujo, em cuja extremidade pendia um enorme patuá, benze a tisana, faz mesuras e signaes cabalisticos; levantando aquelle encharçado de porcarias, dá-lhe um leve impulso acima da tigella, firmando após o braço)* Chega pra lá! Chega pra lá! Chega pra lá! Já disse! Ôia! ôia! *(O rosario oscilla).* Agora, chega pra cá! chega pra cá! chega pra cá! Quéta! Pára! Nesse interim com um movimento brusco, o curador apaga a luz, aproveita a ocasião e cospe den-

tro da tijella. Trazem ás pressas um tição e accendem o rôlo de cêra crua, unico que alumiava a sociedade.

*M. da Quina á Badú* — Óia, minha fia! óia todos! Óia todos! Óia elle lá! Óia as perna delle, a cabeça delle, óia os zóios delle e della! Stão veno?

*Badú e circunstantes* — Stemos veno meu tio. E' mêmo! Khem khem! óia elles lá!

*M. da Quina* — Esse escumero é o bafo c'a tafula deu n'elle! Coitado, stá embirado! Você tem uma mofina que out'o te pôis, out'o curadô semvergonho; mais eu quebro a pauta delle na sexta-feira que vem. Eu venho te feixá o corpo. E' perciso que você me arrange um pedaço da camisa delle e della, e um tudo nada do fundo da silora delle. Ella tem um Sant'Antonin na sambambaia, enterrado no nin' de gallinha xoca. Chega pra cá agora, dexa eu te rezá na tua cabeça em cruis.

*M. da Quina — (resando).*

Tenho rezão forçosa
De tê sciume de ti.
Minha suspeita é certa;
Ninguem me contou. Eu vi!

Stá curada! Elle anda muito afursurado c'oella; mais, stão muito enganado. Elle stá tolo. Vor acabá c'o essa mixorna n'um contenente, n'um soffregante, in conto o demoin esfrega um ôio. Isto n'é mulestra pramim. No cabo de quinze dia elle stá em casa.

*Badú* — Nhôr sim! Eu vou fazê e arranjá tudo o que vancê me disse e me ensinou.

*M. da Quina* — E' pois cumo disse. Tu é de sê feliz. Todos é de vê.

*Badú* — Os anjo que oiça vancê.

*M. da Quina — (lançando em cruz uma benção)* E, a nóis tudo pra secla secloro. Amem. E não tem mais quem queira?

*Theobalda — (apresentando uma criança)* — Aqui tem esta criança, compadre.



*M. da Quina — (vendo a criança)* Ist'é quebrante. Não é nada. Cadel-o ramo d'arruda? Da cá!

*Theobalda — (entregando o ramo)* Acho que tem feve.

*M. da Quina* — E' do quebrante. Passa já! *(Reza).*

Se tu tivesse quebrante, pruque não me disseste? Eu tiraria cum dois meu, dois teu, dois de tua gata, quatro de Maria Sapata, ortiga e getirana, pancada das Mariana, cataprasma de pimenta, cebo de bode véio capado pra passá nas cadeira do véio Kelemente. Amem.

*M. da Quina* — Hai mais?

*Joana Tóra* — Tambem eu que queria que vancê me curasse de cobra.

*M. da Quina* — Apois chega. Da cá teu braço. Tem corage?

*J. Tóra* — Tenho, nhorsim.

*M. da Quina* — (tirando de uma enorme e sebenta capanga uma jararaca, que por ordem do Quina, apezar do espanto e medo da sociedade por alguns minutos, enroscá-se no braço de Joana Tóra) — Nan tem nada; nam tem. Bichinho não te fais mal, mea fia! (Ao reptil) Desenrola! Entra pra casa! A cobra obedece, indo parar no fundo da capanga.

Em seguida o curador, tomando um dente quebrado á jararaca, traça com o mesmo um signo samão no braço de Joanna e conclue a cura com a seguinte reza, benzendo a cliente:

Com os podê de Deos Pad'e e Esprito Santo, grande é o nome divino e de Jesuis, S. Bento! Ó meu Senhô Jesuis Cristo, Jesus, S. Bento! Maria pario Jesuis, S. Bento! O' meu senhor Jesus Cristo, premitaes vóis, que esta creatura vossa, uffendido de bixo máo, não morrerá deste veneno máo, pelos podê dessas mêmas palav'as sagrada e pelos podê de Deos e da Vi'ge Maria, S. Bento! Pois é já, é Joá, é Joana; é Ilim, é Inlóe, é Sadona e Sabatina. Grande é o nome de Jesuis, S. Bento!»

Ouve-se la por fóra uma gargalhada gostosa.

*Estevão (entrando)* — Oh! aqui temos hoje curadô!... Bôa noite! Eu tambem quero me curá...

*M. Quina (movimento de desgosto)* — Ei! stá bom! Nam temos mais curativo hoje. Hai gentes de mais, gentes de quem eu não gosto. Stá cabado!

*Estevão* — Eu tambem quero. Stá cabado que? O fiscal t'espera lá fóra. Este safado faz é si besta; isto é um mentiroso. Safa-te d'aqui, semvergonho! Espera, cachorro, qu'eu te dou um conhecimento, cumbaqueiro de todo los diabo!

*(Ha uma confuzão entre os circumstantes).*

*Zé-Pretinho, fiscal e soldados entram gritando:*

Prendam o feiticeiro! Entrega-te! Está preso, feiticeiro!

Manoel da Quina, sem se saber como, desapparece em meios de gritos e vaias tremendas.

---

## Um mysterio

— Mestre Conrado, preciso saber de um facto extraordinario, succedido em sua casa, muitos annos ha, sobre o chôro singular de uma creança que aterrou durante muito tempo a uma povoação inteira, e até hoje nada respirou deste mysterio.

— Então lhe contaram isto e o Senhor quer saber se é verdade; não é assim?

— Sim senhor.

— Quer saber da minha bocca?...

— Com certeza, porque o julgo incapaz de uma mentira, e far-me-á a fineza de tudo expor francamente sem omittir cousa alguma do que souber, caso seja isto uma realidade.

— Pois é uma realidade, tão pura, como a luz d'este sol que nos allumeia.

O facto deu-se do seguinte modo:

Nas infuluenças do diamante das Lavras do Sincorá, dexei minha familia e fui alli tentá fortuna como tantos outro. Demorei-me cerca de um anno e dois mêis, sem dá notiças minha pela difficulidade de communicação, embora da bêra do rio do S. Francisco fosse levas e levas de retirantes garimpêro. N'essa occasião tinha minha residença no arralá do Jatobá, districto do Mocambo. Talvez porque ficasse muito pro sul do rio e distante sempre do logá onde se entrava pro guarimpo, fosse o motivo de tardias notiças de que lhe falo. De quarqué forma, o certo é que passei essa temporada sem saber nada de minha familia; e o senhor sabe? Hai muita gente atôa neste mundo, gente pra tudo! Não é que um individe forasteiro passou um dia pelo Jatobá, e vendo uma filhinha minha, indagou logo de quem era a criança? Responderam que era de Conrado, um moradô d'alli que partira pras Lavra.



— Não progunto sem rezão; adiantou o forasteiro. Vi esta menina e alembrei-me de um rapais de nome — Conrado — da bêra do rio, segundo era conhecido, e elle mêmo muitas vêis me dizia ser natural d'aqui.

Esta menina é o retrato escripto d'elle, que, infelizmente, é já fallecido.

— E o senhor, indas que mal lhe proguntamo, de onde é? indagaram algumas pessôas.

— Proguntam muito bem; eu sou das Lavra e volto pra lá.

Esta notiça alarmou a povoação, pondo em desespero a minha mulér.

O tal sujeito, déxando a pestia do boato, escafedeu-se, desappareceno.

Minha mulér tomára quasi lucto desfarçado. Ja não vestia vremeio; tal a sua páxão que, a falar a verdade, a saia com que eu tinha déxado ella, achei com ella.

Stava tão podre, que remendava de menhã, e á tarde não podia sahir á rua, se nicissaro fosse. Quando eu cheguei á Lapa do Bom Jesus, soube antão do acontecido. Despachei um positivo pra mode eu não chegar em casa assim de supra. A familia, assim n'este causo, o senhor não inóra, não dêxa de tomar um certo choque mais ou mêno. Mandei pelo positivo, que era um rapais de nome Julio, filho d'esta cidade, o meu chapéo, como signal, e dei pressas á viagem. Eu não stou sabendo de nada.

Ao chegar no Jacaré, déis legua d'aqui e quatro de nossa casa, uma pessôa me proguntou-me por aqui assim:

— Conrado, você de certo não sabe do que está se passano em sua casa?

— De tudo inóro.

— Inóra? Apois aqui já se tem você por morto, hai muito tempo.

— Ora veja home?

— Porem, o causo malhó é que em sua casa appareceo o chôro de uma criança que tem assombrado a todo mundo. Já não é segredo por ambas las bandas do rio de S. Francisco. O chôro sahe debáxo do chão; começou debáxo da sua cama, e dispois variou por devérsos canto da casa.

Tem se excogitado tudo, e nada; irá encontrar sua casa toda cavada.

Já se baptisou a creança, arrunegou-se do diabo, e o chôro stá a cada vêis mais; até sua mulér mudou-se, por não poder mais sipurtar.

Não hai quem não queira falar do facto acontecido. Todo mundo já sabe disto. Não hai quem passe pelo Jatobá: canôas, barcas, gentes que vém de longe, que la não se demore para ver o chôro d'este menino. Puxe, pois, para casa.

A principe, eu pensei no meu Moriço, qu'eu tinha déxado pequenino.

Era um menino chorão; e eu disse commigo; gente tola! E' o chôro do meu Moriço; olha cumo stá longe! Mas, o que se dizia era demais; fiquei em duv'da, e, ancioso, puxei deveras pra casa, onde cheguei ao meio dia.

Com effeito, stava abandonada, quasi em ruina, de esboracada que stava. Tinha socavão que dava na cintura de um home. Referiram-me todo o causo passado, e disseram-me que eu tinha chegado tarde n'esse dia, e que só noutro antão, é que podia ver a pantaforma do negoço das seis hora da menhã até ás oito. E eu diss'assim: qual! Isto não é pêra mim ver.

Era a terra que stava dano aviso de minha chegada.

Na verdade o chôro desappareceu, até dias que foi hoje.

Arrecebido em casa de minha sogra que levara pra la



a filia, ambas e duas contaram-me tudo, tim, tim, por tim, miudinho!

Minha mulér stava que nem louca e n'uma magreza qu'espantava.

O povo falava qu'era santo enterrado, e mil coisas se diziam della, que não perdeu mesmo o juiz por milagre de Deos. Entre outros alevantaram uma calunha — de ter ella mandado fazer *coisa feita* pra'pressar minha viage, accressentando-se que o padre da freguezia, sabedor do facto acontecido que la igestia. Este boato era insistente, e a pobre da minha mulér, sobresaltada, não comia, não drumia, entregando, por isso, a casa pra se cavar, como se cavou, passando amargurados dia a chorar. Com o tempo tudo desapareceu; e é tudo quanto seio e o que se deu.

— E o mestre Conrado não sabe explicar o chôro da creança? Que creança essa e qual o motivo?

— Não! O que demais a mais aconteceu, foi ter a minha mulér ido ao Mocambo, onde havia um resador de responso, que lhe dissera fosse socegar, porque eu era vivo e bem vivo e não tardaria chegar. Stá vivo, disse o responsador, qu'eu vi elle vestido c'uma roupa azul no sonho.

E assim era. Nessa occasião eu tinha comprado um liforme azul com que cheguei á nossa casa. Quanto ao chôro da criança... salvo se foi o responso; o senhor acha possivel?

— Não, não!

— Apois, é tudo, repito, o que seio e o que se deu-se, ha quarenta e quatro annos. Muita seriedade havia no final destas palavras, e a simplicidade com que foi-nos referido.

## II

Entre tantas conversas costumeiras em noites enluaradas perguntava d. B. a uma certa pessôa:

— O senhor por certo, não acredita em feitiços?

— Não senhora.

— Então, não crê que exista o feitiço? insistio.

— Não senhora!

— E os curandeiros?

— Estes existem.

— Não os teme?

— Em que? Sei que dão e fabricam beberagens perigosissimas para os credulos, victimas sempre de taes malandros, que são uns verdadeiros assassinos, réos de policia, parasitas e exploradores do pobre povo ignorante. Rezam, bemzem, curam, commettem toda a sorte de desatinos e porcarias taes, que sómente o bom senso bastaria para os repellir. São repugnantes; mas, o feitiço, como se diz vulgarmente, não sei que seja, nem creio.

— Vale bem não saber, nem crer, porque elle existe e ha o manso e o bravo; ha cousas n'este mundo, tão terriveis, que o senhor nem de leve suspeita. E' muito moço ainda; falta-lhe a experiencia, que é a sabedoria da vida. E' um cego ainda.

— Não duvido, minha senhora; mas, o que não quero, nem pretendo, é ingerir taes drogas em tempo algum.

— Que presumpção! coitado! E é só?

— Nada mais.

— Não digo seja o senhor muito ignorante, mas, perdôe-me — é simples demais, lastimavel até! E d. B. citou um facto particular de sua vida em que, nada recusavel, evidentemente provava a maldita existencia do que denominava — feitiço —, arrazoando o seguinte:

— Conheceu n'esta cidade um fogueteiro de nome José Bunda Vadia?

— Muito.

— Era do Mocambo e aqui falleceu cerca de dois annos, mais ou menos. Conheceu tambem a familia do finado S. e sabe que este viveu e morreu separado d'esta?

— Conheci.

— Sabe das irregularidades da familia e dos transtornos que se deram?

— Sei, sim.

— E da rua do «Bem Bom»?

— Tambem.



— Em 1878 não tinha este nome. Era simplesmente um trecho de varzea, dando para o barranco do rio e chamava-se...

— Porto das Cabras.

— Isto mesmo. N'esse tal Porto das Cabras, em um casebre de beira no chão e isolado morava o Bunda Vadia, sujeito curto e grosso, nariz acangalhado, mulato feiarrão, mal encarado, meio *limão com solla,* carapinhoso, barba serrada, fala mansa e um tanto desconfiado. Pouco conhecido, e portanto, novato na terra, passava mal. A familia, de que vinhamos tratando, resentia-se das ingratidões do seu chefe, amasiado com uma rapariga com quem gastava os soffriveis recursos, levando por isso uma vida infernada. Exgotados os meios consiliatorios e sem resultado para S. voltar ao cumprimento dos seus deveres, entrou em jogo a superstição até ao absurdo, até ao feitiço. O senhor está me ouvindo?

— Com todo o interesse.

— Bem! Minha mãe, que se relacionava com essa gente, de quem era muito amiga, sabia-lhes as penas. Não podendo remediar o mal, aconselhava; mas, os conselhos são sempre absorvidos pelo cruel fogo das paixões, quando attingem a certos gráos. Nada valem. A infeliz consorte de S. corria, voava para o abysmo n'uma *agua bruta,* unico arrimo e o peior que escolhera.

N'esse estado ensinavam-lhes máos caminhos pelo recurso final dos curadores de feitiço, e feitiço era o que padecia o marido, havendo quem d'elle o tirasse. Tal conselho fôra um achado para aquelle espirito enfraquecido e dominado já pela cachaça. Para logo arranjou-se o negocio; e em breve, pagando-se caro, nas camarinhas do lar dormia uma mulher idosa, velha e suspeita, n'um sorvedouro de dinheiro e bom passar, sem jamais nada sortir de bom.

A mendraqueira mentia a rabo solto, e por artes e embustes alli se ficava.

Não se sabe como, entre parêdes, lá chegára o nome do Bunda Vadia, como excellente curador; ouvindo-se desde logo a minha mãe que o conhecia de algum tempo, porem, sem esses predicados. Como de nada soubesse, ou suspeitasse siquer, encarregou-se minha mãe de convidal-o para uma con-

ferencia que tinha logar, tarde da noite, n'aquella residencia. Recebido o recado, o Bunda Vadia, velho matreiro e mestre do officio, farejado havia o esconderijo de sua antagonista; e por isto, assumindo ares de adivinhão recusou-se.

— Diga d. Fulana que ella não precisa de mim; se precisasse, não botava dentro de casa — fulana de tal. E callou-se. A resposta teve um effeito admiravel. O homem era bom!... Como sabia que a feiticeira estava alli, elle que não era ainda conhecido na cidade, e não podia saber a fundo o que, debaixo de maior segredo, só a familia do S. sabia?... Via-se bem logo que o feiticeiro era dos legitimos; isto é, possuia o *famaliá;* portanto, quebrava a pauta a *outros*. Tal o juizo, e assim, novo recado. Nova recusa. Despedio-se a feiticeira. Novo convite; nova recusa a mais formal. A mulher de S. usou de promessas e avultadissimas sommas. O typo tornou-se irresoluto. Resolvera tentar a ultima esperança, batendo uma noite, horas mortas, á porta do Bunda Vadia. Acompanhou-a minha mãe a seu pedido; uma vez alli, foram recebidas com certa precaução, as duas visitantes.

— Quem é a senhora? indagou elle.

— F. de T.

— Ah! sim! Ja seio! ja seio! Queira entrar; disse, escondendo detraz da porta o candieiro de azeite que trazia; e, virando-se para minha mãe que tambem entrava, como se quizesse detel-a; e a senhora?

— Nada de receios! acodio em tempo a companheira. E' pessôa de minha confiança, de minha amisade e de minha familia. E' um sepulchro; portanto, esteja tranquillo. Reparando de novo, só então reconhecera minha mãe, pedindo desculpas. Sentaram-se em um banco, e sem gastar tempo, travou d. F. a seguinte conversa:

— Mandei convidal-o á nossa casa e o senhor não quiz ir!

— Porque não pude, senhora dona!

— Então, recusa o que mandei offerecer-lhe?

— Recuso, sim senhora!

— Ah! recusa, porque certamente não precisa?

— Não é por isto; ninguem mais precisa do que eu; e sim, porque não posso.



— Não pode? Receia que eu não o pague bem? Engana-se; alem do seu trabalho, ainda que custe caro, o senhor terá mais uma molhadura á sua satisfação, se fizer com que o meu marido viva commigo; e, esteja certo, no dia em que isto se realisar, juro-lhe que não ficará com o que prometto.

— Senhora, precisão tenho eu. Ha cousas porem que... nem tudo pode-se dizer; quanto ao mais, não! Seu marido voltaria, tão duro como um osso, acontecesse o que acontecesse, asseguro-lhe!

— Exija de mim a quantia que o senhor quizer, empenho minha palavra. Fala! E d. F. apresentou-lhe um volumoso maço de notas. Affligio-se o feiticeiro; tinha uma resolução: emudecera alguns instantes; tentado pela cobiça, talvez, a despedaçar-lhe as entranhas. Sorriso da fartura! Fumaça bruta da ventura! E ella a insistir novamente saccou do seio uma caixinha; e, abrindo-a, uma estrella reluzio na meia treva da sala: um anelão com uma bella pedra de brilhante.

— Tudo será seu. Decida! O feiticeiro coçou a carapinha com desespero:

— Não posso!

— O senhor é um obstinado.

— Sou sincero.

— Não duvido; mas...

— Pois bem, atalhou elle, não quero que a Senhora d'aqui sáia sem uma razão de ser, e sem se queixar de mim. Guarda-me um segredo?

— Todos os segredos que o senhor quizer.

— Juro pelo que houver de mais sagrado no céo e na terra.

— E esta outra senhora?

— Do mesmo modo; respondeu minha mãe.

— E se isto sahir ao lume algum dia?

— Não sahirá! responderam as duas.

— Não sahirá! dizem bem; porque se sahir, as senhoras morrerão em poucos dias. Não sou de enganar; não dormirei!

O feiticeiro suava. Abrio cautelosamente a porta e espreitou:

Ninguem! a noite... silenciosa! Tornou a entrar, fechando a porta e dando voltas á chave.

— Direi a verdade, continuou; não farei o serviço que a senhora pretende por ser muito riscoso. Cheguei de novo, não tenho casa propria, não sou conhecido. Se chegasse a acceitar e executar seu trabalho, seu marido, désse no que désse, daria o beiço, porque não é esta a primeira vez, nem elle dos primeiros que experimento. Já o fiz para uma mulher, annos ha. D'essa o marido viajava sómente; e o seu largou-a definitivamente e está dificil de voltar.

Vê que ha muita differença; demais, seria eu apedrejado, morto até, logo que isto acontecesse em minha casa. Por ahi existe um padre; dizem que é de boa vida e está idificando a matriz. Sabendo elle do nosso segredo, será capaz de aggredir-me com o pessoal que o acompanha.

— Oh! então, é difficil assim?

— E' e não é!

— E em minha casa?

— Isto não! O perigo seria maior; não só aballaria a cidade inteira, como a senhora não supportaria o que ora está em mysterio; demais, tudo se tornaria patente.

— Ora, não supportaria?! Tudo supportaria, juro-lhe!

— Embora seja seu engano, creio! E o povo?

— O povo!?... Que me emporta o povo! Ora o povo!... o povo! povo por que?

— Sim; eu lhe repito: o povo! E o feiticeiro continuou com voz nervosa e baixa!

— Não posso, não devo! Primeiro, porque a senhora, para obter seu marido, é indispensavel que jure dar sua'lma ao diabo, escrevendo um contracto assignado com seu proprio sangue.

— Ah! é isto? Jurarei e darei tudo quanto o senhor exigir e que lhe pareça sacrificio.

— Não seria só; além do mais que eu lhe exigisse, teria a senhora de cuspir n'uma imagem do Crucificado, preparada por mim, e enterral-o depois no fogão em boraco bastante fundo, accendendo fogo depois, em cima da terra bem batida. Appareceria immediatamente o chôro de uma criancinha de peito e tão alto o chôro, que a atemorisaria a todos quantos o ouvissem. Para que não ficasse só no logar do fogo, a senhora, retirando o fogo, emborcaria em cima uma gamella, depois de bem molhada aquella parte. Faria sentar-se nessa gamella uma criança de seis para sete annos e que se chamasse Maria. — Mudar-se-ia logo o choro para diversas partes da casa, impossibilitando assim qualquer pesquiza de quem quer que fosse. Ficaria a seu cuidado accender o fogo duas vezes por dia: pela manhã e á noite com o mesmo processo da gamella, bastando a creança demorar-se sentada uma hora de cada vez. Seu marido, não teria duvida, bateria em casa; e logo que entrasse, a senhora desenterraria a imagem immediatamente. Agora tudo explicado. Vê a Senhora que isto não é caçoada. Não fosse o chôro da criança, tudo se arranjaria da melhor forma; assim pois, lhe aconselho não insistir mais.



E olhe, senhora dona, este segredo!?...

— Visto isto, aqui tem este embrulho. E' um agrado; e fique certo de que nenhuma de nós o descobrirá jamais. E até logo!

— Até mais logo!

---

## O Capão do Levinio

« Um terceiro processo iniciou-se n'es-
« ta comarca contra pessôa de fortuna que
« não teve seguimento. Fui informado que
« esse processo tornou-se um laço arma-
« do para dar dinheiro á pessôas do fô-
« ro. Todas as vezes que tinham mistér
« de qualquer quantia, reavivavam o pro-
« cesso, e então, vinha o delinquente á
« esta cidade e destribuia dinheiro ás mãos
« largas ».

Provimento — Juizo Criminal — Dr. Carlos H. B. Ottoni

— Joaquim Calindó, porque chamam a este logar — Capão do Levinio? — Porque este nome é um mattagal tão deserto, espesso, sem moradores, sem belleza, encarrascado, agreste, sem um arvoredo ao menos que o realce n'um ermo assim sombrio e de um aspecto desolador?

— Fum! Moço, isto é uma historia medonha, muito triste, muito triste! Basta a catadura do logá pro senhor desconfiá. Aqui é onde fio chora e mãe não ouve. Levino é o nome d'um divogado muito indiligente que n'este sarandy foi brabamentes assarsinado e enterrado.

— Enterrado? aqui?

— Enterrado aqui; pod'crê.

— Sabes do logar da sepultura?

— Fum! ai! ai! ahi é que stá o xiste.

— Xiste, como?

— Xiste, porque não seio; só pra quem sabe, e até hoje ind'é crime coge se falá nisto.

— Sim? então...

— Antonce é que morava, não muito longe adonde estemo, um velho de nome Francisco de Paula Pinheiro, um dos principal home da Manga, de infuluença, fazendeiro rico, senhor de muitos escravo, gadames, teres e haveres, um tataú. Eu tinha meus quinze anno; já era moleque duro, e d'aquillo qu'eu ouvi n'aquelles tempo, tudo me ficou no caço. Ja tem bem seus quarent'anno, acho eu. O causo derase n'uma odiença.

Dois sujeito tinha travado uma questã pramodes uma terrinha, cuja terrinha, o verdadeiro dono ficaria sem ella, se não fôra a penna forra c'atiligencia do Levino de que todos tinha medo.

Paula Pinheiro, pruque era grande, protregia o outro que não era dono, e queria pruque queria, tomar a terrinha. No dia das odiença das cumilidade do juiz as prova das testemunha fôro todos contra o Paula que tivera de perdê a questã prumode a verdade. Grande tercação, um frogodô damnado se dera entre elles, e as coisas s'esquentaro tanto, que, condo se vio, foi o Paula soberbá nas barba do Levino: (Ah! laborão, Vóss'enhoria)! — Senhor Levino, eu também seio



divogá, eu tambem seio vencê questã. O senhor me venceo, mas porem, não me convenceo. O barro tambem vence, seu Levino! o barro tambem vence e não fala! Déxastá!...

E jurou o Levino, passano a mão na cara. Levino que não era pêco, nem molle, disse-lhe as do fim. E rollou aquelle baruião, aquelle frege — esfolla, que coge hai mortes, se não entra gentes no meio.

A coisa da justiça stava cabada e não haverá muito tempo.

O senhor, Vóss'enhoria, não vê esta estrada velha margúiada debáxo desse iço do carrasco?

— Estou vendo.

— Apois esta era qu'era a antiga estrada por onde elle passou e se deu o causo succedido. Paula tinha espia por toda a parte e escoia casião. Esta chegou. Levino era festeiro de Nossa Senhora do Rosaro, e forçosamente havéra de de tirar esmolla plos geraes, por essas fazenda, e assim assuccedeu.

Andava elle no gyro, conde arrecebeo a inconvença de um fazendeiro pra mode concertar uns tacho, pruque era muito bão taxeiro.

Pra pruveitar uma coisa e outra, sahio de uma fazenda, não longe d'aqui, e tomou esta estrada pru ser mais curta. Alguns annos atrais ingestia ainda neste logar, adonde nois estemo, um pé de aroeira grande. Ao passar por debáxo d'elle dois saquaes pularo no divogado, darrubaro elle do cavallo abáxo. Veno que morria sem geito, sem ter pra onde appellar, rogou os assarsino matadôs pru quanto santo da côr do ceo havia, a pontos de recuar os dito cujo matadôs; mas porem, o dia delle era chegado; desceno do carrasco na carreira, appareceo o Paula com outros da parentella delle e gritou os home que acabasse c'o elle, dispois de dirigir aos outro que se approximava, se elles concordava. Ora, aquillo era só de mamparra, verbos a matá. Todos concordaro. Levino, se veno perdido, supplicou ao Paula tambem. Este, dispois de pensar muito, disse palavradas muito dura ao pobre home e quiz attendê; mas porem, um escravo de Paula, a quem elle promettera carta de forria, colunhado cós outro,

ponderou que aquillo não podia sê, que o Levino era um perigoso, e uma vêis sorto, elle botava tudo a perdê.

O Paula callou-se e o Levino foi logo esfaqueado. Entraro, ôdispois có quadavel n'esse carrascão que o senhor, Vossenhoria, está veno, e lá bem dentro, no fundo, ao pé dum capão, meia legua coge, cavaro uma sepurtura grande, matano o cavallo tambem em que elle vinha amontado; e, fóra a bandeira de Nossa Senhora que elle trazia (e que se achou e foi reconhecida tempos passado nas mãos de gentes do Paula), tudo mais cavallo, arreios, malla, arfoge, inté espora, inté perneira e frangos de esmolla, tudo foi enterrado c'o elle. Ora, desappareceu o homem e não se sabia em cumas. Discorrido dias, passava por aqui um cabôço aggregado d'essa berada, trazeno uma cachorrinha. Esta, correno atrais de uma cotia que n'estes mattos tem pro incantidade, fundou c'o ella e foi dá de acoádo muito dentro. O cabôco entrou a ver o que seria, condo topa c'aquelle amassadô de fresco. Ja a cachorrinha tinha cavado um fojo grande, e neste dito cujo fojo appareceu, antonce, a mão de um cavallo, dispois um estrivo, mais embaxo os arreio, um home e mais o bijecto de que lhe falei.

Ficou elle, com rezão, com muito mêdo, pruque, o senhor vê, stava só. Chamou a cachorrinha que não queria largá o festige, amarrou ella e se foi-se embora. Cumo inorasse do causo, eim? chegou nos visim e contou o que viu. Logo a notiça chegou no arraiá. Veio a famias do morto e com ella, c'as providenças que tomaro, também a justiça de Jenuára. Não valeu de nada as diligenças. Assim que subero que la évinha a famia c'a justiça, tampáro fogo no carrasco que foi aquelle eito! A adeus m'ea onça! adeos meas encommenda! Nunca mais descobrio-se o lugá. Justiça bestou, bestou... andou zanzano muitos dia, drumino no matto.

O juiz da justiça chegava a dizê: stá provado mêmo que foi o Paula que matou o home; mas porem, cadêl-as prova, uma só, uma testemunha de vista?

Gente n'este matto stava qui nem frumiga, cumo cabello de bixo.

— E o caboclo?



— Ora, caboco! caboco enviado tambem; desappareceo, entrou sellado n'arage.

Cabôco marphabetico!... bêsta!

— E nunca mais se descobrio semelhante absurdo, Calindó?

— Por inlivia e portas trevéssa se soube-se de tudo, moço! O que é que não se sabe? Basta tê o Paula jurado o Levino n'odiença; mais pru parte da justiça... um fum!... E de modos qu'este mystero, emboras as suspeitas cahisse no Paula, não se descobrio-se positivamente não; mas, as conviniença, outros o parentesco, outros mais as môiadura, as bôas inconvença, e muitos mais, coge tudo, o medo; pruque o assarsino era d'uma famia grande. Podoroso e rico senhor da terra, quem havera de boli có elle? Nêg'o pabdo, eim?

— Porém Calindó, nada, nada mais justo que o dia de amanhã, não achas?

— An! an! Até ahi é nove! n'isso é c'ô stou! Intamos que...

— Qualquer que seja o individuo que comette um crime horroroso d'estes, amedrontando a meio mundo, isto é, o mundo dos covardes, põe uma pedra em cima, tampa o sol com as mãos e diz depois: sou innocente; ninguem sabe, ninguem vio, ninguem! Não ha testemunha. No entanto ha uma testemunha morando dentro do proprio criminoso, testemunha que não falha e não dorme com sua policia secreta: Deos! E basta só isto, para que o individuo se veja irremediavelmente perdido, porque até as pedras falarão.

— E' bem ahi que meu rosaro dá; Intamos (não ataiano seu prepósto honrado que adiente vai), intamos que o Paula ficou desna do crime muito acaudelado e tão perrengue, que acabou-se a fortuna d'elle n'um proviso e foi enterrado coge ás esmolla. Bôas somma, bons presente, bons cavallo de sella, bestas bonitas, vaccas gorda, matrutages de arrobas de sêbo ganharo os homes da justiça do Sargado, pramode atabafá o porcesse. E elles comero bom.

Conde toda las vêis percisavam do *xengue*, eim? ja se sabia: porcesse pra ribas e o tolo do Paula, pan! cahia pra li cós cobre.

E não era só elles; os assarsino, que ajudaro, arrancharo nas costas delle e zuruparo tudo a barrê em pouco tempo, e em pouco tempo tudo levou os Pilate, inté os mêmos assarsino matadôs, infiteticos.

— Até os assassinos, eim?

— Oxentes! ora si! inté esses! E não?

— Então, eram conhecidos.

— Uai! uai! ai! Se era!... mas porem, ei! quem era besta de tocá no nome delles?

— Que tinha?

— Que tinha? Vóss'enhoria inda progunta? Tinha a sorte do cabôco; entrava sellado no barro. Quem era doido? Fum! tudo andava de bocca cozida.

Hoje em dia, porem não; que a gente fala de papos pra ribas; mas porem, n'aquelle tempo damnado?...

— E os assassinos, Calindó, que fim tiveram?

— Os assarsino, moço? Deos não drôme. Hai causos que pode mais do que a lei e que dá que banzá. Muita gente não dá credico; eh! mas porem, Deos o livre a quarquê. Um delles stava pra morrê; chamou a famia e pedio a mulher, os parente, c'os herdeiro cobrassse do Paula uma besta de sella que lhe devia da morte do Levino. Um outro homem estava nas urtimas agonia (e este foi horroroso); berrava que nem bode que se uvia longe. Conde s'uffrecia elle a image de Jesuis, elle gritava e cospia, virava a cara pr'uma banda pra parede, bradano: gente, feixa a porta, gente! Tira Levino de riba de mim! Tira pra fora este home d'aqui gente! O povo aterrado, oiava e não via nada; mais, elle insestia: feixa a porta, bota este home daqui pra fóra, tira o homem! tira o home de riba de mim!... E esta cantiga turou inté dá a arma a Deos. O premêro que dera a punhalada no Levino, este morreo tambem, sem que nem praquê, de uma punhalada d'um cafageste. E tudo mais s'acabou assim... de vagá... aos tequim... na miséra.

---



## A grinalda

Maria Carolina, emquanto tivera seus paes e irmãos, nada soffrera, nada! Eram seus dias quaes primaveras com seus sonhos de flores, lindas, perfumadas sem preoccupações, nem presentimentos.

Ainda creança viera na cruzada ingrata dos filhos do Norte, varridos pelas inclemencias desoladoras da secca de 1890, em busca de refugio em terras distantes; e, verdadeiras aves de arribação entre esses, ella e os seus pararam diante de um dos primeiros arraies de Minas, tambem ameaçados do flagello. De sete irmãos novos e dos dois velhos compunha-se toda a familia.

Jornada, penosissima, funesta!

Mal essa gente tomára um descanso, fora desimada, morrendo primeiro a desvelada mãe e logo após o pai. No decurso de um anno a nostalgia, a necessidade, o amarellão, a malaria e as dores moraes varriam os irmãos. Maria Carolina achou-se só no mundo aos treze annos entre estranhos, como se vê, sem parentes, sem amigos, sem amparo. A caridade abrira-lhe as portas; mas, não tardara que a calumnia impiedosa as fechasse. Vendo marchar para o cemiterio o ultimo irmão, quasi enlouquecera.

Resignada, morando só em um rancho de palha, beira no chão; nos primeiros tempos d'ella cuidaram almas compassivas, dando-lhe sustento, roupas servidas, etc. Intelligente e laboriosa, vendo a bôa vontade n'esse constante milagre da compaixão, e não se conformando com a precaria existencia que levava, procurou não ser inteiramente pesada, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho.

Quizeram recolhel-a á uma casa de familia, o que recusou sempre, obstinando-se a um isolamento amoroso do lar d'onde partiram para nunca mais, todos os seus, tão caros ao seu extremoso coração.

Não quiz abandonar a poeira de tantas recordações sagradas pela dor.

Costumava dizer com ternura e simplicidade aos que insistiam:

E não era só elles; os assarsino, que ajudaro, arrancharo nas costas delle e zuruparo tudo a barrê em pouco tempo, e em pouco tempo tudo levou os Pilate, inté os mêmos assarsino matadôs, infiteticos.

— Até os assassinos, eim?

— Oxentes! ora si! inté esses! E não?

— Então, eram conhecidos.

— Uai! uai! ai! Se era!... mas porem, ei! quem era besta de tocá no nome delles?

— Que tinha?

— Que tinha? Vóss'enhoria inda progunta? Tinha a sorte do cabôco; entrava sellado no barro. Quem era doido? Fum! tudo andava de bocca cozida.

Hoje em dia, porem não; que a gente fala de papos pra ribas; mas porem, n'aquelle tempo damnado?...

— E os assassinos, Calindó, que fim tiveram?

— Os assarsino, moço? Deos não drôme. Hai causos que pode mais do que a lei e que dá que banzá. Muita gente não dá credico; eh! mas porem, Deos o livre a quarquê. Um delles stava pra morrê; chamou a famia e pedio a mulher, os parente, c'os herdeiro cobrassse do Paula uma besta de sella que lhe devia da morte do Levino. Um outro homem estava nas urtimas agonia (e este foi horroroso); berrava que nem bode que se uvia longe. Conde s'uffrecia elle a image de Jesuis, elle gritava e cospia, virava a cara pr'uma banda pra parede, bradano: gente, feixa a porta, gente! Tira Levino de riba de mim! Tira pra fora este home d'aqui gente! O povo aterrado, oiava e não via nada; mais, elle insestia: feixa a porta, bota este home daqui pra fóra, tira o homem! tira o home de riba de mim!... E esta cantiga turou inté dá a arma a Deos. O premêro que dera a punhalada no Levino, este morreo tambem, sem que nem praquê, de uma punhalada d'um cafageste. E tudo mais s'acabou assim... de vagá... aos tequim... na miséra.

---



## A grinalda

Maria Carolina, emquanto tivera seus paes e irmãos, nada soffrera, nada! Eram seus dias quaes primaveras com seus sonhos de flores, lindas, perfumadas sem preoccupações, nem presentimentos.

Ainda creança viera na cruzada ingrata dos filhos do Norte, varridos pelas inclemencias desoladoras da secca de 1890, em busca de refugio em terras distantes; e, verdadeiras aves de arribação entre esses, ella e os seus pararam diante de um dos primeiros arraies de Minas, tambem ameaçados do flagello. De sete irmãos novos e dos dois velhos compunha-se toda a familia.

Jornada, penosissima, funesta!

Mal essa gente tomára um descanso, fora desimada, morrendo primeiro a desvelada mãe e logo após o pai. No decurso de um anno a nostalgia, a necessidade, o amarellão, a malaria e as dores moraes varriam os irmãos. Maria Carolina achou-se só no mundo aos treze annos entre estranhos, como se vê, sem parentes, sem amigos, sem amparo. A caridade abrira-lhe as portas; mas, não tardara que a calumnia impiedosa as fechasse. Vendo marchar para o cemiterio o ultimo irmão, quasi enlouquecera.

Resignada, morando só em um rancho de palha, beira no chão; nos primeiros tempos d'ella cuidaram almas compassivas, dando-lhe sustento, roupas servidas, etc. Intelligente e laboriosa, vendo a bôa vontade n'esse constante milagre da compaixão, e não se conformando com a precaria existencia que levava, procurou não ser inteiramente pesada, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho.

Quizeram recolhel-a á uma casa de familia, o que recusou sempre, obstinando-se a um isolamento amoroso do lar d'onde partiram para nunca mais, todos os seus, tão caros ao seu extremoso coração.

Não quiz abandonar a poeira de tantas recordações sagradas pela dor.

Costumava dizer com ternura e simplicidade aos que insistiam:

— Aqui cheguei, padeci horrores, chorei os meus; falam-me as imagens de meu pai, irmãos e de minha santa mãe.

Este rancho foi fincado com lagrimas; té os gravetinhos fazem-me bem, sustentam-me como se animados fossem, falam-me e quasi os ouço chamando-me pelo nome. Não! não serei ingrata; eu nunca abandonarei o ranchinho de meus paes.

E n'isto ficou sempre. Davam-lhe roupa para lavar e engommar, costuras e outros serviços de que modestamente tirava a minguada existencia. Um dia tudo isto começara a falhar, sendo-lhe negado até um pedaço de pão por esmola, alfim.

Vieram quadros tormentosos, noites de supremas angustias; e com a fome a vigilia, o opprobrio, a infamia, a calumnia, — longa e profunda ferida para o coração da desterrada.

E foi definhando aquella flor, crestando-se a pouco e pouco pelas febres, pelas resistencias ás seducções do mundo que tambem abeiraram-se tenazmente, miserávelmente do seu tugurio de paz e pobreza.

Uma lesão cardiaca devorava aquella joia preciosa.

Muitas vezes presentindo annunciára o seu proximo fim e por elle anciava, chorando, como um penhor do céo e uma esperança segura para termo final de seus padecimentos.

Com effeito assim succedera.

A desvalida fôra encontrada morta na sua enxerga, envolta com a terra núa.

Depois de morta, as caridades sem remedio, caridades de afogadilho, da impostura e hypocrisia, em que nunca entraram os sorrisos de Deos, nem os perfumes da bemaventurança, circularam o cadaver da desditosa martyr.

Corações justos esforçaram-se para uma mortalha de virgem e uma grinalda de flores artificiaes.

Corações podres obstaram, vomitando blasphemias e calumnias sem o menor respeito á presença do cadaver e a maledicencia venceu pelo numero. Ella teve o seu corpinho envolto no desprezo de uma surrada e barata fazenda preta,



alinhavada a proposito em forma de lençol entre os menoscabos e grosserias d'esses terriveis e felizardos cavadores da honra alheia.

E lá se foi Maria Carolina a caminho do além, pelo cemiterio do arraial, onde em sepultura estreitissima e rasa, retirados os seus restos mortaes da rede dos desvallidos, hoje dorme por esmola.

Fora-lhe a existencia uma verdadeira borrasca, e os furacões do mundo seguiram-na depois de morta.

---

Ha paz no tumulo?

Nem sempre; muitas vezes não.

Os mortos falam?

Falam muito.

Quem perturba esse silencio?

A voz da poeira illuminada.

Porque?

Porque, embora preconisados pelas leis do Evangelho, violam-se os sanctuarios da campa, onde todo o julgamento humano é suspeito e n'essa profundissima soledade todo o ser pensante deve emudecer ante a eloquencia do mais piedoso dos mysterios da vida.

Essas campas revelam uma historia.

Dessa historia, quem nella meditar, hade recolher a propria imagem do seu valor, remontando ás fontes da verdade.

Só os maldizentes e os cegos de espirito, os impios, malsinam de novidade as cousas sagradas.

---

Estava ainda fresca a sepultura de Maria Carolina; de fresco os acres e diversos commentarios de sua vida, atacada de modo acerbo sua innocencia — assumpto obrigatorio das palestras ociosas e incidiosas do lugarejo imbusteiro, quando um dia inesperadamente propala o coveiro do arraial um facto bem singular que se dava no cemiterio.

Um alvoroço geral.

Com celebridade admiravel grande romaria se fez.

Com effeito, bem commovedor o espectaculo em torno desse humilde tumulo, victima de tantas maledicencias.

Agora, extatica e apavorada multidão se comprimia a contemplar desconhecida plantinha que alli nascera; e, estendendo-se em forma de uma perfeita grinalda ao longo do estreito comoro, florira maravilhosamente,

Brancas flores resplandesciam ao pino do meio dia de um sol de agosto; e de tal maneira feriam a imaginação d'aquelle auditorio, qual se um anjo a exprobar em divina eloquencia a empestada alma da maldade. Um perfume suavissimo subia desse chão poento dos mortos, onde por mais que o esquadrinhassem, nenhuma outra planta identica, dentro ou fóra, jamais fôra encontrada. Entre poucas consciencias rectas que proclamavam bem alto as injustiças vomitadas contra a memoria santa, achavam-se muitas outras detractoras da pobre Maria.

Essas retrahiam-se agora, negando, o que outróra com tanta insistencia haviam afirmado.

— E' mentira d'este, é falso d'aquelle, foi fulano quem propalou, foi, beltrano, foi cicrano; nunca em tal cousa pensei. Deus me é testemunha, etc, etc; taes dizeres dos presentes aos manifestos explendores d'aquelle ornato celestial.

Terrivel demonstração a do mysterio.

Ninguem quiz ser o culpado, ninguem o da primeira pedrada.

Muitas lagrimas sinceras justificavam a santa menina, durando a piedosa romaria, por muitos mezes, até que, enchendo-se muito de matto o cemiterio, mandaram limpal-o por um outro coveiro, que, ignorante e forasteiro no logar, ceifára de vez a viçosa e sempre florida plantinha que nunca mais renascera.

---

## Os queijos

Encharcados por um aguaceiro do coração do inverno, dois cavalleiros davam o Oh! de casa — ás oito pra nove



horas da noite, á porta de uma velha, mas vasta choupana á margem de uma chapada.

Gozava ella da fama de grande e abastada fazenda.

E porque fosse torrencial a chuva nesse dia e entrasse pela noite com intenso frio, cerrava-se desde cedo e parecia mergulhada em profundo silencio, porquanto ninguem respondia, apezar dos muitos chamados, correspondidos todavia, por ladridos de cães assanhados de dentro, aos gritos de — êh! primo Vieira? primo Vieira!?

E nada de primo Vieira!...

Somno de pedra!

Um bom fogo ardia na varanda e os cães, redobrando de furor, mettiam os focinhos por entre os paos de bority, que, atravancados, serviam de porta, esforçando-se a matilha quebrar-lhes as amarras n'um alarido infernal.

— Cachórro! bradou la dos fundos uma voz grossa, roufenha, pausada, quasi sepulchral.

A canzoada moderou-se.

— Primo Vieira? Êh! primo Vieira?!

— Quem... é?...

— Sou eu, Romualdo, homem de Deos!

— Já... vó!...

Quinze minutos, depois de desatravancada a tal geringonça de porta, enrollado n'uma cousa que outrora se chamara — baiêta — com a cabeça enfiada n'uma especie de funil de couro de guará, todo encapotado ou resguardado por uma carocha forte e dupla de fibras de bority, resmungára o Vieira, ralhando segunda vez aos cães que rosnavam; e, abanando um tição indagou no mesmo tom:

— Quem é?...

— Antonio e Romualdo, primo Vieira!

— Antonho?... Rimuardo?... Oxente! Cês qué alguma coisa?

Ond'é que ocês vão?

— Queremos apeiar, primo! Ir para onde mais? avançou Romualdo, já no meio do lamaçal do terreiro e mais que resoluto.

Antonio imitara-o, e ambos, dirigindo-se ao primo, apertaram-lhe as descarnadas mãos em cumprimentos de obrigação.

Nesse interim um enorme cão magro morde a perna a Romualdo.

— Um! diabo!... seu cachôrro, primo!...

— Capitão?! Bota báxo já! Ah! *non-sê-quizera!* Ora vancê não dasse?! Mordeu, primo?

— Mordeu? Comeu um pedaço da perneira por muito favor. Os meninos d'aqui são espertos; este teu *capitão* parece-me um capitão de pé de serra. Que recepção!

— Mais, gentes, ocês por aqui essas hora... é alguma novidade...

— Novidade, o que, moço?! respondeu Romualdo, entrando e dependurando a um canto da sala em um gancho de páo a sella molhada. Antonio, depois de haver peiado os animais na gramma do pateo, arrumara tambem a sua em um outro com os respectivos accessorios vaqueanos seus e os do mano.

— Mais, aindas que mal proguntes, vocês vém de casa, ou de...

— Sahimos de casa desde o romper do dia, debaixo desta chuvona, e, sem pararmos um instante, batemos quasi todo o campo á procura de uns bois para a moagem, e anoitecemos aqui perto de sua casa, sem tempo de alcançarmos a nossa. Estamos cortados, entanguidos, de frio e o que é mais de fome, e muita, porque não nos prevenimos; suppunhamos encontrar os malditos muito cedo, mas foi um engano. Com o inverno, esconderam-se de tal modo, que não soubemos nem advinhámos onde mais procurar semelhantes velhacos.

E tenha paciencia, primo, nos dê alguma cousa, seja o que fôr.

— Uai! E' isso mêmo! Boi agora... no regô dessa timuridade... oxé stá cumo camarada pra trabaio... não se acha.

— Primo, você não se encommode muito; nos dê um pedaço de carne para assar, ou qualquer cousa que seja, inda mesmo um sapo. Estamos em jejum.



— Lá ist'agora de comestive é que está ruim; hoj'aqui nam temos nada. Carn'aqui, nem uma lag'ma pra sarvá um doente.

— Nem ovos?

— Nem ovo!

— Algum requeijão ou queijo?...

— Aonde, moço!

— Qualhada, leite?...

— Stá tudo limp'espuro. E' nada mêmo. Vacc'agora nam dá leite; e hoje inté que sortemo a bizerrada que estava tudo pra pistiá.

Apezar deste desengano formal, Romualdo relanceou os olhos pelos ambitos da sala: alguma cousa no ar!

Antonio era um homem calado; e, não estando para ouvir miserias, que conhecia, proverbiaes, em casa do primo, tomou dos alforges, saccou de uma chocolateira, uma rapadura, e lata de café e pedio agua.

— Lá isso temos com fartura, lóvado Deos! acodio Vieira com presteza, trazendo d'ahi a instantes uma cabaça pelo meio.

Preparado o café, foi Vieira o primeiro servido com uma coitesada, pedindo repetição e elogiando a qualidade do café.

Terminada a refeição de unica especie, os hospedes arranjaram uma bôa cama de couro de boi, activaram o fogo, em torno do qual apinhara-se a cachorrada morrinhenta do Vieira, coçando pulgas e rabugens, batendo os dentes.

Vieira, assim sentio-se confortado, deu á taramella com o Romualdo, até vêl-o coxillar, abrindo a bocca.

Isto presentido, despedio-se quasi depois da meia noite.

Antonio dormia desde tres bôas horas.

Romualdo era um rapaz intelligente; e, não se conformando com o procedimento do primo, sondava uma desforra.

Pensando bem nos meios, sem mais preambulos havia já executado uma das suas.

Accordou Antonio, falando ao ouvido:

— Levanta-te, vamos comer alguma cousa.

Antonio resmungou, estremunhado de cansaço e somno.

Antonio imitara-o, e ambos, dirigindo-se ao primo, apertaram-lhe as descarnadas mãos em cumprimentos de obrigação.

Nesse interim um enorme cão magro morde a perna a Romualdo.

— Um! diabo!... seu cachôrro, primo!...

— Capitão?! Bota báxo já! Ah! *non-sê-quizera!* Ora vancê não dasse?! Mordeu, primo?

— Mordeu? Comeu um pedaço da perneira por muito favor. Os meninos d'aqui são espertos; este teu *capitão* parece-me um capitão de pé de serra. Que recepção!

— Mais, gentes, ocês por aqui essas hora... é alguma novidade...

— Novidade, o que, moço?! respondeu Romualdo, entrando e dependurando a um canto da sala em um gancho de páo a sella molhada. Antonio, depois de haver peiado os animais na gramma do pateo, arrumara tambem a sua em um outro com os respectivos accessorios vaqueanos seus e os do mano.

— Mais, aindas que mal proguntes, vocês vém de casa, ou de...

— Sahimos de casa desde o romper do dia, debaixo desta chuvona, e, sem pararmos um instante, batemos quasi todo o campo á procura de uns bois para a moagem, e anoitecemos aqui perto de sua casa, sem tempo de alcançarmos a nossa. Estamos cortados, entanguidos, de frio e o que é mais de fome, e muita, porque não nos prevenimos; suppunhamos encontrar os malditos muito cedo, mas foi um engano. Com o inverno, esconderam-se de tal modo, que não soubemos nem advinhámos onde mais procurar semelhantes velhacos.

E tenha paciencia, primo, nos dê alguma cousa, seja o que fôr.

— Uai! E' isso mêmo! Boi agora... no regô dessa timuridade... oxé stá cumo camarada pra trabaio... não se acha.

— Primo, você não se encommode muito; nos dê um pedaço de carne para assar, ou qualquer cousa que seja, inda mesmo um sapo. Estamos em jejum.



— Lá ist'agora de comestive é que está ruim; hoj'aqui nam temos nada. Carn'aqui, nem uma lag'ma pra sarvá um doente.

— Nem ovos?

— Nem ovo!

— Algum requeijão ou queijo?...

— Aonde, moço!

— Qualhada, leite?...

— Stá tudo limp'espuro. E' nada mêmo. Vacc'agora nam dá leite; e hoje inté que sortemo a bizerrada que estava tudo pra pistiá.

Apezar deste desengano formal, Romualdo relanceou os olhos pelos ambitos da sala: alguma cousa no ar!

Antonio era um homem calado; e, não estando para ouvir miserias, que conhecia, proverbiaes, em casa do primo, tomou dos alforges, saccou de uma chocolateira, uma rapadura, e lata de café e pedio agua.

— Lá isso temos com fartura, lóvado Deos! acodio Vieira com presteza, trazendo d'ahi a instantes uma cabaça pelo meio.

Preparado o café, foi Vieira o primeiro servido com uma coitesada, pedindo repetição e elogiando a qualidade do café.

Terminada a refeição de unica especie, os hospedes arranjaram uma bôa cama de couro de boi, activaram o fogo, em torno do qual apinhara-se a cachorrada morrinhenta do Vieira, coçando pulgas e rabugens, batendo os dentes.

Vieira, assim sentio-se confortado, deu á taramella com o Romualdo, até vêl-o coxillar, abrindo a bocca.

Isto presentido, despedio-se quasi depois da meia noite.

Antonio dormia desde tres bôas horas.

Romualdo era um rapaz intelligente; e, não se conformando com o procedimento do primo, sondava uma desforra.

Pensando bem nos meios, sem mais preambulos havia já executado uma das suas.

Accordou Antonio, falando ao ouvido:

— Levanta-te, vamos comer alguma cousa.

Antonio resmungou, estremunhado de cansaço e somno.

— Levanta-te, moço!
— Que é?
— Fale baixo, Comer!
— Comer o que?
— Ora, senhor!

Antonio levantou-se não acreditando o que via.

A choupana espaçava-se em compartimentos de frageis caiçaras, servindo de paredes. Vieira occupava os aposentos inferiores, inteiramente isolados da sala; contigua á essa, seguia-se um quarto, cuja porta, tambem de caiçara, estava mal atravancada, amarrada por embiras um tanto podres.

Romualdo, ateiando o fogo lobrigára por entre as estacas uma pilha, de queijos, cujo cheiro de ha muito advinhára.

Percebendo que Vieira se accomodára, com a maior pericia e sem bulha, desatára as embiras e se foi aos queijos.

Com Antonio, pois, comeu a valler quanto poude.

Terminado o lunch, accrescentou:

— Isto não pode ficar assim, Antonio! Este safado, agora, paga-me, não só o café que tomou, e mais ainda a ruindade e prosa cacête que deu-me, com receio dos queijos de usura. Não dormiremos mais.

— E para que, se já é madrugada?

— Dizes bem. Vá apanhar os cavallos e arreia-os.

Apezar da chuva que não céssara, Antonio sahio immediatamente e não se demorou.

Instantes mais, tudo prompto!

Romualdo, voltando ao quarto com os alforges, encherao-os. Arranjou alli mesmo um sacco e empanturrou-o tambem.

A pilha era immensa; e não havendo mais onde deitar queijos, geitosamente com embiras preparára um bom volume.

Devidida a carga e acondiccionando-a nos dois animaes, que eram possantes, tratou de partir.

Antonio, tendo cavalgado, esperava Romualdo que, armado de uma peia forte e ensebada, dentre a cachorrada que dormia grunhindo a sonhar, escolhera aquelle que o aggredira na chegada; e agarrando-o violentamente, brutalmente pelos pés, desandou-lhe a todo o risco sem pena, sem piedade aquelle latego.



Quebrando mui de proposito a tal porta do quarto, arrastou-o por dentro; e, na formidavel tunda que passava, derribou, espalhando por toda a parte a celebre pilha de queijos, e, vociferando e surrando, voltou á sala n'um barulho infernal.

A cachorrada em sobresalto não esteve para conversas; sem respeitar a chuva, espirrara por quanto matto houve, sumindo-se.

Embuçado nos seus trapos apparece o Vieira.

— Que é iss'aqui?...

— Que é isto? Pois ainda se pergunta o que é isto aqui? Respondeu Romualdo todo encolerisado; meu primo cria, não sei para que, uma cachorrada esfomeada, que agora mesmo acaba de espatifar tudo n'este quarto. E dirigindo-se para fóra, cavalgou ainda berrando:

— Vá ver que aconteceu, que eu não sei. Forte desparate, senhor! Perdi a paciencia e foi-me preciso, contra a minha vontade, dar uma surra n'esse, que de lá vinha sahindo. E adeos! até vermos, pois que aqui mais não fico.

— Ora e veja, home!... Nam seio qu'e qu'elles qué! Apois lá nam tem nada... E ocês já vão s'embora?

— Adeos! meu primo! Dê lembranças á prima... Até outra vista.

— Adeos! gaguejou o Vieira com voz tremula... de odio; farei presente o seu mandado.

---

## Páos d'agua

*Benedicto Barão.*
*Felyppe Barbudo.*
*Egmydio.*

*Benedicto Barão — (vendo o taberneiro encher meio — páo de cachaça a mandado de Felyppe)* — Uvi prú lei in via dizê, que me pegaro o meu Inlóe para o enganjo. Eu

não valo nada; só tenho os cinco zangico de forquia da Estiva; mas porem, eu tambem tenho um consolo: que, quem o enganjou, seu Fellyppe, tambem é... de... lordal-o! E' de... lordal-o!

*Felyppe Barbudo* — Psiu! Fala báxo. Hoje não temos berração. O dia é nosso, apois não; apois, quem pôis o rapais no enganjo, stá visto qu'é de lordal-o mêmo, e inté você tambem pega no páo da gaiába do governo. Que tem isso? (bebendo). E viva nois e tudo emquanto é bão! Já está ca farda do rêis nas costa... E' mió isso do que andá bangolano.

E... Risca!
Trisca!
Belisca!
E colla!

Rrrrr... rêlha delhabo! *(enxugando o copo)* Mais um travanquante, uma esporada! Bebe, Barão! Antes isso do que andá carregado de alafraes, nú, cumo tu anda. Toma lá uma podarcada!

*B. Barão* — *(dobrando segundo copo)* — Ora, poi'zé assim mêmo; deve se falá desempambado.

*F. Barbudo* — Nois tudo samos homes de bens, gente de mandá chegá, home de cahí nas pimenta. Disse bem, ô disse bem, ó disse mal, ô eu stó intrepetado? Não se pode andá lambecado; que diz, Emyd'o?

*Egmydio* — Ist'é qu'é negro intife e pornosco! Pimenta!... T'arrunego! Se tu é gente de cahi in pimenta?! Tu é que já está intrepetado; incanzinou assim na dindinha, qu'é nove! Chega stá que stá... Não guenta um supetão, nem um tabefe de home, conto mais, de mais, se a gente dé assim... de supra!... Já stá hi que nem pode chamá gato, de beb'do que stá. Tu só tem rompante e bestage.

*F. Barbudo.* — Emydio, não brinca com quem bebe, nem cum quem toma seu gólo, uai! oxente!?

*Egmydio* — Assim mêmo
E' qu'eu sou.
Condo entro na taverna,



Não apanho.
Dou!

*F. Barbudo* — Ah! dahi! malludo, malacafento! Que é de naturedade negara pote!

Qu'é de pi pi piu,
E' de có com có,
E' de cacos cum cabello
Pausuoro
Difuntóro.

Assim é qu'é falá caralmentes, desempanbado, seu Emyd'o!

*Egmydio (rindo-se)* — Quiá! quiá! quiá! quiá! quiá! Só pro xujo! Nam! stô dizeno? O diabo inté que aprendeu na grámatitica. Caralmentes!?... Que diabo é caralmentes? Esta é de cajuleóro!

*F. Barbudo* — Cum'é. Emyd'o? Cum'é que tu stá dizeno?... Grámatitica?... Inté que você ainda não vio nada. Que fará se tu visse, Emyd'o.

Os passarim zavoano,
E as gaivotinha cantano
E as caxinha ringino:
Inhem! inhem!
E eu p'o riba dos quat'o vintem
In riba dos tendendem...

tu me tomava benção e me lóvava: Sois Christo! Sou home e cumo que, seu Emyd'o! Caralmentes óu qué dizê na cara!

*Egmydio* — Négo de ti! Quem é você pra se lóvá Christo? Você é que nasceo oiano pro tôrno. Gente de pé rapado nunca foi home, siéba!

*F. Barbudo* — Sustento o que digo. Sou home, sustento a thesia; home de fididignia.

*Egmydio* — Fididignia!... e que home, caralmentes? E tu é home? Tu veste calça de atrevido porque não passa de um toco de matá cobra, yaiá, muito xujo, caralmentes!

Que não te conhece que te compra. Tu é que mente já cum cara e tudo, cavaeiro de induscas, sambahybeiro, véiacão do commerço.

*F. Barbudo* — Óia o diabo pra que trabaia, nariz de Cagomim! Ist'é qu'é nêgo cheio de furdunsco, nariz de sellim de banda, nêgo loco!...

*Egmydio* — Mais porem, isto é negro que no meu tempo, á gentes cumo de tua laia, não se oiava sinão assim: pru riba do hombro; e deixa de leprêgo, seu moço, que aqui não é sanzalla.

*F. Barbudo* — Pru rêbemdita que você qué agora brigá commigo. Tu nunca me vio de dia, e eu não quero brigá c'o tu. Bamos tumá pó de home (puxando e fazendo estalar a tampa de cuia de um cornimboque).

*Egmydio (com ironia)* — Pó de home! Tu algum dia já tumou pó de home? O demôin anda torrano doi'zintem de fumo no caco, e ô dispois ufrece os home — pó de home... Moleque xambuqueiro, tu si cór ó mêno sabe o que é pó de home, nem vio pó de home, nem vio home?

*F. Barbudo* — Nem vio home? o que?

*Egmydio* — Col o home que tu já vio? Esses casacão, esses sunduga de pataca, barbudo cuma tú? Isto n'é home.

*F. Barbudo* — Gentes cuma mim, que j'andei pas lav'as do Sincorá...

*Egmydio* — D'ahi! Que pramode você falá cum Emyd'o de Vasconservas, é perciso xerá aqui dabáxo d'este subáco. Tu qu'é conversá cum quem? contadô de piluxia! Véiaco! Tu é lavrista pu derradeiro. Só pru que andou aqui atrais do rapadô, qué passá pru gente lida e corrida; agora, que fará se fosse cumo eu, na cidade de Petropes e tumasse do bom rapé-prenceza, rapé-prenceza! eim? eim? Intenda seu Felyppe! Ist'é qu'é pó de home! N'é torrá um fumim no caco e no espeto, esfregá no couro de moê pó, e andá chamano os home pra tomá pó de home. Tu n'é gente de tomá Nó Sinhô em jejum, nem nunca vio Santiss'mo meia noite, fóra d'hora.



*F. Barbudo* — Qui stá dizeno?

*Egmydio* — Ei! stá bom, seu moço!

Cessa o remô,
Dêxa a gata pô.

*F. Barbudo* — Você diz isto é aqui.

*Egmydio* — Tu nunca vio Sant'Antonio de serolla! Fala cummigo mais de vagá, mais miúdim.

*F. Barbudo* — Emyd'o, você stá doido? Adondé que você já vio santo vesti silora? Isto já é a tentação do cão. Você é um inscommungado. Cruis! Pras areias gorda! Vaite pro máo fridurico! E' por isso que você já stá cum cara de feiticeiro. Só farta trazê a capanga d'uma banda. Fumacento! hum! tu stá véio!...

*Egmydio* — Já não estou mais bom. Se fico um tanto sirieiro, sou malcreado. E' por isso que não bebo. Mais véio stá teu pai que pôis um tão ruim feitiço desta vazia ruim, cumo tu no mundo. E ei! mais de vagá c'o andô qu'este santo é de barro. Dexemo de plebas! sabuco, cangoxeiro! Toma teu gollo, mixélo, non prosunta!

*F. Barbudo* — E tomo mêmo. E viva nóis, Barão! Viva a panica! *(bebe).*

*B. Barão (enxugando o copo)* — Crof rink, cep! cececep! Fute! Viva a nossa cumilidade! Viva a panga!

*F. Barbudo* — Viva! Muito que bens, rapais!

*Egmydio* — Que diabo é isso? Cruis! Pra tudo hai gentes neste mundo e ainda sobra um pra tocá gaita. Gente, donde veio mais este? Qual! Só eu me escafedendo daqui. Se agora, de dia, mei'dia, sol quente, aqui está malássombrado, que fará fosse de noite!

Um baque. E' Barão que cahe e se esforça agora para levantar-se, estando assim a modos de quatro pés.

*F. Barbudo* — Que é isto, Barão? Lavanta?

*B. Barão* — N'é nada, moço. E' que stou macaqueano...

*F. Barbudo* — Apois, macaqueia em pé!

*B. Barão* — Non disse? Já stou macaqueano.

*F. Barbudo* — Emyd'o, me ajuda levantá aqui este proximo.

*Egmydio* — Quem, home! Eu? Cambada de páos d'agua!... Seu pai é Zé Prego.

Quem pario Matheus que o embalance. Até logo.

## O Desmamado

Miquelina havia derribado da trempe de torrão calcinado a panella de barro, meiã, atarracada de corvina secca e gorda, cosida com abobora, e preparava o cheiroso molho de pimenta malaguêta, limão, coentro, vinagre de cana e cebolla verde, dest'arte, a tresandar pelos visinhos e a excitar estomago o mais indifferente.

Mais de uma cara de transeunte se espichára para dentro da saleta unica do casebre de Miquelina, exclamando:

— Um! que peixe cheiroso!

— E gostoso e saboroso que deve estar; replicava tambem um visinho fronteiro, batendo o sollado do sapato á porta da rua.

Miquelina, que não era gente, ouvindo os elogios do sapateiro, disse zangada e resmungando á sua mãe:

— Mamãe, ja o diabo d'este home stá d'acolá espiano e dizeno — que pêxe xeroso e gostoso! Eu hoje perparo elle. Ell'aqui não come. Do céo virá o reméido, só s'eu não fô Miquelina. Diabo, que anda bongano, impé-impé'...

— Miquelina, vai-t'assucegá. Ja tu começa, Miquelina? Impé-impé cumo?

— Socegá? Fum! pois não! Ora mamãe! Ist'é de mais. Inté conde nois bamos sustentá esse home? Vancê, viuva, já véia, trabaiano no tiá mais eu, dias inteiro, que só Deus sabe cumo nois arranca o vintemsim, pramode este home, que não é seu fio, seu marido, nem parente nem adherente, se cór ó mêno; e este home que nemc'enxergou uma páia pra nos estendê a mão, entrá agora de *babos ó nico* e pan!



enchê sua pansa sem mais aquella... e faça-se Deos la bom tempo... Fum! Não hai desafôro maió. Ora, logo que Nó Sinhô dá o dia, e que elle vê qu'a gente arranjou um geitim, la é vem o *nom sê quizera!...*

Peste, eu te juro que hoje tu aqui não come, diabo! pru que eu não quero, nem Deos consinte.

— Miquelina!... ralhou pacientemente a velha Maria Pinta; que tem? Pobre home, não tem quem lhe faça as coisa a tempo e á hora; é verdade que isto é um máo costume, minha filha! mais que qu'a gente é de fazê? Não poudemos corrê cum quem nos percura.

Eh! mamãe! Ancê cum sua piadade fais mal a si mêmo. Ist'é um xupão.

Uma tosse secca, desconchavada, gaguejou o visinho n'esse momento.

— Tosse, inferno! Isto! tosse! póde tossi, eu te faço as barba hoje e é cum caco de cuia, barbeiro de parede!

E Miquelina lavou ás pressas o prato fundo de barro, enxugou-o bem, enchendo-o de alvissima e nova farinha de mandioca, frescamente torrada-pé de forno. Despejou o caldo gorduroso e apimentado no prato e a farinha rescaldada emergio do fundo n'um odor delicioso; era o pirão. Por cima deste foi pondo em ordem as postas de corvina, adubando-as com o molho.

Um baque na rua.

Miquelina olhou.

A porta do sapateiro estava a se fechar.

Tendo observado, na trêta, que a hora da mamata se aproximava, apressadamente arrumára o meliante a tenda, e resoluto correra á casa das visinhas.

— Mamãe, la o demonho ja vem; ande depressa. O dicomê stá no prato e uma coisa só lhe peço; não me chame este home pra comê; deixa elle commigo.

E as duas começaram almoçar.

— Dê bons dia! saudou abemoladamente o sapateiro á porta.

— Cala bocca, mamãe! Não responde não! murmurou baixinho, Miquelina.

A velha não esteve pelos conselhos da filha. Ia responder, teve vontade, mas, olhando ligeiramente para Miquelina e a cara brejeira, comica e afressurada do sapateiro, quasi engasgou com uma surda gargalhada que a muito custo poude reprimir, pretextando qualquer cousa.

O saudante engulia agua da bocca; e desapontado com o silencio, abrio os braços á porta, tossio, escarrou, olhou a rua para cima, para baixo, á direita, á esquerda, e, moleque escopeteiro, caradura, entrou.

— Gente, hoje temos peixe, e não me dissero e nem me chamaro.

Sempre o mesmo silencio.

— Ih!... e é cruvina secca e gorda, gente! Bom peixe, bom mocado! Oh! que peixe cheroso! e hoje, sexta-feira, dia de guarda! E o môio! ôh! que môio que cheira, gente! Só S'ea Maria sabe aperpará um môio'assim; ou foi d. Miquelina?

Ninguem respondeu.

E as duas senhoras estorciam-se; o caso aggravava-se e a vontade de rir era immensa.

O sapateiro, impaciente e desesperado, concebera uma idéa magnifica; mas, Miquelina cortára-lhe desta vez todas as esperanças, revirando no prato todo o conteúdo da panella.

E la se hia o almoço.

Mais um instante e tudo perdido!

O desvairado sentira devéras o *rato* da fome devorar-lhe as entranhas; não quiz perder tempo, não contou fiado.

— Gentes! mas, que peixe! Qual! só eu comeno um tequim d'elle.

E adiantou-se. Procurou onde sentar-se.

Nem um cepo!

Acocorou-se entre as mulheres á beira do fogão, relanceando os olhos por toda a parte.

Nem um prato! rompeu elle. D. Miquelina, dê-me um prato!

Miquelina não deu ouvidos. Escondera tudo e mandava o *verbo* a todo o panno.



— Senhora, metta-me na mão uma faca, choramingou o capadocio, sondando os recantos da salêta.

E almoço... o peixe... ah! o peixe! La se hia tudo!...

Uma bôa parte restava ainda, mas, valentemente atacada.

— Senhora, metta-me na mão um *galjo!*...

Uma *cuié* senhora!...

A ultima posta da corvina, sua ultima esperança, sahia do monticulo de pirão no fundo do prato sob valentes dedos de Miquelina.

— E vae-se tudo! Senhora, metta-me na mão uma casca de páo, senhora! Quasi liquidado o almoço!

— Senhora, metta-me na mão um... um... o diabo! bradou elle desesperado, sem remedio, pansa vasia; tudo liquidado, retirando-se incontinente furioso, xingando, damnado da vida.

E nunca mais bôdas ao céo sem tamborête:

---

## Casamento a Facão

Longinquos ermos de sertão! Por volta das cinco e meia da tarde batia á porta de uma choupana um viajante:

— Oh! de casa?

— Oh! de fóra!

— Bôas tarde, s'ea dona!

— Dê bôas tarde. Vancê qué arguma coisa?

— Ja stá muito tarde, mea dona! Venho cansado, e tempo não tenho de ir mais adeante. Desejava qu'ancê me desse rancho, ó mêno pra passá a noite.

— Cum'é a graça d'ancê?

— Policarpo, m'ea dona!

— Impô, seu home, aqui den' de casa, não posso não...; agora, é vancê (seu Pilicarte, não é)?

— Sim, m'ea, dona!

— Agora é vancê s'allojá n'aquelle rancho, inté seu Paturnio chegá da roça. Elle não tarda, não!

— Não tem duvida.

— De Paturnio Jacaré Tristão...
— De Paturnio Jacaré Tristão,
— Pru mei legit'mo marido,
— Assim cumo qué
— Assim cumo qué
— E manda
— E manda
— A santa mad'greja,
— A santa mad'greja,
— Cathorca...
— Cathorca
— Postorca...
— Postorca
— De Romas...
— De Romas.

— Eu, Paturnio Jacaré Tristão, arrecebo a vóis de Mangarida Camêlla Cavallêra, pru m'ea legit'ma muié, assim cumo qué e manda a santa mad'greja, cathorca, postorca, de Romas.

Stamos casado. E' ou não é, siô?

— E' assim mêmo.

— Acabou-se. Agora, n'é mais mió? Mangarida?

— E'! mais...

— Uê! stá bom! Mais o que? A millura stá grossa!

— Não, Paturnio! E' que conde me cumfessei, m'esqueci de contá um peccado...

— Apois, col'é antonce?

— E eu que m'alembro de tê dito uma feita que o senhô era muito feio.

— Ora, que tem isso? Os fio que nóis temo não é nosso?

— E'.

— Ja não se disse isto uma vêis?

— E'!... já disse.

— Apois não tem nada. Isso Deos perdôa e eu tambem. Bamos drumi qué tardes, apois

Quem ama cum fé,
Casado é.



E o Petronilio, volvendo para seu hospede, novamente inadagou áfiando o facão nos buritys do giráo:

— Eim s'iô? E' ou não é? Stemo ou não stemos casado? eim, siô?

— Eh! não hai premoves; stão casado.

— Eh! apoi' zé! Fum!

---

## A Pauta

— Entonce, meu moço, o senhor qué tomar a vintura — pauta chamada — com o diabo, não é assim?

— Sim, senhor! e foi para isso que me dirigi á sua casa.

— Foi pra isso que o senhor se dirigio á minha casa...? Quem o mandou-le?

— Mandaram-me.

— Tem muita coragem e muito se confia na pessoa que o mandou-lhe, sem saber o risco que corre.

— Se quem indicou-me sua pessôa, não fosse de sua intima amisade e não soubesse a fundo de tudo, por certo aqui eu não viria nunca.

— Por certo; mas, não é assim tão facil como se pensa: stá se vendo que é mesmo um home de corage; mas porem, é com o principosto... isto é, quero dizer, stá em veremo: saber se o senhor cumpre ou não o que eu lhe ordenar.

— Experimenta, se quizer e já.

— Entonce, queira ouvir-me e arresponda o que eu vou te preguntar no mais regoroso insélencio e segredo de portas fechadas mediante tambem uma grugêta que arreceberei ô dispois.

— Como for do seu agrado.

— Apois bem, entremos; vou trancar a porta.

E a porta se fechou por mais de duas longas horas.

Aberta que foi, dois homens despêdiam-se:

— De Paturnio Jacaré Tristão...
— De Paturnio Jacaré Tristão,
— Pru mei legit'mo marido,
— Assim cumo qué
— Assim cumo qué
— E manda
— E manda
— A santa mad'greja,
— A santa mad'greja,
— Cathorca...
— Cathorca
— Postorca...
— Postorca
— De Romas...
— De Romas.

— Eu, Paturnio Jacaré Tristão, arrecebo a vóis de Mangarida Camêlla Cavallêra, pru m'ea legit'ma muié, assim cumo qué e manda a santa mad'greja, cathorca, postorca, de Romas.

Stamos casado. E' ou não é, siô?

— E' assim mêmo.

— Acabou-se. Agora, n'é mais mió? Mangarida?

— E'! mais...

— Uê! stá bom! Mais o que? A millura stá grossa!

— Não, Paturnio! E' que conde me cumfessei, m'esqueci de contá um peccado...

— Apois, col'é antonce?

— E eu que m'alembro de tê dito uma feita que o senhô era muito feio.

— Ora, que tem isso? Os fio que nóis temo não é nosso?

— E'.

— Ja não se disse isto uma vêis?

— E'!... já disse.

— Apois não tem nada. Isso Deos perdôa e eu tambem. Bamos drumi qué tardes, apois

Quem ama cum fé,
Casado é.



E o Petronilio, volvendo para seu hospede, novamente inadagou áfiando o facão nos buritys do giráo:

— Eim s'iô? E' ou não é? Stemo ou não stemos casado? eim, siô?

— Eh! não hai premoves; stão casado.

— Eh! apoi' zé! Fum!

---

## A Pauta

— Entonce, meu moço, o senhor qué tomar a vintura — pauta chamada — com o diabo, não é assim?

— Sim, senhor! e foi para isso que me dirigi á sua casa.

— Foi pra isso que o senhor se dirigio á minha casa...? Quem o mandou-le?

— Mandaram-me.

— Tem muita coragem e muito se confia na pessoa que o mandou-lhe, sem saber o risco que corre.

— Se quem indicou-me sua pessôa, não fosse de sua intima amisade e não soubesse a fundo de tudo, por certo aqui eu não viria nunca.

— Por certo; mas, não é assim tão facil como se pensa: stá se vendo que é mesmo um home de corage; mas porem, é com o principosto... isto é, quero dizer, stá em veremo: saber se o senhor cumpre ou não o que eu lhe ordenar.

— Experimenta, se quizer e já.

— Entonce, queira ouvir-me e arresponda o que eu vou te preguntar no mais regoroso insélencio e segredo de portas fechadas mediante tambem uma grugêta que arreceberei ô dispois.

— Como for do seu agrado.

— Apois bem, entremos; vou trancar a porta.

E a porta se fechou por mais de duas longas horas.

Aberta que foi, dois homens despêdiam-se:

— Até domingo de paschoa, sem falta alguma.

— Adeos! inté domingo de paschoa.

* * *

Prestes a semana sancta! Em uma das missas, pouco frequentadas do povo, um individuo acabava de receber a sagrada particula. Fingindo o mais profundo recolhimento, levantou-se da meza da communhão e appressado se dirigira á sachristia inteiramente deserta. Uma vez alli, sacára uma caixa de pau de phosphoro, modelo antigo, e dentro cuspira a hostia santa, guardando-a cuidadosamente no bolso da calça. Terminada a missa, emquanto não se fechava a igreja, permanecera orando, ou falando baixo qualquer cousa, andando por diversos altares, até que, vendo ranger a porta principal, concluira, retirando-se. Alguns dias durou aquella scena de rezas ou falas, sem que desconfiança alguma despertasse o horrendo sacrilegio.

Entrada a semana santa, isto se repetira ainda uma ultima vez; isto é, a reza ou conversa aos altares. Sexta-feira santa! Era no tempo em que a igreja neste dia abria suas portas até á uma hora e duas da madrugada, borborinhando povo, indo e vindo, levando esteiras, colchas, cobertores travesseiros para dormir no templo uns, outros, como inda hoje em nossos dias por vigilias taes, munidos de cadeiras, tamboretes, cachaça, vinho, cognac, etc, etc; para palestra e raros, rarissimos, para a oração. Dada uma hora da manhã, pediam alviçaras a Nossa Senhora pela resurreição de Jesus. E só então, retiravam-se. Era e é ainda dessa crendice o costume alviçareiro para alcançar da Virgem cousas inauditas: riquezas, saude, bellezas, casamento, posições sociaes, poderes, etc, etc.

Parte desse povo seguia outras praticas de devoção, inda hoje usados e abusados — as encommendações das almas — na cidade e nos arraiaes.

Os annos porem, passam-se, reformando homens e costumes.



Hoje, exceptuados os janotas mettidos á sebo de descrença e molecagens, tudo mudado felizmente. Mas, não nos esquecemos, nem podemos, dos resaibos de outrora.

Soavam matracas e lamentações cantadas a *Jeremias* em toda a parte.

Nessas horas de penitencias e votos por um luar clarissimo, não raros os grupos encommendadores de almas, homens e mulheres em promiscuidade, embuçados em amplos e alvos lençóes, esgueirando, ou estacionando-se ás sombras do casario ou ermas estradas, silenciosamente respeitosos, crentes, muito crentes de acompanhados pelas almas do outro mundo. Por esse tempo em pleno luar, ao meio das ruas mais publicas ou de desertas viellas, vultos amortalhados jaziam no frio chão, arrastando-se ao ranger de ferreas disciplinas, derramando copiosamente o culpado sangue de estação em estação que terminava sempre á porta da matriz. Uma dessas patrulhas penitentes chegava á egreja para ultimar seus trabalhos por uma rua que alli, *ex-abrupto*, desembocava, e tivera de recuar horrorisada deante do seguinte facto:

Um individuo, amparado pela sombra e muito unido á porta principal da egreja, falava á meia voz, porem, claramente que poudesse ser ouvido:

— Nossa Senhora, hoje vim me despedir de vós. Eu de vós não quero mais nada, e pode dizer a seu filho Jesus Christo, que eu d'elle não careço mais; delle nada mais perciso, nem quero. Vim me despedir pra todo sempre.

Não quero mais peditorio seu, nem d'elle; hoje pertenço de corpo e alma ao diabo, e adeos pra nunca mais até nos campos de Joséfais no dia de Juizo.

Adeos! Padre Eterno! Adeos, Esprito Santo. Amem. Repitira isto mais duas vezes. Dirigindo-se ao cruzeiro que estava proximo, fez igual despedida; terminando, estendeu n'a rua uma toalha, n'ella depositou um crucifixo, saltou-o por tres vezes; não tivera porem, tempo, para ir mais longe com aquella comedia; pois, que, apanhado em flagrante pelos da encommendação, fugira ás carreiras, deixando no logar a toalha, o crucifixo e um ovo de pato.

Ao amanhecer seguiram-se os commentarios.

Dos encommendadores um grupo affirmava que, em uma das estações fóra da cidade, proximo á uma velha encruzilhada, ouvira como que altercações e a voz de um individuo a gritar: maioral! maioral! ja te dei o meu sangue, o meu corpo a minh'alma. Venha como home, não venha como um covaldo! Que viram e era verdade, sahir do matto uma galinha preta, choca, c'uma rodada de pinto, logo após um porco monstro, um bode a gumitar fogo pela bocca, pelos ouvidos, olhos em braza, chispando raios azues e tudo a trezandar uma catinga de enxofre, tinindo ferros que faiscavam ao longe, como em duello. Que n'um bodejar de roncos e estouros começára a lucta, mal tendo o individuo da ventura o tempo necessario para se defender. Que ninguem sabia, ao certo, quem o auctor de semelhantes diabruras. Passada que foi a semana sancta, o sachristão queixára-se de certos roubos sacrilegos na matriz por mãos mysteriosas, dando que pensar á uma população inteira que, sem descanso farejava o paradeiro do ladrão; dahi vozes murmurios, indagações curiosas, provocantes de uns e de outros em toda a palestra, em todo o canto onde cheirasse a um ajuntamento de pessôas, até que afinal, vehementes suspeitas alcançaram um culpado, que, aterrorisado, se vio na contingencia de expatriar-se para sempre da localidade.

* * *

Perguntava um dia o pescador Zé do Povo a seu companheiro:

— Mais, que diacho tem o Quincão Cornimboque, que desna muito dantes da semana santa anda sumido? Vancê não me diraes? Ninguem é capais de sabê aonde elle véve socado; e condo por acauso se vê elle, é n'uma roda viva que nem parafuzo... não me diraes, eim? seu Mané Canguixa? Vancê, que mora vizim d'elle de parede e meio?

— Seu Zé, não seio não! Não seio de todo le dizê. Aquelle home é um doido, uma cabeça tonta, um vais de velóis. Eu não vi (Deos não me chame pra testemunha, é segredo aqui pra nóis que ninguem nos ôva), apois, não foi elle que na sexta-feira da páxão, (dizem, eu não vi), foi tomá partes c'o xujo?



— Seu Mané Canguixa, que stá dizeno?

— E' o que stou le dizeno, seu Zé do Povo!

— Seu Mané Canguixa?!!...

— Entrou na taca, moreno!

— Ein?... Entrou... Deu-na retintiva de dizê qu'era...

— Ora veja!... Comeu couro sodoso! Eu vi eu c'o estes que a terna é de comê. Preto véio deu-lhe uma surra de mandá chegá. Chegou ficá monzuado. Sou vizim d'elle e seio de tudo; e aqui pra nóis que ninguem saba, tomou chicote de marombá, entrou na xaramadusca, e calado, um dia d'este — treis n'an-t'honte. Uma novena de peia! Vancê não vê elle andá mais cum'andava... na plisicopéa!

— Não! nhôr sim! Eh! tenho precebido isto mêmo... todo mufumbado!...

— De mururú... a modes que zamboado!

— Isto mêmo! Nhôrsim! e bangolano! Agora, não seio pruque?! Um moço tão apessoado, moço bonito!

— Quá! moço! Boniteza ni moço ja passô-se o tempo. Boniteza ni home é cumo habilidade ni égua.

— Apois, aquillo foi peia, cumo os diabo! No domingo de Paschoa andou de macacôa o dia inteiro. Foi nas purga e no gumitoro. Chega stá c'o corpo incalombado!...

— Ôrre! côrno! Eu não lhe progunto sem rezão. Uvi se dizê que fôro na igreja e subacaro um pedaço da pedra-d'ella, furtaro uns sanguins, cum bom mocado de cêra de santos-paschoá p'amode fazê o patuá do breve da marca c'um escrelinha do santo-lém qu'arranjou não seio aonde. E essas mestrança, ja se vê que é das induças delle. Deos tambem não me chame pru testemunha, mas, é! Seio mais, pruque nóis se demo muito.

— Inté, moço, não lhe conto, eu achei uma coisa no quintá delle, e se fô verdade que, disque que o pod'e diz, elle avôa brejo, barra fóra, cumo sem duv'da.

— E hai mais novidades?

— Se hai! Eu li conto mais logo, ou alhas, não tenho corage.

* * *

— Romão Canhôto, você que é negro velho aprecatado e morador nestes sarandys d'estas *beradas,* sabe dizer-me que tapera é uma desse lado, aquem do Remansinho?

— Seio lá, patrão! Dis'que foi de um desgraçado que n'ella morreu, cumo torrêsmo na lavarêda.

— Como torrêsmo?

— Nhorsim; e aquillo foi canella, foi polv'a no fogo; Deos me perdoe, mas porem, se é cumo diz, nóis tudo apolodimo muito.

— Applaudiram? Você tambem? Que historia curiosa! Como assim?

— Antão, Vancê não uvio se falá dum tal Quincão Cornimboque — chamado?

— Nunca! Inda mais historias de cornimboque!....

— Um! bem más! Não vê:...

— Fala serio. Nunca ouvi, nem pronunciar-se tal appelido.

— Home, apois, é coisa nunca vista; vancê, marticulado nesse concovio de gente ladina não sabê?...

— Mas, você bem vê, que por esse velho e grande mundo ha muita cousa que se ignora. O homem é sempre um ignorante; todos nós somos ignorantes; eu, você e outros. Ha segredos que só Deos!

— Ué! Inté ahi é dunga e o Canhoto escaroça.

— E então, como quer que eu saiba de tudo?

— Uai, uai, uai, uai! Quem lisou banco....

— Que banco!? Com esta desculpa vai você se escafedendo de contar a historia, eim?

— Quá! isso não tem milodença eu desna que ancê deseija sabê.

— E fico-lhe muito obrigado.

— Nam tem duv'da; não hai de que.

— O Quincão, vancê bota bem pra sumptá.



— O Cornimboque — chamado — tinha uns cobrim destrocado que herdou do finado esfallecido pai delle; e rapais do trinque, de amô inculatrado na taba do peito, eim! moço fogoso, c'a quentura do vintem, cahio logo na distrocacia e na tafularia de tudo conto não prestava, e n'um soffregante, pan! ficou nas casca e tão ruim de sorte, que o reméido que teve foi tumá partes c'o xujo Satanais, cafageste, Caifais.

— Partes c'o xujo? como, Canhoto?

— Oxente! patrão! antonce, ancê inóra da *parte?* Uai! uai uai!

— Eu?

— Uai! Ond'é c'ancê não sabe?

— Você stá doido?

— Doido? Assim subesse eu, cum-ancê sabe.

— Mas...

— Mas porem, bamos antonce ao causo. Vancê sabe e conhece bem ond'é o Alto Grande, acima de Jenuára?

— Sim! sei...

— Muito que bens! Apois alli morreu e morreu o malhó dos feiticeiro do Rio S. Francisco, cumo não é de havê outro — o TORRADO XÉROSO — chamado.

— Torrado Cheiroso? que nome!

— Ah! Torrado desgraçado, patrão! Ah! Torrado que ja deu pancas e levou gente pró buraco, que não foi conversa fiado! Coge c'arraza c'o povo d'essas beirada, se os menino não abre os óio c'o elle!

— Que fizeram?

— Quebraram-lhe a pauta n'uma quinta feira malhó, cúmas ingrizia musturado c'a jurema preta que dero a elle pra bebê enganado, e que desta deu couro ás vára. E se os menino não são mêmo inziminado, apois elle não bebia.

— Xi! E o outro da tapéra.

— Eh! Vancê incauzinou c'a Tapera!... Esse da tapera — o Cornimboque — chamado, foi na casa do Torrado Xéroso; e o Torrado, ô dispois de trancá c'oelle e tiral-o sangue delle pra siná o nome no liv'o do capeta (Cruiz); deu-lhe um ovo pra chocá, um ovo de jacaré pra chocá debáxo do subaco.

— Como é isto, Canhoto?

— Inhô? E' cumo stou le dizeno.

— Mas, chocar um ovo enorme, cascudo, de um monstro e de tal modo?

— Eh! apois é! não stá na duvida. Ahi é que stá o bão do negoço, oxente! A gente (la elle, não eu) dis'que o bota o ovo debáxo do subaco, e não tira o dito cujo ovo, sinão ô dispois de chocado tres sexta-feira de coresma. Elle choca; mas porem, o que sahe não é pinto nem jacaré. O que sahe é aquella mosca grande, que é o familiá — chamado. Antonce, bota elle dent'o d'uma garrafa preta e tampa bem tampada. Quem chega indiquiri elle, stá feito, não stá pra fazê; tem tudo quanto se diseja.

— Mas, estamos deixando o Cornimboque.

— Han! Alhas qu'é mêmo. Cumo ia dizeno: Torrado Xéroso mandou o Cornimboque se cumfessá e arranjá a hostra benta pra cadijuvá o negoço. Quê ô dispois que cumfessasse, fosse horas morta na porta da matriz e se déspedisse de tudo quanto fosse santo que huvesse, inté da Santa Cruiz, que era antonce promodes hi pras incruziada tumá a vintura c'o cão. Elle, pan! meu senhô, cahio na heba de cumfessá e fêis diritinho cumo o Torrado insinou-lhe.

Arrecebeu a hostra, correu e s'escondeu na são-cristia, puxou da gibeira uma cáxa de phosco, e pan! largou c'a bocca d'ento a hostra benta.

— Que miseravel!

— Han! Vancê vai veno! Correu pra casa e guardou a hostra. Na sexta-feira da páxão os menino que stava encommendano as arma dero c'o elle na porta da greja, se despedino dos santos tudo; acabou e fou-se despedi da Santa Cruis. E os menino stavam de espia co ôio n'elle. Estendeu, despois uma toaia no chão e pulava a image de Christo, socano a faca nos peito da imagem...

— Ah! bruto!

— Vá veno!... conde os menino dero nelle uma carreira tal, que elle não teve tempo pra mais nada, déxano tudo inté o ovo de jacaré. Escafedeu-se e tomou o camim das incruziada, aonde dis qu'appareceu o capatais que falou c'o elle



c'uma tribusana que fazia mêdo. Ninguem stava sabeno que não era elle não!... Ahi, conde sinão conde, (lingua de povo que não é brinquedo de muié fema) se descobrio-se de quem era a toaia e a image que andava, antonce, de amostra de mão em mão. El andava desconfiado, todo desmarmuriado, n'um pé e n'outro, e um visim d'elle tinha visto elle tumá peia sarado. O xujo deu-lhe subacadas véia na sexta feira da páxão, que fedeu xifre. Ah! meu senhô! todo mundo desconjurou do rapais, batia a porta na cara delle, que chega chotiá de gargaiêra, e vio-se, antonce, que não podia morá mais no povoado, mêmo pruque o pad'e vigaro da freguezia soube de tudo e escomungou elle.

Mais antes disso; no domingo de paschoa foi levá a inconvença pro Torrado Xeroso. Que me diz? A cáxa stava escorreno sangue! destampou e vio bem que o sangue era da hostra. Ahi foi tão grande o remorço que, meia noite embarcou n'uma canôa e sortou a cáxa de phosco c'a hostra no meio do canal do rio. E sumio-se pruma vêis da pavoação.

Discorrido muitos anno, alli n'aquella tapéra véia c'ancê vio, ja muito caducando amaincera o desgraçado torradim que nem torrêsmo, feio, nego e preto cumo carvão. O rancho q'era de capim e caiçara, dis'que foi o capeta que tacou fogo, pruque o tempo do contracto era chegado, d'elle se afogá no rio, ou se matá c'a pistola ou faca; mas porem, não teno corage, foi antão que o xujo deu-le uma surra damnada e tacou fogo no rancho.

— E depois?

Ô dispois, o quadavé jogou-se n'agua e lá se foi o mandraqueiro, cumbaquêro mó destas beradas mais o Torrado Xéroso.

---

## Os diamantes do Tejuco

### Roubo á corôa portugueza

Quem quizer saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão, provoque-se-lhes a endemica mania dos thesouros enterrados.

— Como é isto, Canhoto?

— Inhô? E' cumo stou le dizeno.

— Mas, chocar um ovo enorme, cascudo, de um monstro e de tal modo?

— Eh! apois é! não stá na duvida. Ahi é que stá o bão do negoço, oxente! A gente (la elle, não eu) dis'que o bota o ovo debáxo do subaco, e não tira o dito cujo ovo, sinão ô dispois de chocado tres sexta-feira de coresma. Elle choca; mas porem, o que sahe não é pinto nem jacaré. O que sahe é aquella mosca grande, que é o familiá — chamado. Antonce, bota elle dent'o d'uma garrafa preta e tampa bem tampada. Quem chega indiquiri elle, stá feito, não stá pra fazê; tem tudo quanto se diseja.

— Mas, estamos deixando o Cornimboque.

— Han! Alhas qu'é mêmo. Cumo ia dizeno: Torrado Xéroso mandou o Cornimboque se cumfessá e arranjá a hostra benta pra cadijuvá o negoço. Quê ô dispois que cumfessasse, fosse horas morta na porta da matriz e se déspedisse de tudo quanto fosse santo que huvesse, inté da Santa Cruiz, que era antonce promodes hi pras incruziada tumá a vintura c'o cão. Elle, pan! meu senhô, cahio na heba de cumfessá e fêis diritinho cumo o Torrado insinou-lhe.

Arrecebeu a hostra, correu e s'escondeu na são-cristia, puxou da gibeira uma cáxa de phosco, e pan! largou c'a bocca d'ento a hostra benta.

— Que miseravel!

— Han! Vancê vai veno! Correu pra casa e guardou a hostra. Na sexta-feira da páxão os menino que stava encommendano as arma dero c'o elle na porta da greja, se despedino dos santos tudo; acabou e fou-se despedi da Santa Cruis. E os menino stavam de espia co ôio n'elle. Estendeu, despois uma toaia no chão e pulava a image de Christo, socano a faca nos peito da imagem...

— Ah! bruto!

— Vá veno!... conde os menino dero nelle uma carreira tal, que elle não teve tempo pra mais nada, déxano tudo inté o ovo de jacaré. Escafedeu-se e tomou o camim das incruziada, aonde dis qu'appareceu o capatais que falou c'o elle



c'uma tribusana que fazia mêdo. Ninguem stava sabeno que não era elle não!... Ahi, conde sinão conde, (lingua de povo que não é brinquedo de muié fema) se descobrio-se de quem era a toaia e a image que andava, antonce, de amostra de mão em mão. El andava desconfiado, todo desmarmuriado, n'um pé e n'outro, e um visim d'elle tinha visto elle tumá peia sarado. O xujo deu-lhe subacadas véia na sexta feira da páxão, que fedeu xifre. Ah! meu senhô! todo mundo desconjurou do rapais, batia a porta na cara delle, que chega chotiá de gargaiêra, e vio-se, antonce, que não podia morá mais no povoado, mêmo pruque o pad'e vigaro da freguezia soube de tudo e escomungou elle.

Mais antes disso; no domingo de paschoa foi levá a inconvença pro Torrado Xeroso. Que me diz? A cáxa stava escorreno sangue! destampou e vio bem que o sangue era da hostra. Ahi foi tão grande o remorço que, meia noite embarcou n'uma canôa e sortou a cáxa de phosco c'a hostra no meido canal do rio. E sumio-se pruma vêis da pavoação.

Discorrido muitos anno, alli n'aquella tapéra véia c'ancê vio, ja muito caducando amaincera o desgraçado torradim que nem torrêsmo, feio, nego e preto cumo carvão. O rancho q'era de capim e caiçara, dis'que foi o capeta que tacou fogo, pruque o tempo do contracto era chegado, d'elle se afogá no rio, ou se matá c'a pistola ou faca; mas porem, não teno corage, foi antão que o xujo deu-le uma surra damnada e tacou fogo no rancho.

— E depois?

O dispois, o quadave jogou-se n'agua e lá se foi o mandraqueiro, cumbaquêro mó destas beradas mais o Torrado Xéroso.

---

## Os diamantes do Tejuco

### Roubo á corôa portugueza

Quem quizer saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão, provoque-se-lhes a endemica mania dos thesouros enterrados.

— La conto a isso, não hai ypotes.

— Ah! apois assim é o mais. De tudo hai no mundo. Os senhores cunhece a serra da Caveira?

— Se nóis conhece!?...

— Apois aposto que, se algum dia quarqué dos Senhores alli chegá, é de sahi de lá ás carreira pramode as livosia que la apparece. Eu que lhes conte, in bens cumo a todos que me ouve. A quarqué hora do dia ou da noite, (e da noite antão)! *fum!* não hai christão c'arregeste as pantaforma e bizoronha. A gente vê cachorro co gado, suças e tambôs, baruios, pareceno qu'ahi vem muita gente no mei' da pauzoeira do Catingão serrado, conde la nam tem gente nenhuma, e é um diserto que so mora onça. E' que alli ja foi uma grande pavoação. Muitos vestige se vê de antigas tapera den d'esses carrasco e catandubas leraba, in desna da serra da Caveira inté, cordão acima, ás matta do Rio Verde Grande que vem das banda do Tijuco, das Frumiga e terras de Grã Magô; apois neste mundão tudo de um Deos inzeste muitos cabedá enterrado de prata, ouro e diamante.

— Prata, ouro e diamante!?

— E' cumo stou lhes dizeno: prata, ouro, diamante e muito das Minas dos Quatroeguaes, chamado, que se descobriro no tempo do Borba Gata, do Mest'é de Campo Jenuaro Cardoso, do Vianna, dos imboaba e dos polistra. Estas Minas arrastaro o povaião da Bahia, que encheu de premenentes o sertão da marotada que veio a brigá, ô dispois, n'uma guerra que virou de muito sangue. Os antigo me falaro nisso muitas vêis. Os senhores pode duvidá; mas porem, nessas matta do Rio Verde de ri'abaxo, das cabiceira inté o pé da serra da Caveira, morava muitas quadria de ladrão que atacava dia e noite os forastêro. Nesse tempo com a fama de ouro qu'era muito, abrio-se um'estrada que partia da Bahia pra Cachoeira — 12 legua. Era o premêro pouso. O segundo, da cachoeira no Juão Amaro — 25 legua; do Juão Amaro nas Tranquêra — 43 legua; das Tranquêra á dereita inté aqui na berada do Rio das Véia — 54 legua, e dalli inté ás Mina — 51 legua. Mió conte Deos, 237 no todo do bolo. Apois bem, n'esse camim matou-se muita gente pra



robá. Era um perigo. Dis'que que Mest'e de Campo mêmo foi um dos taes que matou muita gente. Os Murrim era cercado de muraia, e pra se possá den' do arraiá... *um fum! uai!* tinha seus premove; era com muito prixume com licencia delle e' ja se sabia; conde se desconfiava que o freguêis levava... eim? era recommendado logo pra passá bem passado. Infeliz desse dito cujo! Não comia mais feijão, nem farinha, não nascia mais capim. Era so botá o coração ao longe e entregá a rapadura. Mas, porem, ô dispois da guerra do Vianna, se descobriro as lavra do diamante do Tijuco.

Diamante cumo quê, cumo bagaço, pru riba do tempo stava bestano! Ora, não fartou quem nelle não avançasse, inté o Rêis de Portugal. Esse tambem virou guirimpêro e imporibio se vendê o diamante grosso.

Todo los outro guirimpêro so podia nigociá pedra fina e miuda que as grossa, as pedra bôa... elle vapo! Era da crîa e se hia entregá no depósto, que ja stava tão cheio, que o encarregado tinha pedido ao Rêis que mandasse buscá o thesourão que havia.

O Rêis custou muito, mas porem, nam mancou. Espaiou-se a notiça da tropa qu' é vinha do Ri' de Janeiro pro Tijuco, que conde dentre dos das quadrias do Rio Verde uma entendeu, antonce, que aquillo era um desafôro muito grande, e de causo pensado combinou robá o thesouro do Rêis, antes da chegada da tropa, e correu pro Tijuco.

De modos que, meus senhores, tropa bateo cumo quebrado; mas porem, diamante de minh'alma! Nem caroço pra cherá. Depósto limpo, espuro da noite pro dia! Ist'é que foi gente na cadeia! Casas varejada, sacco de mantimento despejado, corxão, bahús, gavêtas, balaios, caxão, barrica, surrão, guardados, sotes, quintal, ni tudo se deo-se busca. As estrada fôro guardada; premessas e plemo a quem descobrisse, penas a quem subesse e não contasse, forca pros ladrão que robaro. Houve muitas injusta, muita mentira, muitos impute, muitos farços testemunho, muita vêiacaria, muita prisão, muito vexame e diamante virou tirira na mudança.

In conto isso, os menino stava furano as Matta do Rio Verde e o povo, a gente do Rêis tão sarapantado c'o es-

tumipigio do roubo, que disto nem de leve se alembrou, nem nunca ninguem sonhou. Rôbo bem feito!

— Rôbo bem feito, tio Querino? Rôbo?

— Sê besta, home! Bem feito! Você sabe lá conto sangue de brasileiro aquillo tinha custado? Ai quem me déra qu'eu fosse um d'aquella abençoada quadria! Tanta felicidade não n'havera de chegá pra pob'e de Querino. Eu farias indas pra mió!

Trondo de Rêis n'havera de vê, cumo não viu.

— Que faria, tio Querino?

— Lem do thesouro eu mandava um mocado de sordado pra cidade de pé junto e o Rêis que se contentasse c'o orão, c'as arrobas de ouro que de cá foi pra Portugal pru buxo delle e da gente delle, que mettero tudo na vórta da pá e acharo pouco e inda queria mais; in tamos que pru caso disso houve um baruião nas Minas e elle mandou matá, inforcá, esquartejá e desterrá muita gente brasileiro.

— E o thesouro?

— Ora o thesouro! Thesouro stá hi mêmo. Este nunca sahio do Ri' Verde. Inventaro qu'elle stava aqui, stava acolá. Adio! Mentira! Vocês conhece um bananal brabo ao pé da serra da Caveira?

— Pois não! nois cunhece.

— Ah! quiqui! E' aonde stá elle. Stá difirço de hoje se achá elle, pruque o segredo era grande e os que delle sabia ja morrero.

Eu seio, pruque os véios, meus parente me contaro.

Os meninos fizero o rôbo com chaves farça e viero c'o elle e la enterraro. Pra não se desconfiá, no causo d'arguma tropa que desse ou farcidade das incolumenças do Rêis, prantaro, antonce, os menino aquelle bananal in ribas, que hoje stá tão vastro, que ninguem dá venção e não se sabe mais do logá certo, de que ladro fica, inté dias qu'é hoje.



## A Filha do General Emboaba

— Queira V. Exa. desculpar a indiscrição — saber da verdade do seu parentesco com esse celebre Manoel Nunces Vianna, que, segundo rezam as chronicas sertanejas, fora o primeiro dictador da America do Sul.

— Felizmente, nenhum parentesco.

— Mas, diz V. Exa. — *felizmente...*

— Sim explicar-me-ei mais logo. Diziam meus avós e outros povos antigos que era um homem muito rico e muito poderoso, fidalgo e senhor de muitas fazendas de gado e de uma escravatura tão numerosa que não conhecia os nomes dos que compunham-na, sendo necessario e de uso um grosso livro para a chamada diaria. Morava, ha cinco leguas d'aqui em um palacio, cujas ruinas ficam no fundo de uma propriedade nossa e que, cerca de uns cincoenta e tantos annos, quasi sessenta, existia ainda em soffrivel estado. Bem creança, quando a conheci. O senhor chega já muito tarde; já nada mais resta sinão alguns entulhos de alicerces, vestigios bem visiveis desse passado. Porem, se algum dia por la for, como covém, admirar-se-á e com certeza melhor ajuizará do que outr'ora fôra o Vianna. Hoje já não tenho memoria bastante para referir-me a tudo o que ouvi a seu respeito. Era um portuguez muito pobre e moço quando viera, como tantos outros, para o Brasil tentar fortuna. Com umas carguinhas de fazendas, vendendo aqui e acolá pelo sertão, começara a vida de mascate; por influencias de amigos, estando já um pouco desenvolvido, alcançou do Rei de Portugal a patente de Capitão e Comandante das guerras do gentio, desde o Rio Grande, hoje cidade da Barra, até o Rio das Velhas; pelo que, conhecido e muito relacionado na capitania de Pernambuco, que n'aquella épocha de 1700 a 1703 prosperava e até aqui se estendia, estabelecera-se com familia no sitio de que falamos.

— Ah! então era casado?

— Sim, senhor! Appareceram por este tempo as famosas descobertas do ouro em MINAS GERAES e della soube tirar o maior proveito como activo e deligente negociante,

enriquecendo-se com as boiadas que levava de suas fazendas e das que comprava para vender por bons preços nas Minas. As descobertas trouxeram multidões de aventureiros de todas as partes do norte do Brasil e até do estrangeiro; uns subindo o rio, outros atravessando e abrindo estradas pelo sertão, vindo sahir em Morrinhos e dalli pela margem direita até ás Minas.

Vianna, intelligente e emprehendedor, collocára-se á margem do caminho do ouro, e com habilidade dirigira seus negocios, chegando mesmo a transportar-se para a séde temporariamente. O sitio que era delle e que hoje nos pertence, dizem que tomára a uns pobres coitados, que abandonados e na miseria, retiraram-se para aquellas lavras.

Magnifico para a criação qual se vê até hoje, n'aquelle tempo estava transformado em excellentes envernadas; e pela posição e riqueza do proprietario, tornára-se ponto obrigado de todos os forasteiros pelo bom acolhimento que encontravam, e bem assim de mercadores, boiadeiros, negociantes de escravos, ambulancias de toda a especie. Vianna voava nas azas da fortuna, adquirindo arrobas de ouro, além dos que colhia em uma abundante lavra que descobrira aqui mesmo neste districto de Japoré, onde o ouro era carregado em bateias e tachos pelos escravos.

Parecia um sonho tanta abastança, quando, como sempre acontece em minerações, sem esperar-se uma lucta terrivel, uma guerra, rebentára entre paulistas, descobridores das lavras e forasteiros, appellidados — pintos calçudos — ou emboabas, formando dois partidos formidaveis. Vianna, de uma influencia extraordinaria, tomára o partido dos forasteiros que era em maior numero.

Travada a lucta e derramado muito sangue, foram os paulistas derrotados; e elle — general dos emboabas — acclamado governador, sagrado com tedeums e missa cantada.

Para desaffronta dos paulistas accodira o Governador d'aquella capitania; deu-lhe uma carreira de mestre o Vianna até S. Paulo, onde, chegando o corredor, ja encontrára nomeado um outro em seu logar; e foi esse, então, que conseguira a paz, recolhendo-se Vianna ao seu sitio juntamente



com outros cabeças da revolução, muitos dos quaes vieram estabelecer-se no Brejo do Amparo do Salgado, tomando outros o caminho de Goyaz.

A guerra acabou com o exodo extraordinario para as Minas, apparando de vez as azas do nosso heroe que, por este motivo, fôra denunciado ao Rei de Portugal com todos os horrores da terra.

Por positivos que constantemente mandava á Bahia e cartas que lhes escreviam de varias partes até de Lisbôa, soubera aqui do que tramavam seus inimigos com especialidade o ex-governador de S. Paulo.

Desconfiado e triste andava de sua sorte.

Na verdade eram reaes as denuncias.

O Rei de Portugal andava aborrecido com elle; amigos particulares avisavam-no a conveniencia de apresentar-se quanto antes em Lisbôa.

— E foi?

— Se foi!? Que geito! Ameaçado constantemente de boatos aterradores, vio confirmado os seus desalentos, preso aqui e remettido sem tardança para Portugal.

Além desses motivos, um outro nos ultimos dias quasi, o desnorteavam muito — um horroroso crime!

— Um horroroso crime!...

— E bem horroroso! Vianna antes de ser preso assassinára uma sua filha.

— Oh!? E a historia nada fala...

— Aquillo fôra um despota, um orgulhoso, um barbaro. Qual historia?! Tenho setenta e cinco annos; e, apezar de dois seculos deste funesto acontecimento, a tradicção é e será a mesma.

Era eu bem creança, quando vi ainda o sangue dessa infeliz menina ennodoando uma das paredes da sala do palacio, como se um protesto vivo, porquanto, fora derramado innocentemente.

— E' admiravel! E se não fosse abusar da preciosa paciencia de V. Exa...

— Entendo. Desejava saber como isto se dera.

— Perfeitamente.

— Não ha enredos complicados, e portanto, simples. Fora n'um dia de anno bom. Segundo o nosso antigo uso, reinava na fazenda uma extrema alegria, não só entre escravos, como entre familias de numerosos aggregados em visitas mutuas, pedindo festas das boas entradas do anno, atando fitas e trancelins de ouro, quem os possuia, aos pulsos de quem recebia o pedido, innocente brinquedo ou passatempo que ninguem recusava, sob pena de passar por indigno da boa sociedade, ou por muito grosseiro.

Nessas occasiões affluiam ao palacio um numeroso povo das visinhanças na mais intima expansão.

Não raras vezes, nos dias da prosperidade n'aquelle lar, sumptuosos jantares eram dados aos amigos e visitantes que alli permaneciam dias e dias, dansando, folgando e se retiravam depois saudosos, carregados de presentes desses festins annuaes, captivos, sobremaneira, da formosissima Maricota, filha do nobre general, jovem de seus deseseis annos.

Por suas prendas e bem formado coração conquistara sympathias geraes, sendo o arrimo de muitas familias pobres, o idolo dos escravos pela sua ternura e o enlevo da carinhosa mãe.

Decahido seu pai do primitivo explendor pelos motivos expostos, nem por isto mostrava-se menos solicita e caridosa para com todos os que alli chegavam, procurando um refugio, um allivio, uma consolação qualquer. Sempre a mesma bondade e as mesmas alegrias, embora um veo de tristeza pairasse sobre o destino da familia.

Corriam assim as cousas; Vianna cada vez mais apprehensivo, especialmente pelas noticias chegadas de fresco da Metropole pelo ultimo positivo á Bahia, de vespera se dirigira ao arraial de Mathias Cardoso a conferenciar com um de seus amigos, o Marechal de Campo dos Indios — Januario Cardoso de Almeida Brandão.

Bem diverso o fervor dos passados dias.

Não obstante, ao solar da Catinga acodiam os canticos dos populares e da negragalhada em doce borborinho do anno bom.



Maricota, n'uma roda viva a todos recebia, destribuindo esmolas, recebendo presentes, agradecendo, sorrindo, palestrando.

Ligeira inquietação causava na festa a demora de Vianna, a todos os momentos lembrado, e que não tardaria a chegar.

Entre os que pediam festas, apparecera um moço, filho de um dos aggregados que, muito pobre, não possuindo o tradiccional tracellim de ouro e despresando fitas, lembrára-se de presentear á sinhasinha Maricota com um engraçado e pequeno cesto de fibras de palmeiras, artisticamente preparado e cheio de frescas e perfumadas flôres.

Emprazeirada recebera a moça aquelle presente, e agradecendo, accrescentára estas palavras com a garridice e singelleza propria de seus quinze annos:

— Hoje mesmo pagarei tuas festas, Mauricio! Fico satisfeita e feliz.

Mauricio despedira-se, rachando-se de contente.

Maricota chamou uma das escravas.

— Toma, Lina, este cestinho, da-o a mamãe; prepara uma bandeja de doces do que de melhor houver e leve a Mauricio.

— Sim, senhora, Yaiasinha!

Eram duas horas da tarde. Morno silencio!

O borborinho das primeiras horas ha muito cessára.

Na entrada do immenso pateo uma escrava, conduzindo riquissima bandeja de doces, esbarrára deante de Vianna que chegava.

— Onde vaes e que levas n'esta bandeja, rapariga?

O tom secco, alterado e imperioso em que foram pronunciadas estas palavras, gelou de terror a misera escrava, que respondeu tremendo:

— Vou aqui, Yôiô, levar esses doces que sinhasinha mandou.

— Mandou a quem?

— A sinhô Mauricio, Yôiô! Festas de anno bom que lhe foi pedida.

— Festas de anno bom!... ah! sim; festas de anno bom!... Já! Pra traz! trovejou elle.

A escrava obedeceu.

Vianna, livido de colera pela suspeita, quasi correndo, entrara em casa, onde, rapidos instantes depois, ouvia-se um clamor lastimavel de prantos e uma sena de sangue.

O monstro, sem reflectir, penetra na sala, encontra a filha arrumando os moveis, e sem mais, puxa da espada e investe-a, golpeando-lhe brutalmente o rosto, dando pancadas e vociferando como um pocesso.

Aos gritos de Maricota acodem sua mãe e varias pessoas que conversam pelo interior:

— Que é isto Sr. Vianna?! Attenda-nos Sr. Vianna!...

Elle, cego de ira, continuava desatinado. Por fim, acalmou-se um pouco, detido por muitos braços e muitas supplicas.

Nesse interim, Maricota, banhada em sangue, vê no espelho da sala a deformidade de seu rosto pelo golpe recebido. Impetuoso corre o pranto e ella cheia de justa indignação, heroicamente volve ao pai:

— Estou ferida, estou innocente. Podia espancar-me quanto quizesse; mas, devia tambem matar-me, meu pae, antes de golpear-me o rosto.

Apagada de subito a luz da razão, dando um bote de fera, sem que se esperasse, Vianna atravessa com a espada o coração de Maricota, arremessa-a contra a parede que se tinge de sangue.

— Desgraçada, conheça que sou teu pai e que sou Vianna!

E, com a espada ainda gottejante, desappareceu, correndo estrada fóra em rumo de Mathias Cardoso.

No dia seguinte o corpo da inditosa, por ordem de sua mãe, desceu ao tumulo, aberto no sanctuario do palacio.

Dizem que nunca se vira nestas paragens sertanejas um enterro igual ao desta martyr, cuja morte, muito lastimada, ninguem mais esqueceu.

— E ficou impune esse hediondo crime?

— Como sempre ficam na maior parte os crimes de todos os potentados da terra. Por algum tempo aquillo considerou-se lavagem de honra; mas, apurou-se o contrario: um



ascesso de suspeitas infundadas e nada mais. A menina morreu innocente, como dissera momentos antes.

— E Vianna?

— Aqui fora preso; e, entregando a direcção de sua casa a seu genro Manuel dos Santos, seguiu para Lisbôa, onde se apresentára muito apadrinhado por diversos frades e fidalgos ao Rei de Portugal; e mais apadrinhado ainda pelos riquissimos presentes de ouro que levára, mimoseando a Rainha com um annanaz, uma almofada com bilros e rendas ao uso do sertão, uma pata e douze patinhos.

E tudo isto de ouro e tamanho natural.

Magestade fingira uma justiça que estava longe, mandando recolher Vianna á prisão pelos crimes da guerra dos emboabas; porem, a intervenção da Rainha pozera-o immediatamente em liberdade. Por este preço e outros comprara a liberdade, e igualmente o perdão d'este ultimo crime de que tambem fora accusado.

De Portugal retirára-se novamente para o Brasil, carregado de honrarias.

E' bem certo o ditado — lobo não come lobo. Ella foi quem perdeu a vida; e elle, — alcaide-mór de Maragogype na Bahia, Mestre de Campo com habito de Christo, fidalgo da casa real.

* * *

Na primavera de 1907 visitavamos pela primeira vez na fazenda da Catinga em S. Caetano do Japoré, as ruinas da antiga e afamada morada do Vianna, no meio de espesso e feio matagal, onde as tradicções reviviam apenas, nos grossos blocos de pedras denegridas e desaggregadas de largos alicerces; no logar do antigo sanctuario, o ladrilho frescamente revolvido pelos cavadores de dinheiro, mostrando-nos sacrilegamente aberto um tumulo e neste as venerandas cinzas da infeliz Maricota, envoltas em grossa camada de caliça.

Quasi duzentos annos decorridos!

## Seu Thomé

— Não seio! Stá o diabo hoje! Gente gimbá c'uma canôona d'esta, duas legua rio abáxo, pra enchê de mandioca, e aindas pru ribas, arrastá varas outras duas rios a riba sem cumpanheiro... ist'é um cravo dos inferno. Que é que stô coge pra não hi; murmurava um barqueiro a bocejar, mãos cruzadas á cabeça e a medir estupidamente com a vista a largura do rio, e mais que tudo, cheio de tedio para o trabalho.

— Ora p'a carruage stá se veno logo quem vem dentro; respondeu outro barqueiro, acommodando-se ao piloto da canôa que leval-os-ia muito longe d'ali. Esses moços d'agora, continuou elle, logo que vão cahinno p'la cidade, já não regula; se você qu'é vê o que é gente de mandá e tomá, bole alli c'o seu Thomé, coxixa c'o elle?

Não ostia elle stá assim meio usado; isto no tempo de moço, nunca deu a farinha por mêno.

— Inté hoje! respondeu o velhote do Thomé com orgulho, saboreando n'essa hora um raio de sol matutino á beira d'agua.

— Ôia, não stou dizeno? Ist'é ferro vivo, ferro véio, um risco. No tempo d'elle foi a premêra vara de barca que pizou na carreira do rio de S. Francisco, um barquérão de fiança, um próeiro que fazia as mulata chorá.

— Inté hoje rapaziada! Não me tróco pru quarqué moço d'agora. Stão enganado! E se querem vê pra quanto presta o Thomé, m'espromenta! Que que querem vocês do Thomé?

— E' pra nóis hi aqui na vasante arrancá ûa mandioca, seu Thomé!

— Ora, e é só isso e vocês ainda stão ahi bosinano atôa?

— Pra vancê vê, seu Thomé! A marvada da preguiça...

— Cadê o remo?

— Aqui tem um.

— Dá cá! Embarca! embarca! Bamo nos embora. A' canôa é essa?

— E' sim senhô!

— Forte fartura! Ora s'ist'é canôa!? Iss'inté qu'é escalé; nunca foi canôa. Quiz mandioca qu'isso trais?



— Isso mêmo, seu Thomé! E' cumo vancê diz e diz bem; quis mandioca é qu'isso trais? Um côxo desse não se pôde chamá: — canôa —.

— Fum! mêmo; apois stá se veno.

Emquanto isto, destrancada a canôa que era bôa, larga e bem comprida, presa ao cavallo de páo, pregado com argolla, corrente e cadeado, foi ella varando a immensidade das aguas. Thomé, manejando o remo, quebrou a vaga, dobrando-a ao afinado garganteio do barqueiro, que, troçando-o habilmente, ajudava assim ao seu companheiro, agora velhaco e muito cachorro, curtindo arrobas de preguiça, deitado e bem espichado, intromettendo-se como seguida n'esta selvagem cantiga:

— Não foi, Catita, m'ea nêg'a?
— Que é, pai Bastião?
— Que que tem pra me dá?
— Osso de corrê.
— Conta vêis foi batido?
— Tres vêis só!
— Brabo, mea nêg'a!
Ja seio que tu é constante!
Ai! berabo! quidibedabo! brabo!
Uai! la lai! la lá! diô, la lá... êh!...

E um vozeirão desafinado, rouquenho e tremulo do Thomé:

Dandarô diô! diô! diá! diê!

— Errrr...re! diabo! exclamou Thomé enthusiasmado; e em cima da buxa queimou:

Morena bonita
Tem saia de chita,
Tem laço de fita
No seu babadão.
Se ama, stá frito
Stá dent'o do peito
Quem entra cum geito
No seu coração.

Coitadinho pra quem morre
Que paraizo não hai;
Pois quem fica, come e bebe
E a páxão logo se vae.

Já taquei fogo no temp'o,
Ond'eu fazia aração,
D'errepente acabou tudo,
Virou pó, cinza e carvão.

Cahi do sobrado abáxo
Fiquei todo mulestrado;
Tomei purgas e sangria,
Vejo o que tenho passado.

E Pad'e, Fio, Esprit'em Santo
Na hora de Deos — amem;
Pra livrá d'argum quebrante
E tambem d'argum *porem!*

Cantiga:

« Panhou, Thereza, panhou!
« Panhou cum chicote ensebado.
« Se eu fosse muié d'aquellas...
« Me daria pru injuriado
« Panhou, Thereza, panhou!
Dêrêrê diô, diê, ô lá lá, lá lai!

E a cantiga, casando-se com ás harmonias da onda revolta, voava em saudosos écos até ás praias solitarias do magestoso rio.

— Gentes, seu Coroné stá hoje que não cabe nos possive!

— Oxente! Stá bom!... Isto, no rojão, pisano assim nos panno e subino os barranco, é um distadista! Eim, mano! que diz?



— Um diputado espadoá!

— Uai! xem!... xem!... a antonce? No degagê!...

— Qual! os menino! Toda vida foi e inda vocês não viro nada! disse Thomé!

Seriam seguramente nove horas da manhã, quando chegaram ao logar do destino: — bellissima corôa de areia branca, muito lavada e alta.

Nella, como em lindo painel, verdejavam de modo deslumbrante varios plantios de mandioca, batatas, aboboras, melão, feijoaes, algodoeiros e mamonaes. Sem perda de tempo os nossos homens metteram mãos á obra, que, por proposta de Thomé, se destribuira regularmente entre os tres; isto é, um arrancaria o mandiocal, outro separaria os tuberas, e Thomé, afinal, conduziria em balaios para a canôa a carga prompta. E assim executou-se. Pouco antes, porem, de terminar esse trabalho, o preguiçoso, abrindo muito a bocca, parado, esfregando as mãos e olhando para o sol a inclinar-se para a tarde, mal humorado, resmungava que estava quasi morto de fome, que passava de hora de almoço, que não se aguentava mais nem estar de pé. Embalde ponderava o piloto que o serviço estava quasi terminado, ser melhor mais um esforço e paciencia. Almoçar-se-ia depois, em descanso e com um excellente apetite. Nada de razões! Não servio o conselho e o homem deu pra ruim.

— Stá bom! não quero duv'da; bamos a elle, mêmo porque este véio, nosso cumpanheiro, tem trabaiado hoje bastante, e é perciso que elle coma arguma coisa.

— Cumo? indagou o barqueiro. Comê quê? Adio! isso nunca e condo? Cê stá dôido? Se o que hai mal chega pra nóis dois, que fará pra sobrá pró Thomé! Elle qu'é é sella cum cangaia funda. Mocô que' é besta?!

— Mais, isto assim não pode sê.

— Ora se pode! Eu l'amostro. Seio de mim que vou já, mais, é comê, qu'eu não sou gaita nem berimbáo. E correu ao sacco de fritadas.

O piloto que conhecia quanto o typo era perito e escovado no prato, arrastou-se tambem para o sacco, afundou a mão na massa, cospio grosso para um lado e antes de

atirar á bocca o primeiro bocado, gritou com força ao Thomé que longe despejava uma balaiada.

— Uê, seu Thomé! venha comê!

O guloso não gostou da caçoada, devorando ligeiramente a refeição a grandes bocados; logo que Thomé foi-se approximando, o embusteiro em voz alta, quasi a engasgar com bochechas avolumadas, berrou:

— Non sei praque a gente véve no mundo, que não se conhece as coisa! Ora, apois quem non sabe, já morreu! Apois stá se vêno que seu Thomé afamado, no tempo d'elle, era home tão estordenaro de forte, que treis dias a fio, sem comê, pra elle n'era maravia. Ja o pai delle, segundo se conta, da idade delle ou intão p'ra malhó, era o que todo mundo se confirma e diz: home de pabulage: ispramentes quando putrecava assim a palava.

— E' a pura verdade, sustentou Thomé, alli chegando e vendo com magua que todo o manjar estava liquidado. Fez que não vio aquillo e continuou: Até hoje é o mesmo. E se meu pae er'assim, o seu fio diz: arreda!

— Ah! Não stou dizeno? E' de raça. Apois um home d'esses é argum panquéla, argum caco de torrá disgracia? Pena peccante é se andá c'o essas bobage. Quem inora disso é pruque qué negá; apois se desne Pracatú inté no Sargado, do Sargado inté Sant'Antonio da Barra, Pilão Arcado, Santo Sé, Patrolina, Juazêro, inté dent'o da capitá da Bahia, a fama deste home ficou imortora! Todo mundo cunhece este home, sinhô! ispramentes os premêros home destes logá, e acho inté que tem parente ni cada um, pruque é d'uma infuluença bruta.

— Seno assim, stá se veno; ja dixe, qu' isto nos panno e subino os barranco no rojão do passo, é os buráco, um distadista!

— Eh! apois é!

— Infuluença, não digo; é pruque cunheço muito estes logá, cumo as palma de m'eas mão; e vocês qu'é vê? Mió conte Deos:

— Negoço — do Juazêro.
— Nobreza — de Santo Sé.



— Riqueza — de Pilão Arcado.
— Usura — do Chique-Chique.
— Pabulage — da Barra.
— Prego — d'Urubú.
— Fome — da Carinhanha.
— Fartura — do Sargado.
— Preguiça — do S. Romão.
— Cachaça — do Pracatú.

— Antão, seu piloto? Que não sou individe que anda com geremathia; não baculo a ninguem; nunca baculei. Cond'eu digo uma coisa, pod's'iscrevê.

— Eh! ai! ai! dis'que Seguro morreu de véio; Prevenido manga no tempo.

— Brabo, rapais! gosto de vê um hom'assim. Pod'havê, não digo que não; mas porem, ainda stá pru nascê, qu'eu saba, um segundo Thomé; apois o que você sabe, não é cuma o que você agora conhece e vê. Inté hoje digo e arrepito: sou o mêmo Thomé, e digo isto sem lijonja.

— Mas, porem, devia xambecá um tequim de passoca, observou o piloto, quasi a rir.

— Não sinhôu! Condo digo, digo mêmo. Nada quero! terminou o Thomé, continuando a trabalhar.

— Stá bom, Senhoro meu!

Su'arma,
Sua parma,
Sua pindoba!

Vancê é que sabe... se seu badoque bota longe.

Tali pai,
Tali fio.
Quem te vio,
Quem te pario.

Biatos ventos que te portais! — terminou, engolindo o ultimo bocado.

Duas horas, depois, arribavam-se de volta. Agora dois vareiros arrastavam penivelmente rio acima, escorando aos barrancos, pezadissima canôa grande, atarracada de muitas cargas de mandioca.

Em uma erma ribanceira, luctando com as iras da correnteza, soava este gracejo:

Êta, diabo!
E' a fumaça, nos ares
penérano!
E' a violla, no peito
jalicano!

E os éccos repitiam: cano!... levando as ultimas syllabas, rollando, quaes se ondulladas pela superficie das aguas buliçosas.

Era Thomé. Risadas de gosto pareciam suavisar o itinerario. Bom humor! ora cantarollava-se, ora contavam-se historietas barbaras de barqueiras epochas, com as respectivas façanhas e contratempos; mas, em breve, tripa vazia veio avisar a Thomé que deixasse de graças, que este mundo não era uma vã illusão. Seu companheiro déra somno e pretextando *enxaquetas,* rasgou um elogio ao primeiro barqueirão do rio de S. Francisco e estendeu-se a dormir no monte de mandiocas. Thomé mordeu o bicco, mas não torceu; tambem não cantou, nem pilheriou mais.

O caso tornou-se sisudo, sisisudissimo!

Teve, portanto, que cumprir o fado e grozar fome e cansaço por duas enormes leguas, sosinho, mais morto do que vivo.

Vontade havia de fazer uma carêta feia; mas, o olhar vigilante, intelligente e mordaz do piloto, pouco parlador, desistia-o da empreza.

— Êta diabo! Stá hoje um calô, cumo calma quente! disse elle amuado.

— Stá mêmo! resmungou o piloto, atirando uma cusparada grossa fora a um lado.



A' tardinha chegavam ao porto, onde atacou-se a descarga para a officina de farinha e o Thomé suspendeu balaio até o fim, até á ceia, ás oito horas da noite.

O dono da officina com o seu pessoal de serventia começou a destribuir, á essa hora, prato a prato, um a um, todo o repasto pelos trabalhadores, accressentando:

— Gentes, vancês, não arrupára não! E' uma lambugesinha, feita de carreira, pois a labuta tem sido forte, que ninguem dá venção hoje indas. Quem não comeu, venha debicá de preferença os moço que fôro buscá a mandioca na I'a, apois pru certo tem muita nicicidade, apois levaro pouca comida.

— Meno um de nóis, resmulungou o preguiçoso, recebendo o prato.

— Quem é esse? Stá doente? indagou o farinhador.

— Quem é de sêr mais sinão seu Felyppe?

— Quis Felyppe?

— Ah! sim! seu Thomé! Já stô errano.

— Apois, elle foi tambem?

— Ué! tamém! E trabaiou muito e nóis que lhe conte o causo succedido e a todos qu'aqui stão.

— Que hai antonce?

— Que hai?!... E' que home, estordenáro cumo este, não hai n'esta terra, nem piza dois n'este mundo. Trabaiou desna de ménhã, dia inteiro, bateo vara de la pra cá, e indas não vio cruis de sali inté estas horas. Home forte cuma este stô pra vê.

— Quãmo? Seu Thomé ainda não comeu hoje? Pru via de que?

— Pru nada! acodira Thomé, entrando na officina com o ultimo balaio a despejar.

— Pruque não chegou a comida, ou...

— Porque não percizei. Condo trabaio, não como.

— Não stô dizeno? Não hai um moço destes dagora pra guentá, nem castioná c'o este home. So se fô hoje: mais no tempo que eu e toda gente conheceu este home, seu Thomé deo pancas e fêis inveja a muito cabra bom. Ferrava assim no bode, no duro, e esta bocca não asuletrava dico-

Este episodio despertara os trabalhadores e não tardára cahir sobre Thomé um desabrido comentario, obrigando-o a fugir d'alli sem perda de tempo.

Hum! murmurava o piloto, eu bem dixe a elle: *seguro* morreu de véio; mais *prevenido* manga no tempo. Cumo cô, qu'eu stava duvinhando!

---

## O Thesouro

Na cidade B", ao dobrar-se a esquina da antiga rua do L". via-se out'rora banhado pela luz do sol poente, um casarão ataperado que, em remotos tempos, pela sua propria disposição fôra residencia favorita dessas creaturas da vida airada. Ninho maldito, tivera seus dias de prosperidades, se bem que rapidos desapparecessem no horizonte para uma transição de desamparo completo, cahindo em irremediavel estrago, como um corpo abandonado pela saude. Dir-se-ia que a maldição de Deus pezava sobre aquelle tecto que, mesmo de graça, ninguem o queria. A' força de andar sempre fechado, sobreviera a ruina, esboracando-se o tecto, portas e janellas, esboracando-se igualmente as grossas paredes de taipas. Aquelle corpo estava granguenado, carcomido por fataes padecimentos; e se tivesse alma, não mais se animaria, tão gasto pela corrupção, Tal o antro da deshonestidade, reflectindo assombradoramente na decrepitude o que sempre contivera de perverso.

Mas, um dia, qual se para laval-o de suas enormes manchas, para ali viera habitar uma familia, cujas virtudes e costumes puros eram notorios. Apezar de avisada, acceitou-o; e feitos os devidos reparos, nelle se estabelecera e nos primeiros tempos nenhuma perturbação. E perturbação dizemos, porque era voz corrente que inquilino algum jamais lá permanecera que não se queixasse, ou de doenças mysteriosas e impertinentes, ou de apparições de almas do outro mundo, amedrontando espiritos fracos ou timoratos e supersti-



ciosos. Fosse o que fosse, era certo que ninguem, de modo algum desejava aquelle predio. A permanencia então um pouco longa do casal de certo modo ia desmentindo, e a pouco e pouco desfazendo boatos e impressões geraes a esse respeito.

Dest'arte corriam as cousas, quando inesperadamente um facto bem singular. Ia alta a noite. Profundo silencio e profundo somno naquella casa. Em dado momento a senhora acorda com um clarão intenso, illuminando toda a alcova. No meio dessa, que era bem espaçosa, de joelhos um anjo formosissimo, extendendo a dextra, apontava para certo logar marcado no ladrilho, ao mesmo tempo que rapidamente desaparecia, deixando tudo immerso, como dantes em espessas trevas.

Julgando-se presa de algum pesadêlo, ou de qualquer engano optico, guardou silencio; porém, a mesma scena manifestou-se no dia seguinte ás mesmas horas, e bem assim, terceira vez, não mais repetindo-se. Communicando ao esposo o occorrido, chegaram os dois á conclusão de que naquelle sitio apontado existiria de facto algum mysterio e esse seria indubitavelmente qualquer thesouro e logo o projecto de examinar e cavar, revolvendo cuidadosamente toda a alcova. E metteram mãos á obra; mas, a terra, retirado o ladrilho, mostrava-se intractavel, tão resistente ao gume afiado da alavanca. Deitaram agua por alguns dias, e amollecida aquella parte, suavemente rompera o ferro toda a difficuldade e algumas horas, depois de algum trabalho, eram surprehendidos por espantosa realidade, arrancando a um metro de profundidade uma bella imagem de Nossa Senhora da Conceição, e um grande crucifixo.

---

## O Matuto

Era já tarde, quando alli, luizcafuscosim, eu cheguei na fabica de Santa Barba, casa do Incillintrissimo Cunselheiro da Matta Machado. Era um alarme aquella ferramenta da casa da fabica que um véio me amostrô.

E eu proguntei e indaguei logo onde era a casa do Cunsilhêro da Matta Machado que também me amostraro e me levaro lá.

Cheguei e bati parmas na porta da rua.

— Quem é? me arrespondero por aqui assim, dê lá dê dentro.

— Só eu! arrespondi por aqui assim, dê cá dê fóras.

Veio um criado.

— O que o senhô qu'é?

— O senhô Cunsilhêro da Matta Machado stá?

— Stá, sim Senhô.

— Apois, eu quero vê a elle.

— Entra!

— E eu entrei. E' um home polido e civilisado, home de todo merecimento e dê bens. Me proguntou logo:

— Com passô?

— E eu dixe: — Bens!

Assente-se, me disse elle.

E eu me assentei-me e recostei-me em uma cadêra dê painhas, e elle stava recostado sobre uma rêdes. Aqui metti mão dentro da gibêra, arranquei e entreguei uma carta que elle arrecebeu e se poz a lê.

A carta tinha vindo p'lo correio. A carta stava registrada, lacrada, sellada, estampiada e sinetada, e em ribas de tudo isso cum arrecibo dent'o.

E o cunsilhêro da Matta Machado disse:

— Óia o F". já deve stá bem véio com seus cincoenta anno?

— E eu disse: stá.

— Elle stá bom?

— E eu disse — stá.

— Aquelle cachorro que eu dei a elle, stá bom?

— E eu disse: stá.

— Elle ainda tem elle?

— E eu disse: tem.

E ahi nóis cumversemo: muitas e muitas coisa fina.

Dépoz, eu arrequeri licença pra mode me arretirá pra casa da fabica aônde stava o sacco meu que eu la tinha dé-



xado. Um véio que tinha vindo cummigo foi pricurá emprestado, pru cabo, um couro, onde eu me deitei-me. Stava chuveno. Condo a chuva parô, batero parmas!

— Aqui é que stá o senhor F".?

— E'!

— Apois, o Cunselhêro da Matta Machado stá chamano.

— Antonce, eu ahi tinha chegado de sacco, e stava muito xujo, e disse logo que não ia pruque já stava arranchado.

— Mais, o Cunsilhêro da Matta Machado mandou-le buscá, e eu não vô sáhi d'aqui sem o senhó.

Foi-me perciso sahi; mas porem, eu stava dizeno assim, era pruque eu stava percurano n'alma se la dent'o do meu sacco tinha ó mêno um lançó engomado. Sahimo e encontemo logo o home o Cunsilhêro da Matta Machado, que me levou-me n'uma muraria... aquelle murãozão... aquelle muro grande, aquelle grandó, c'uma jinella e uma porta, uma jinella e uma porta uma jinella e uma porta, até não seio aonde, por alli afóra.

E elle foi e destrancou uma porta e me disse por aqui:

— Senhó F"., aqui é qu'é seu quarto pêra mode o senhó stá á sua vontade.

Condeu emboquei ja era dê noites e eu fiquei égua, de besta que fiquei. Intonce emboquei. O quarto stava todo mubiádo. Parecia qu'eu era uma noiva. O Cunsilhêro da Matta Machado me disse-me:

— Senhó F", até aminhãs!

E eu arrespondi no consoante:

— Senhó Cunsilhêro da Matta Machado, logo mais!

— Steja em sua casa.

— Já stô n'ella Senhó Cunsilhêro da Matta Machado.

E na verdade. No contenente, logo mais, stava o quarto lumiado pru dent'o por uma lamparina a gáz. No mei' da casa stava uma vasilha que parecia uma côxa d'agua. Eu ahi tirei-me o xujeiro que tinha e lavei-me e me banhei-me. Perto dê mim estava uma vandeja cum sabão, escovas e pente. Dê tudo eu percisava; mas porem, pra que queria eu pente, s'eu não tinha cabello... este cabello encoido meu de passôca? Puxei a cadeira dê painhas, toda forrada de uma toaia en-

gommada, cum que m'enxugei-me, e me assentei-me e recostei-me. Pr'um lado stava uma meza forrada de tapetes cum castiçá e uma vela dê pramaséte, dois liv'o, vid'los dê chêro e uma resfriadêra, mas um torno c'uma toaia engommada. A cama stava que fazia mêdo. Fiquei bêsta, bêsta! Aquillo stava um lançó lorde, todo engommado, rendado, trabicêros, fronhas, corchas (quero dizê): cobertó — chamado — esses nosso pae d'egua, mas porem, coisa muito úpe, muito pru ribas, coisa fina... finissima! Eu arribei o lançó, oiei pru báxo da cama e vi um urinó. Tive pensano muito tempo cumo era dê sê: Pramode eu d'eitá n'aquella cama, eu não sabia cumo era, e eu não era tão tolo cuma isso. Nesse buraco macaco véio não mettia a mão, e eu disse: — F, qu'é vê uma coisa? Nada! (E o senhoro é pruque não sabe. La pru ribas fazem dessas coisa, já é pramodes esprementá as pessôa, pensano que são gente atôa — macancro —, e o tolo que cahe na esparrella é logo — tido e havido — arruparado. Sim senhó; mas porem, eu não era tão bêsta cumo eu pensava, e dei licção de mest'e). Tirei bem dê vagasim as côrchas — dito cobertó — chamado — cum dois dedo de cada mão minha, e botei pr'um lado, em cima da cadeira dê painhas. Assim mêmo peguei nos lançó e mais lançosins finissisisimo que stava pru riba do de báxo, que parecia neve condo stá pru riba da serra. Drobei todos. Agarrei com as duas mão o corxãozão que stava leve qui nem penna e drobei elle tambem. Peguei nas corxa, digo, dito pae d'egua, estendi elle; tirei as fronha dos trabiceiro, puis no logá onde eu incalloquei os lançó e assentei-me, e détei-me e me éstirei-me no sofás e me drumi-me. Não precebi quanto tempo adurou o meu somno, pruque, conde'u acordei-me stavam bateno na porta. Eu accódi.

— O Cunsilhêro da Matta Machado stá li chamano pramode bebê café.

— Ja vó! arrespondi por aqui.

Alenvantei-me e me vesti a minha roupa. Ainda bens eu não tinha cabado de vestí, batero segunda vêis.

— Quem é?

— O Cunsilhêro da Matta Machado stá chamano.



— Vór já. Grande foi a minha afflicção. Tinha que fazê a cama.

Na bespa, qu'eu tinha chegado na fazenda fabica de Santa Barba, foi muito cansado. A viage tinha m'esbacuado as força do corpo. Cansado, não pude arrupará cuma era qu'a cama stava feita e me puz a banzá. Desenrolei o corxãozão, estendi os lançó na carreira que não queria mais ficá bem estendido. Puxo d'aqui, elles encóe d'alli; puxo d'acolá, elles encóe d'outra banda.

E nest'es puxa — encóe batero trecêra vêis na porta. Eu já stava assuano suó frio, e corria a unha na testa que stava pingano.

— O Cumsilhêro da Matta Machado stá chamano pramode bebê café.

— Já vó!

E tornei a ferrá c'os demôin dos lançó e lançosins finissisissimo e nunca mais, nunca mais!... Logo mais, acabei; mas porem, comtudo, inda restava, não oubistante, as fronha dos trabiceiro que depressa comecei a mettê dent'o do trabicero qu'eu tinha tirado. Tornaro a batê; mas, porem, desta vêis batêro com toda a força.

— Já vôr já.

— Senhó F. bamos ao café que so stô pru sua espéra. Qui conde o home falou-me assim, ahi é que os diabo dos trabicêrins não queria entrá nos fronha, e era o Cunsilhêro da Matta Machado!

— Stá doente, senhó F.?

— Senhór não! Vósenhoria.

— Ande; ande que stou afflicto.

— Ja vó abrir a porta.

E as fronha e os trabicêrins? Eim?

Eu esbacuava força. Suó tambem esbacuava por todo corpo e nada de trabiceiro entrá ni fronhas.

— Sinhó F, bamos!

Ah!... não tive mais reméido. Condo eu dei fé de mim, ja tinha rasgado as fronhas dos trabicero do Cumsilhêro da Matta Machado. Fiquei coge dôido.

Apaguei a lamparina a gáz que stava ainda accesa, e abrino a porta, encontrei o Cumsilhêro da Matta Machado que m'estendeu a mão:

— Com' passó a noite Senhó F.?

— E eu disse: Bem! Passar bem? Famias bôa?

— Boa! muito obrigado. Bamos ao café.

— E eu disse: Apois, bamo. Mais porem, a gente passa coisas neste mundo!... As fronha rasgada stava sempre adiente de mim e não pude mais me contê. Era percizo eu hi m'imbora logo. Tratei-me de me despedi do Cumsilhêro da Matta Machado que não queria qu'eu sahisse. O dia stava alto e era perciso viajá. Me despedi-me. E o Cumsilhêro da Matta Machado me disse-me:

Aqui tem um amigo ás suas orde. Sempre que por aqui chegá, é o mêmo que sua casa.

— Sinhó Cumsilhêro da Matta Machado, eu não vallo nada ni minha terra, mas porem, não bistante, la no rio de S. Francisco, nas Gamellêra das Mulata, onde moro, lá ás orde de Vósinhoria. Toda vêis que o vosso santo vapô passá pru la, hê de me alembrá de Vosinhoria.

— Bem! me disse elle. Adeus! Adeus!

Elle me fêis uma cortezia e eu outra.

Cond'eu virei assim pr'um lado casualmente, vi que o creado vinha sahino la das banda de dent'o do meu quarto, e dando c'os óios ni mim e embalançando c'a cabeça:

— Oh! o Senhô é um home civilisado!

Mas porem, cum'estava muito longe, eu entendi que elle arrecramava as fronha qu'eu tinha rasgado. Não prestei assumpto; pruque nessas casião a gente fais que não vê. Eu corri e me despedi c'o véio meu cumpanheiro.

Botei o meu sacco nas costa, arrumei as pracata no chão e cavaquei camim neste dia que não brinquei. Coge morro. Que conde bateo hora de armoço brabo, eu já stava cum déis legua da fazenda da fabica da Santa Barba do Cumsilhêro da Matta Machado.



## O Enterro

Morreu a Xica da Cruz!

Noite de inverno, escurissima.

Chuva grossa, abundante, empanturrava as grótas das chapadas, despejando dos altos barrentas enxurradas para as aguas do ribeirão.

A ventania tormentosa gritava na floresta, estorcendo, estallando, esfarinhando os velhos robles.

Relampagos alagavam o céo com fulva luz, succedendo-se fortes, tremendos, rapidos com a trovoada a fragorar, roncando nos Geraes.

Na choupana da finada Xica os que estavam de sentinella ao cadaver, assombrados com a tormenta, deitando-se de bruços com a bocca collada no chão, batiam nos peitos pedindo — Senhor Deos — e em voz baixa, amedrontados, resavam o officio de Nossa Senhora.

Quando mais tarde amainou-se a furia da tormenta, aquella rude gente não sabia a que atinar-se, e necessario era vestir a defuncta; mas a defuncta não tinha roupa; era muito pobre.

Que fazer?

— Aqui, quem sabe de tudo, é a véia Demetra qu' é a sujona do logá.

— Pois bamo na casa della.

— Bamos!

E dois caipiras foram batendo lama á procura da Demetria, a doctora curandeira de feitiços e mandraculas dos arredores.

Somno de pedra, custou muito acordar e abrir a porta; emfim, abrio sempre, recebendo a embaixada e as dificuldades da morte, não deixando de resmungar:

— Um! Que noite escura cuma breu! Noit' assim é máo agouro pra quem morre. Vocês são de corage! Não seio cumo a tafula da Xica não veio encontrar com vocês no camim. Ella era muito inzoneira, (Deos te perdoe!) Agora, cês senta ahi, deixe acabá de me vesti.

E a Demetria retirou-se um instante, reapparecendo logo a concertar e a amarrar na nuca uns simulacros de oculos que, despencados, de azas cahidas, escangalhavam, escarrapachavam-se na ponta de um nariz de borraina.

— Já vestiro a defuncta?

— Nhar não!

— Oxé! Pru via de que? Que stão fazeno?

— Ninguem sabe cum'é... não hai roupas, não hai nada sem vancê.

— Ora, ora, ora... s'isto não seráes... cruis! Roupa não precisa; não hai um vestido preto?

— Nada! nam tem nada, nada mêmo! nem tempo se tem de se mettê argum qu'apparecê na tinta, e stá choveno... Agora as muié arranjaro lá um vestido, mas porem, é de chita e de chita fais má.

— Eh! e fais má mêmo; e pr'ella não pená nas penas do purgatóro; agora mêmo bamos mettê o vestido no aní c'urina que é bão pra não largá a tinta.

— Ora, o mió é qu'ancê mêmo fosse arrumá, pois ninguem sabe aperpará.

— Isso não tem que sabê e n'este causo bamos pra lá.

E a Demetria trancou a porta e partio para a casa da defuncta, onde começou a dar ordens.

— Cadê-lo o vestido?

— St'a aqui; respondeu uma das mulheres.

— Venha c'a gamella, c'o ani socado, c'um mocado d'urina; dá cá pra cá.

Instantes mais, e a Demetria ensopava um velho e esfarrapado vestido de chita na exquisita mixtura da gamella, e, remoendo grossa lasca de fumo, cospinhando toda a salla, indagou:

— Já rezaro vocês o ufriço pra defuncta?

— Nhar não que não sabemo. Vancê, que é a tiradeira, só vancê é quem sabe.

— Vão rezano, em co ntoeu vou metteno a roupa na tinta.

E uma vozeria rompeu o officio de Nossa Senhora, cantando tambem a Demetria.

e o tempo que stá bão. Oia, que quem morre da malestra ruim (ave-maria — ave-maria), cum'ella morreu, se não se enterrá antes do sol sahí, não entra no ceo, nem a páo.

E a Demetria religiosamente obedecida vio o cadaver mettido em uma rêde, enfiada a um comprido caibro de pereiro.

Hora de partir.

— Tira o bemdicto da viage; gritou ella.

— Só vancê tirano premêro a ladainha.

— Tu n'é qu'é a sabona d'indagora? Apois tire lá.

— Nhar sim! (Que qui qué, canguêra veia)?

— E depressa!

— Nhar sim! (Un! un! Cruis! Diabo da baguassú!)

Seguio-se a ladainha cantada!

— Deos no dijitoro meu intento.

Côro — E' de Domingo, é de Joanna é de m'ea Fostina.

— Karié leisone, Kiristelé leisone.

Côro — Kiristé ai de nois! Kiristé ai de nois!

Patra de coeli Deó,
Fio Redemptô, mãi de Deos,
Espirito Sant'é Deos,
Santa Trinítra ãi-nos Deos,
Santa Maria,
Santa Degena,
Santa Virga Virgenôos,
Matere Christié,
Matem Divin'é Gracis,
Matem Puriss'ma,
Matem Castiss'ma,
Matem Violata,
Matem Nontemberada,
Matem é Amabilé,
Matem Indimirave,
Matem Creatoro,
Matem Sarvatoro,
Virg'ó Prudentiss'ma,
Virga ó Venerandia,
Verga o Pé de canna,

Verg'ó Pote,
Verg'ó Creme,
Verg'ó Fidelio,
Espeque na justiça,
Sede Sapiencia,
Causa na Estrella triste,
Vais Espirituale,
Vais in é' norabe,
Vois insina Devociona,
Roza é a mystica,
Tôrre é de Davidia,
Torre na Buna,
Domi é nos are,
Fredelis arca,
Jonna na sella,
Estrella matutina,
Salo Zenfermoro,
Refugio Peccatoro,
Consolaste os afflictoro,
Oxilio Christionoro,
Rege no Angeloro,
Rege no Patriorchoro,
Rege no Prophetoro,
Rege no Postoloro,
Rege na Martirois,
Rege na Confessoro,
Rege na Vi'ge,
Rege na Santaruãona,
Rege na Sacratiss'ma meu rosaro,
Rege na Maculada Conceiciona,
Senhô Sant'Antonho,
Ag'é nos Deos qui tanos pecado é mundo.
Côro — Pais é nois é Dominé.
— Agu'e nos Deos que tanos peccado é mundo.
— Ai de nois é Dominé.
— Agu'é nos Deos qui tanos peccad'é mundo.
— Misasere é nobre.

— Óia, por esta vêis passa, mas, da outra, não caia n'outra. Pra defuncto nem se pede Senhô Deos, nem Agua é nos Deos, pruque tem-se visto o defuncto s'alevantá pra batê nos peitos; ralhou a Demetria e accrescentou com voz de commando:

— Bamos-nos embora minha gente. Já passano da hora. Cantemos agora o da viage da despedida, mas, sunga a a rêde premeiro.

Dois vigorosos pulsos agarraram o páo da rêde e pozeram-se a caminho todos os camponios e mulheres da visinhança, cantando o bemdicto da viage da despedida:

A premeira cantada do gallo,
Onde o gallo se cantou,
S'encontrou São Bertolameo,
S'encontrou e se carçou.

Côro

Vai, pexão!
Vai un'stá Nó Sinhô,
Pexão!

Onde vai, Pedro, onde vai?
Eu vou comvosco, Sinhô!
Chegou lá mais adiante
Com S. Pedro s'encontrou.

Vai, pexão! etc.

Eu bem disse a Pai Mané,
Que não fosse turiá,
Agora, pru sê temoso,
Pai Mané vai s'enterrá.

Aqui o côro foi interrompido pela viagem. A defuncta pezava extraordinariamente.

— Dê uma surra n'ella, ordenou a Demetria. Corta umas varas bem verde. E' ella c'os peccados d'ella.

Um feixe de varas foi cortado, e sem perda de tempo, dada a surra.

— Caminha pro sagrado, Xica da Cruis!

— Caminha pro sagrado, Xica da Cruis!

Caminha! Caminha!

Após dez minutos dessa surra o côro entoou:

Vai, pexão!
Vai un stá Nó Senhô,
Pexão!

Nossa Senhora pedio
E dexou p'o espriença,
Qu'ó dispois do corpo morto,
Não vale mais penitença.

Vai pexão, etc.

E assim chegaram ao cemiterio, onde, ajoelhados, assistiram abrir a cova e n'ella sumir-se o cadaver da Xica da Cruz.

# — Glossario —

**A**

*Abe* — apto.
*Adio!* — nunca, quando! não vê!
*Alhas* — aliás.
*Avoar brejo* — retirar-se para longe.
*Aboletar-se* — acomodar-se.
*Arêas gordas* — inferno ardente.
*Arrupia-cabello* — de detraz para diante.
*Agua bruta* — cachaça.
*Adeos! m'ea onça!* — Adeos, minhas encomendas!
*Acaudelado* — abatido como um cão.
*Alafrées* — trapos, molambos.
*Agigo* — geito, tretas, velhacarias
*Artefiço* — pequeno côrno de boi, cheio de algodão queimado para fogo do fuzil.
*Acão!* — Eis-me aqui!
*Ademe!* — Contenha-se! Caluda! Tem-te lá!
*Abercar* — lançar mão com violencia, abarcar.
*Ané da fama* — anais da fama.
*Almoço brabo* — dez para onze do dia.
*Azogada* — arrepiada.
*Arrispitivo* — a respeito de que...
*Alarme* — um — um mundo de cousas.

**B**

*Bongar* — andar atôa, ás tontas
*Babos onico* — sem mais nem menos, de graça.
*Bancar* — tomar assento, fazer-se de importancia.
*Bisoronha* — sombração, pantomima.
*Bambariado* — avariado, tonto, desorientado.
*Bocave* — aúdacia,
*Bater o gró* — morrer.
*Braulim* — Brawing — revolver.
*Batarìa* — barulho continuo.
*Bracafusada* — assoada.
*Brucutú* — cair de bruços.
*Brancolim* — bromo quinino.
*Bater o vinte e sete* — morrer.
*Botecar* — arregalar (os olhos)
*Branquifesta* — Folguedo, assoada, barulho.
*Bosinar* — falar tolices, tocar ou cantar aborrecendo.
*Bacular* — adular.
*Bumba-canastra* — cair de pernas para o ar, embolado.
*Bangolar* — andar, estar atôa, desocupado.
*Berivana* — egua-velha.
*Bruziguiada* — cachorrada, enredo.

**C**

*Cornimboque* — Chifre de boi com fumo, torrado.
*Cangocheiro* — moleque de marafona.
*Casamento do fusil* — casamento civil.

*Coucovio* — sociedade.
*Cumilidade* — comunidade, reunião.
*Cidade de pés juntos* — cemiterio.
*Capeba* — feiticeiro.
*Clementina* — terebentina.
*Cimba* —
*Colunhado* — combinado.
*Cafageste* — geste de nenhum valor.
*Caralmentes* — falar cara á cara.
*Cajuleoro* — de dar e tomar
*Cudio* — andar de — andar afflicto
*Codio* — andar de — andar afflicto.
*Catação* — aranzel
*Castionação* — questiunculas.
*Chacra* — fuá.
*Cahir no meu monte* — investir contra mim.
*Cafangar* — dar o cavaco.
*Coge* — quasi.
*Criangús* — caliangús — ave noturna.
*Caxicoló* — gentalha.
*Cavaêro de indusca* — cavaleiro de industria.
*Cousa feita* — feitiço.
*Cerepite* — sepultura.
*Cadê* — o que é feito de...
*Caitó* — casa pequena, rancho.
*Canguixa* — horizontal

**D**

*Dung* — valentão, forte, primeira carta no jogo de azar.
*Desna* — desde.
*Dar couro ás varas* — morrer.
*Desmarmuriado* — desapontado.
*Destrabanado* — desorientado.
*Descapivarar* — desnortear, desconfiar.
*Desunerado* — degenerado
*De supra* — inesperadamente.
*Despatriarcado* — falto do necessario.
*Distrisiado* — nas espinhas, magro.
*Den* — dentro.
*Desempanbado* — desembaraçado, sem rebuços.
*Degagé* — pelintra — andar no — nadar lorde.
*Dar pancas* — celebrisar-se.
*Destrangolar* — estrangular.
*Debruçar fôgo* — dar fôgo renhido.
*Disbiliquido* — magro.
*Dinificar* — edificar.
*Disga* — desgraça.

**E**

*Escrilinha* — o minimo pedaço de uma cousa.
*Escaroso* — terrivel de suportar-se, selvagem.
*Entregar a rapadura* — morrer.
*Estremifugio* — ousadia, clamor.
*Entrar sellado n'aragem* — morrer.
*Eitos* — ancias — afflicção — entrar em...
*Esbagunçar* — esminçar.
*Encasquetar* — estar convicto.
*Enganjo* — recrutamento.
*É nove* — é — sem duvida.
*Encanzinar* — aferrar no vicio, embirrar, teimar.
*Estribute* — escorbuto.
*Embellecar* — envolver — embellecos, negocios mal succedidos.
*Embruxo* — enredo.
*Entrosa* — intriga.
*Evinha* — lá vinha.
*Esburnecar* — contar tim tim, por tim tim, por meúdo.
*Estabafonetico* — sarapantado.
*Endurecer os lóros* — morrer.
*Esgatear-estrebuchar* — escarrapachar.
*É moleque* — estou longe, não sou capaz.
*Esbaforido* — aterrado — cansado.

**F**

*Fute pá* — morrer, cahir incontinenti.
*Furdunsco* — scismar, turras, toleimas, pedantismo.
*Festige* — vestigio.
*Frogodô* — fallatorio — altercação.

*Fididignia* — fidedigno, gente de fé.
*Famaliá* — o diabo preso em garrafa, em fórma de mosca.
*Farrambage* — membros inferiores.
*Findingá* — horizontal cheia de fumaça.
*Fesse* — fetido.
*Frepéla* — horizontal inferior.
*Fenonco* — phenomeno.
*Fum!* — Pois bem, pois não, desafôro!
*Forrobodó* — dansa.
*Furrubá* — arenga.
*Fruvióca* — miólos.

G

*Gipira* — coceira.
*Geleiro* — veloz.
*Gavuzão* — capóte de baêta.
*Gumitoro de vapo* — chicotadas.
*Gerivá* — assoada.
*Gruguda* — desafôrada.
*Grandô* — tamanho.
*Gimbá* — lidar, estar com peso, carregar.
*Gerematias* — teias de aranha.

H

*Héba* — tolice, doidice.

I

*Incasquetar* — convencer-se.
*Impé-impé* — parado.
*Impô* — ora pois.
*Inzoneira* — cheia de maluquices.
*Induscas* — astucias, cavalleiro de industrias, velhacão.
*Ingrezias* — misturas, beberagens.
*Incazinar* — afincar, ficar pensativo, teimar, embirrar.
*Inconvença* — encomenda.
*Ipóte* — hypothese.
*Indêsna* — desde que.
*Inlivia* — por outra via, por portas travessas.
*Intife* — atôa, baixo, pequenino.
*Impreve* — impede, prohibe.
*Inzoneira* — embusteira.
*Incausada* — dôr—dôr que não muda
*Istantim* — instantezinho.
*Intrepetado* — errado, duvidoso, enganado.
*Intropetis* — entrementes.
*Isbilichar* — distribuir por meudo.
*Incafinfar* — molestar.
*Infincança* — teima.
*Incolumença* — litigio, duvida.
*Indroma* — astucias, mentiras, engano.
*Incalistar* — teimar, embirrar.
*Infernizim* — frenezi.
*Inzipra* — eryzipela.
*Incalamechado* — unido.
*Inhaca* — mal estar.
*Incomplicada* — de visitas.
*Ingrime* — sem mais nada.
*Indiligente* — intelligente.
*Incantidade* — profusão.
*Infitetico* — desprezivel.
*Inbodar* — enganar, mentir.
*Incantumé* — pobre diabo.
*Inzoneira* — rabujenta.

J

*Jalecar* — suspirar, saculejar.

K

*Kem* — kem! que pena.
*Kum* — kum — não!

L

*Leprêgo* — conversa fiada.
*Lisar banco* — estudar.
*Livosia* — sombração.
*Lazarando* — gemendo atôa.
*Liforme* — uniforme, fato.
*Limão com soda* — sal e vinagre.
*Rosalgar* — individuo vermelho.
*Levar os pilate* — acabar de uma vez.
*Lambecado* — mal vestido.

*Latumia* — sombração, uivo.
*Lapo* — lanho.
*Lodaça* — tretas, velhacarias, engano, negaça.
*Lutrido* — adiantado, atrevido, mettido a sebo.
*Lavaé* — chingueiro.
*Locó* — atôa.
*Lambugezinha* — pequena quantidade.

**M**

*Máo Fredorico* — Diabo.
*Michelo* — de Michela.
*Monsuado* — empolado, lanzudo, encorujado, tristonho.
*Mofumbado* — retrahido, resguardado, escondido.
*Macacôa* — estar de mururú, doente, sem coragem para trabalho.
*Milodença* — miudeza, embustes, picuinhas, mexericos,
*Malinconia* — melancholia.
*Milondade* — fallas altas, empoladas.
*Manparra* — trêtas, combinação, estar, de alcatéa.
*Marfabetico* — analphabeto.
*Maludo* — malcriado.
*Malacafento* — doente de maleitas.
*Mammar na Paula* — estar a atôa.
*Matinada* — barulho ao longe.
*Mulestras supra* — morte repentina.
*Messegeiro* — arengueiro, embusteiro, mentiroso, intrigante.
*Macota* — astucioso, velhaco.
*Macombé* — enredador.
*Misti o* — visinho, parede ao meio.
*Micholena* — lamuria.
*Marimbudo* — pançudo, moribundo.
*Mitrado* — ladino, espertalhão, astucioso.
*Morrer mão* — agarrar com violencia.
*Mocô que* — como que.
*Mocô* — como.
*Macanico* — pessôa do povo não educada, tola.
*Mistriás* — materiais.
*Mangirica* — feitiço.
*Marmuro* — estar de — estar encapotado, triste.

**N**

*Nariz de sellim de banda* — nariz de azas cahidas.
*Non prosulta* — nec plus ultra.
*Negrão* — é—negrão, superior, optimo.
*Nhar sim!* — sim senhora.
*Nhôr sim!* — sim senhor.
*Nem minha!* — não faço caso, não me importo.
*Não ostia* — não obsta.
*Nem tomada nem mandada* — nem noticias, nem querer graça com o individuo.
*No consoante* — immediatamente, dar no calhar, vir a talho de foice, dar na pancada, vir a proposito.

**O**

*Olo* — óleo.
*Olhar pro torno* — nascer no captiveiro
*Oxente!* como sem duvida, minha gente.
*Odacio* — audaz.

**P**

*Pães e bandangue* — badulaques.
*Pra mode* — por amor de — por causa de como que . . . — para.
*Poem-te-empé* — nas pontas dos dedos dos pés.
*Pam!* — Zás!
*Prêbas* — plébas, prosa.
*Prosa* — predica.
*Puia* — palavrada; jogar puia, dar a fallar, conversar com liberdade.
*Pantomia* — pantomina — caçoada.
*Papubrucutú* — assoada continua.
*Premoves* — novidades.
*Pedra della* — pedra d'ara.
*Passadagem* — sapatiados, molecagens, velhacarias, furtos.



*Parrochêdo* — caçoadas de máo gosto, máos costumes.
*Phenonco* — phenomeno.
*Papacovo* — punhal afiado, carabina 44.
*Principôsto* — proposito.
*Pruvia* — por motivo de
*Pleino* — premio.
*Prementes* — permanente.
*Pisar no gró* — cahir no engano.
*Parrampanpan* — proeza.
*Pelherma* — marafona.
*Pito* — cigarro.
*Panquéra* — bezerro magro, rio cheio.
*Pena pec ante* — de balde.
*Piluxia* — conversa fiada.
*Preto véio* — o diabo.
*Plisicopeia* — no dengo, no rigor.
*Prixume* — ladineza.
*Pilondade* — fallar na — fallar cousas altas, na pabulagem.
*Pestana* — lisa — cobra.
*Páu da guiaba* — espingarda do governo.
*Pornostico* — pernostico, prosa.
*Pro cabo* — por fim.
*Pro ribas* — por cima.
*Podarcada* — copo de cachaça.

**Q**

*Quenga* — barulho.
*Quinqui* — ahi.

**R**

*Renrenren* — intriga.
*Resmelengue* — acirrado, aborrecido.
*Reconco* — reconcavo.
*Resolve* — revolver.
*Rebendita* — de proposito.
*Rêdo* — instrumento de madeira para torrar farinha.
*Retentiva* — ganancia, gana.
*Rispe* — oleo de — oleo de ricino.

**S**

*Surupenbada* — assanhada.
*Sarandí* — espinhal.
*Sieba* — jacaré.
*Sambaibeiro* — velho.
*Sundunga* — de pataca, casacão de fazenda barata.
*Sirieiro* — desconfiado.
*Sisturdia* — outro dia.
*Subacar* — furtar com violencia, metter debaixo do braço, arrebatar.
*Santos Paschoá* — sirio paschoal.
*Sánto Len* — Santo Lenho.
*Solicidar* — suicidar.
*Suburgue* — suburbio.
*Serepite* — sepultura.
*Sujão* — cirurgião.

**T**

*Tafuiár* — atarracar, metter por força.
*Tampar fôgo* — fazer fôgo, atirar.
*Travanquante* — gole de cachaça.
*Tabefe* — bofetada.
*Trendenden* — tinir do dinheiro.
*Toco de matar cobra* — homem máo.
*Toco de marrar onça* — homem feio.
*Tamancudo* — valentão.
*Trabucador* — negociador, agenciador.
*Têba* — freguez — pessôa velhaca.
*Tirira* — girar, virar, virar alma, desapparecer, virar poeira.
*Torar* — andar.
*Tembos* — em — em termos.
*Temblano* — temendo.
*Tribuzana* — barulho.
*Tafula* — fulano.
*Terrenar* — caçar peixe pelo meio do rio.
*Trabulanças* — negocios pequenos.
*Tei — mão* — socêga, tenha mão!
*Tendepá* — assoada.
*Taipeiro* — montão de cousas.
*Talaverada* — de qualquer modo feito.

**U**

*Uai* — Oh! sim.
*Uê?* — Assim, como assim, sim não.
*Uai uai, uai uai!* — Quem Deos prou-

vera! Isto é serio?
*Uã!* como?
*Ufum!* Não vê!

V

*Vapo* — zás.
*Verbos a matar* — concernente a assassinar.
*Vurto* — ir ao — bater no posterior de alguem, bater em alguem.
*Venção* — vencimento, fim.

X

*Xerivar* — assoada, mistura, beberagem.
*Xamboqueiro* — ordinario.
*Xambecar* — debicar.
*Xupão* — cancro.
*Xaramanduscá* — taca.
*Xarravascada* — barulho, assoada.
*Xen xen* — gente.
*Xenxen* — oh! não, não é possivel.
*Xenxen* — dinheiro antigo — de cobre.
*Xongue* — dinheiro — cobre.

Z

*Zaminado* — estupido, enraivecido.
*Zuretado* — doido.
*Zelão cardico* — lesão cardiaca.
*Zumzum* — assoada.
*Zazarando* — andar ás tontas.
*Zanzolar* — estar atôa.
*Zurupar* — furtar.
*Noriz de burraina* — de ventas muito abertas — ventas de burro.
*Canguéra* — caveira.
*Baguassú* — velha, feia e gorda.
*Turiá* — tourear.
*Fecha-fecha* — briga, escaramuça.
*Impiticar* — embirrar.
*Xurumella* — choradeira.
Tornando se bêsta, — divertir-se á custa de alguem, menosprezar injuriar.
*Siôu* — Senhor.
*Non-sê-quizera* — safado, semvergonha.
*Pererê — pererê* — andar, vagar.
*Isgandanhada* — desgrenhada.
*Parrochedo* — diterios de máo gosto, tratantice, velhacaria, fraude.
*Sastifa* — satisfação, desculpa.
*Miguelar os olhos* — arregalar os olhos, amendrontar alguem.
*Rebordosa* — desfeita, pito, desmoralisação.
*Engeroçado* — aborrecido, nervoso.
*Cerca — lorenço* — turra. (cerca-lorenço)
*Mod'* — como.
*Bruburús* — beiçudo.
*Quinta-feira de bebedos.* — sucia de bebedos.
*Recilinga* — piolho de galinha.
*Lodaça* — trapassa, tregeitos, ditos brejeiros.
*Meu doente* — de mim doente.
*Pintar o sete* — atrever-se muito.
*Mancar* — faltar.
*Abrir o chambre* — correr a todo o pano.
*Dstabaforido* — esbaforido.
*Lindinha* — cachaça.

# Indice


| | pags. |
|---|---|
| A mãe d'agua | 9 |
| O lobishomem | 18 |
| A onça — Borges | 28 |
| A mulla sem cabeça | 48 |
| O carro que canta | 52 |
| A serpente | 54 |
| O menino e o dourado | 57 |
| O cabloco d'agua | 58 |
| A Zellação | 59 |
| Audiencia do capeta | 61 |
| O bixo — homem | 67 |
| Caapora | 69 |
| O Tres bundas | 71 |
| Paz e sacrilegio | 79 |
| Paulo de Santo Antonio | 80 |
| D. Juan | 89 |
| O Corrêinha | 94 |
| Rogerio e Raymundo Piston | 98 |
| Rui do Rozario | 103 |
| O arengueiro | 107 |
| O carga de sêbo | 109 |
| O garutubano | 112 |
| A briga | 116 |
| O cacimbão | 118 |
| Os cães | 126 |
| O curador | 129 |
| Um mysterio | 104 |

O Capão do Livinio ..... 149
A grinalda ..... 155
Os queijos ..... 158
Páos d'agua ..... 163
O desmamado ..... 168
Casamento a facão ..... 171
A pauta ..... 177
Os diamantes do Tejuco ..... 185
A filha do general emboaba ..... 193
Seu Thomé ..... 198
O Thesouro ..... 210
O matuto ..... 211
O enterro ..... 217